

# DOZE TEXTOS EGÍPCIOS DO IMPÉRIO MÉDIO

TRADUÇÕES INTEGRAIS

TELO FERREIRA CANHÃO



IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)



I N V E S T I G A Ç Ã O



**EDIÇÃO**

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Email: [imprensauc@ci.uc.pt](mailto:imprensauc@ci.uc.pt)  
URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)  
Vendas online <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

**CONCEPÇÃO GRÁFICA**

António Barros

**IMAGEM DA CAPA**

Cabeça do rei Senuseret III (Império Médio, XII dinastia, c. 1860 a.C.)  
Museu Calouste Gulbenkian - Inv. n.º 138  
© Museu Calouste Gulbenkian  
Foto: Catarina Gomes Ferreira

**INFOGRAFIA**

Carlos Costa

**EXECUÇÃO GRÁFICA**

Coimbra Editora

**ISBN**

978-989-26-0303-2

**ISBN Digital**

978-989-26-1156-3

**DOI**

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1156-3>

**DEPÓSITO LEGAL**

353367/13



# DOZE TEXTOS EGÍPCIOS DO IMPÉRIO MÉDIO

TRADUÇÕES INTEGRAIS

TELO FERREIRA CANHÃO

IMPrensa DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)

## SUMÁRIO

Prefácio .....	7
Introdução.....	11
1. Khufu e os Magos.....	49
2. História de Sinuhe .....	71
3. Conto do Náufrago.....	91
4. Conto do Camponês Eloquente.....	101
5. As Admoestações de Ipu-uer.....	125
6. Diálogo de um Desesperado com o seu <i>Ba</i> .....	147
7. As Profecias de Neferti.....	157
8. As Lamentações de Khakheperréseneb .....	167
9. Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret.....	173
10. Instrução Lealista .....	179
11. Instrução de Kheti.....	187
12. Hinos a Senuseret III .....	201
Bibliografia .....	207
Abreviaturas, siglas e títulos utilizados.....	237

(Página deixada propositadamente em branco)

## PREFÁCIO

Recenseando um volume de homenagem em que a maior parte dos colaboradores eram mestres em História e Cultura Pré-clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vasco Mantas escreveu (cito de cor) que trinta anos atrás ninguém imaginaria que os Estudos Orientais atingiriam tal ponto em Portugal. As teses de doutoramento em Assiriologia e sobretudo em Egiptologia confirmaram o juízo crítico do professor coimbrão. Foi precisamente na preparação da dissertação de doutoramento de Telo Canhão que surgiu esta versão dos textos originais egípcios – a primeira no espaço da lusofonia.

Que certos textos mereceriam o rótulo de «literários» percebeu-se desde cedo. G. Maspero deu à estampa um livro de «contos populares» egípcios (1882). A. Erman distinguiu entre «narrativas», «contos de fadas», «Instruções» e «epopeia» (1885). Mais tarde, tratou da «literatura dos Egípcios» em estudo pioneiro (1923). G. Posener debruçou-se sobre «Les richesses inconnues de la littérature égyptienne» (1952) e depois sobre «literatura e política» no Império Médio (1956), sem se dar ao trabalho de dizer o que entendia por «literatura». A análise de cada espécimen e a sensibilidade do estudioso é que levava a rotular certos textos de «literários». Não se partia de uma «base teórica do discurso literário no Egito» (A. Loprieno, 1991). Faltava a definição dos conceitos. Na esteira de Erman, egiptólogos mais modernos e internacionalmente reconhecidos descrevem a história da literatura do Egito antigo em italiano (S. Donadoni, 1967) e alemão (H. Brunner, 1966), ou traduzem para inglês uma volumosa antologia em três tomos (M. Lichtheim, 1973-1980), sem curar de definir «literatura».

Foi preciso chegar à década de 70 do século passado para o problema ser encarado de frente. Pertence o mérito a J. Assmann, que na recensão do volume sobre literatura do *Handbuch der Orientalistik* (1970) chamou a atenção para a velha «falta de clareza no fundamental» («Unklarheit im Grundsätzlichen», 1974). O «fundamental» era a noção clara do que é literatura, aplicada aos textos egípcios. O egiptólogo de Heidelberg parte do formalismo russo, em que a literariedade de um texto se liberta de definições substanciais como dicção poética, forma (v. g. métrica), temática, formulação (v. g. metáfora) e se baseia no «sistema» e na «função» (correlação quer com a série literária quer com a extra-literária). Textos literários só se entendem no todo da função para que foram escritos e podem-se definir negativamente: são independentes de determinação funcional, «situationsabstrakt» («isento de situação», com ligeira variação linguística), na terminologia de Karl Bühler. Tal é o caso do *Diálogo do cansado da vida com o seu ba*, *das Lamentações do Camponês*, do *Náufrago*, de *Sinube*. Não se vê em que contexto prático poderão ter sido utilizados – nem na magia, nem na administração, nem na adoração, nem na evocação do Além.

A. Loprieno escuda-se no estruturalismo europeu. O egiptólogo italiano começou por aflorar a questão num caso de estudo – o conto do *Náufrago* –, onde lançava a questão de determinar «a base teórica do discurso literário no Egipto» (1991). O *Náufrago* foi um balão de ensaio dentro de ideias claras do autor sobre a essência do literário. Quem pretendia identificar a ilha na geografia do Próximo Oriente ou perguntava pela matéria ou cor da serpente (ouro ou lápis lazúli?), pela natureza e dimensão da barba, se representava o rei, Ré-Atum ou o destino, passava ao lado da questão essencial: em que medida é o conto verdadeiramente literário? Por outras palavras, permanecia-se ao nível referencial, quando a questão era de auto-referencialidade ficcional. «Ficcionalidade» não significa obviamente «falsidade» (que é outra vez uma categoria dos textos não fictivos); significa simplesmente que o autor pode contar com a sua «comunidade secreta» com o leitor, com a cumplicidade deste em aceitar as convenções do «mundo possível» do primeiro. O mundo ficcional não é idêntico ao da própria realidade actual (para o Egipto, antes idealizada)» (1996).

Curiosamente, quase todos os exemplos apontados pelos dois autores provêm do Império Médio. Não que o fenómeno literário no Egipto antigo se esgote aí. J. Assmann acrescenta justamente o conto dos *Dois irmãos*, do Império Novo. Por mim, não hesito em juntar a requintada lírica do mesmo período. Como quer que seja, o Império Médio ficou como período áureo da produção literária do Egipto antigo, atingindo a língua egípcia o estatuto de «clássica», reconhecido e seguido até à reforma de Amarna.

Duas novidades marcam a literatura egípcia (em sentido lato) do Império Médio, uma de forma e outra de conteúdo. Formas novas como o conto, a narrativa e a profecia. Novo é o espírito que perpassa no conteúdo tanto das novas formas como das tradicionais. A Instrução envereda pela política: discurso do trono de Sesóstris I (Senuseret) posto na boca e na autobiografia do pai, que narra o próprio atentado de que morreu (Amenemhat I). Já Merikaré fizera o mesmo. A *Instrução Lealista* exorta à lealdade estrita para com o faraó reinante, fonte de bem-estar a todos os títulos. As *Lamentações do Camponês* são o melhor da teoria moral do Egipto antigo, em torno do conceito de *maat* (justiça, ordem recta, harmonia total de cosmos e sociedade). *Ipuwer* e *Cansado da vida* refletem sobre o mundo e a sociedade em aproximações teológico-filosóficas.

Não há dúvida de que, ao lado da arte, um dos pontos altos das civilizações pré-clássicas no dizer de S. Morenz, o Egipto antigo produziu uma abundante literatura. A religião egípcia resistiu ao embate do cristianismo, propagou-se até ao império romano, mas acabou por morrer quando Justiniano deportou o último sacerdote para Constantinopla. A arte aguentou a passagem do tempo e as malfetorias dos homens. Estudos sérios desfizeram as considerações negativas de J. J. Winckelmann e Goethe e restituíram a grandeza e a beleza da arquitectura, da escultura e da pintura egípcias. Também a literatura, resgatada de templos e túmulos, continua viva.

Contos e narrativas do Império Médio, agora traduzidos para a nossa língua a partir dos hieróglifos originais, são bem capazes de interpelar e deleitar quem tiver um mínimo de sensibilidade e sentido estético. Elevação, tensão e ironia, prosa e poesia, liberdade narrativa e sentido

áulico (nos hinos ao faraó) permeiam a *Narrativa de Sinube* (um exilado político mal adaptado à barbárie da Ásia e saudoso da pátria civilizada). Acompanhe-se o «Passeio Náutico» entre as margens frondosas do lago real, remadoras mal vestidas desviando da paisagem a atenção do faraó. Leiam-se os outros contos do *Papiro Westcar* (faraós e príncipes em papéis sérios, e burlescos outras vezes), o conto do *Náufrago* isolado na ilha deserta, frente a um deus solitário e ao destino, cheio de saudades da esposa amada que espera abraçar uma vez desembarcado são e salvo. Quem se deleitar com a chamada «Sátira dos Ofícios» (carpinteiro arriscando a vida nos madeiramentos das casas para mandar o salário à família distante, lavadeiro sempre receoso de eventual investida do crocodilo, passarinho que vai à caça sem rede, oleiro fossando no barro como o porco, sapateiro a lidar com peles como se fossem cadáveres) até se esquece do aspecto mais sério da *Instrução de Kheti* – publicidade à difícil arte de escriba, em escombros com a burocracia no confuso Primeiro Período Intermediário. Enfim, obras de leitura aprazível tanto no remanso de uma biblioteca como no lazer das férias, na praia, no campo ou na montanha.

*Alburiel (Ourém), 10 de Agosto de 2012*

*José Nunes Carreira*



## INTRODUÇÃO

A quase totalidade dos manuscritos dos textos agora apresentados, foram desenraizados dos seus lugares de origem sem que fossem feitos quaisquer registos exactos desses locais, por isso são razões fundamentalmente circunstanciais, derivadas de análises contextuais e filológicas, e o cruzamento com outros textos, que nos levam a admitir termos reunido um conjunto de textos egípcios que podem ser datados com segurança como sendo do Império Médio. Alguns dos referidos manuscritos foram reencontrados já na Europa, em arquivos de museus, sem que se saiba como chegaram até aí, como é o caso do *Papiro São Petersburgo 1115*, que contém o *Conto do Náufrago*, descoberto em 1881 por W. Golénischeff, num armário do Museu Imperial de São Petersburgo. Outros foram adquiridos por coleccionadores em épocas recuadas, onde o saque e a falta de controlo por parte das autoridades eram uma realidade, acabando grande parte deles por integrar inventários de museus, um pouco por todo o mundo. No fundo, uma época onde a ciência ainda não triunfara fazendo surgir a egiptologia, sendo antes palco da egiptomania que se alimentava do árduo trabalho de aventureiros e saqueadores.

A propósito dos manuscritos do *Conto do Camponês Eloquente*<sup>1</sup>, por exemplo, Gustave Lefebvre afirma que é um texto escrito «na bela língua

---

<sup>1</sup> O *Conto do Camponês Eloquente* chegou até nós graças a quatro manuscritos sobre papiro: o *Papiro de Berlim 3023* (B1), o *Papiro de Berlim 3025* (B2), o *recto* do *Papiro Butler* ou *Papiro BM 10274* (Bt) e o *recto* do *Papiro do Ramesseum A* ou *Papiro de Berlim 10499* (R). Existem ainda pequenos pedaços dos dois primeiros manuscritos designados genericamente por *Papiro Amberst* (A), sendo o *Papiro Amberst I* constituído pelos fragmentos A-E de B1 e o *Papiro Amberst II* pelos fragmentos F-G de B2.

da XII dinastia»<sup>2</sup>; Oleg Berlev, baseando-se no título de um funcionário que consta no texto, chamado Rensi, *mer-per uer (mr-pr wr)*, situa-o na XII dinastia<sup>3</sup>; Pascal Vernus, através de uma demonstração puramente linguística, acredita que o *Conto do Camponês Eloquente* terá sido escrito na segunda metade da XII dinastia<sup>4</sup>, durante ou depois do reinado de Amenemhat III e nunca depois das *Admoestações de Ipu-uer* e das *Lamentações de Khakheperréseneb*, que apresentam já uma estrutura gramatical diferente<sup>5</sup>; William K. Simpson repete esta ideia afirmando que este texto, como outros onde se incluem as *Admoestações de Ipu-uer* e as *Lamentações de Khakheperréseneb*<sup>6</sup>, é de carácter propagandístico, escrito intencionalmente na tentativa de contrariar uma certa inquietação política e social que o Egipto viveu no final da XII dinastia<sup>7</sup>.

Por fim, Richard Parkinson coloca-o no final da XII dinastia, «não muito depois dos reinados de Senuseret III e Amenemhat III», nos casos de B1, B2 e Bt, e de meados da XIII dinastia no que respeita a R, aparentemente mostrando que os heracleopolitanos não foram anatematizados pela XII dinastia. De certo modo isto foi demonstrado pelo facto de alguns reis de meados da XII dinastia, como Senuseret II e Amenemhat III, terem mandado proceder a edificações em Heracleópolis<sup>8</sup>. Richard Parkinson

---

<sup>2</sup> G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens*, pp. 41-45.

<sup>3</sup> O. BERLEV, «The Date of the “Eloquent Peasant”», pp. 78-83. O título de *mer-per* é uma forma abreviada de *imirá-per (imy-r pr)*, ver SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, p. 86.

<sup>4</sup> P. VERNUS, «La date du Paysant Eloquent», pp. 1033-1047.

<sup>5</sup> *Idem*, p. 1047.

<sup>6</sup> Textos cujos arquétipos parecem ter sido compostos na XII dinastia. Para Lichtheim é muito provável que pelo menos o segundo tenha sido escrito no reinado de Senuseret II; para Simpson são da XII dinastia, podendo o segundo ser mesmo do Segundo Período Intermediário. Nas *Admoestações de Ipu-uer* o autor lamenta as calamidades do Primeiro Período Intermediário; nas *Lamentações de Khakheperréseneb* temos um sacerdote que fala consigo próprio, lamentando os perigos e a desorganização dos tempos conturbados (W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, pp. 210 e 230; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 145-146 e 149).

<sup>7</sup> W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 31; W. K. SIMPSON, «The political background of the Eloquent Peasant», pp. 95-99.

<sup>8</sup> R. B. PARKINSON, *The Tale of the Eloquent Peasant*, pp. xxv-xxviii; R. B. PARKINSON, «The date of the “Tale of the Eloquent Peasant”», p. 173.

tenta ser mais preciso ainda e avança a hipótese do arquétipo ter sido escrito no reinado de Senuseret II ou logo após o seu final<sup>9</sup>.

É claro que todas estas suposições linguísticas e interpretativas não conferem valor absoluto a tais provas, mas as evidências apontam com alguma persistência para a hipótese de o arquétipo ter sido concebido na segunda metade da XII dinastia. E sabendo-se ainda que junto à pirâmide de Senuseret II foram descobertas «dúzias de papiros – cobrindo um grande número de tópicos desde acontecimentos e textos legais até dissertações ginecológicas e veterinárias»<sup>10</sup>, é natural que se pondere a hipótese de o *Conto do Camponês Eloquente* ter feito parte de um tal acervo. Este monarca poderá mesmo ter sido o responsável pela sua criação. Contudo, se por um lado o seu reinado pacífico e as relações amistosas que estabeleceu com as elites provinciais, como se pode constatar pelas inscrições de alguns túmulos de governadores provinciais coevos, foram propícios ao aborrecimento que a eloquência de Khuenanupu parece ter querido combater, por outro, levam a pensar que a falta de motivação do rei pode induzir em erro. Neste contexto, parece ser lícito concluir que o seu filho, Senuseret III, se apresenta com maiores probabilidades para assumir a paternidade do *Conto do Camponês Eloquente*.

Senuseret III governou 37 anos e foi senhor de uma política externa muito activa a sul e a norte do Egipto. Não só se mostrou um poderoso chefe militar na Alta Núbia e na Síria-Palestina como também se preocupou com as relações comerciais externas do Egipto, por exemplo, nesta última região. Além disso foi um enérgico construtor, mandando edificar um templo para Montu, deus da guerra, em Madu (actual Medamud), a cerca de cinco quilómetros do templo de Karnak, e um complexo funerário em Dahchur. Procedeu ainda a uma reorganização administrativa que pôs fim às «últimas linhagens de nomarcas à moda antiga» fazendo

---

<sup>9</sup> R. B. PARKINSON, «The date of the “Tale of the Eloquent Peasant”», p. 181; também em J. N. CARREIRA, *Literatura do Egipto Antigo*, p. 98; cfr. J. FOSTER, *Ancient Egyptian Literature*, p. 183.

<sup>10</sup> P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, p. 83. A colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian exibe a expressiva cabeça de obsidiana de Senuseret III que reproduzimos na capa (ver L. M. ARAÚJO, *Arte Egípcia*, pp. 66-68).

surgir outros títulos «que reflectem uma nova reorganização dos aparelhos administrativos e das instituições centrais cujos detentores constituíram uma categoria dirigente inferior»<sup>11</sup>. Líder militar, promotor das relações externas, construtor e reformador são poderosos atributos. Para governar bem e sobretudo para assumir determinadas posições, por vezes radicais, não basta ocupar os cargos, é necessário possuir um conjunto de características que não estão ao alcance de todos os estadistas. Parece ser este o meio ideal para o nascimento do *Conto do Camponês Eloquente*, tanto mais que se enquadra perfeitamente nos limites estabelecidos anteriormente. Pode ter sido uma das «armas» para enfrentar os governadores de província que o afrontaram quando subiu ao trono!

De facto, o reinado de Senuseret III foi um momento de agitação entre dois períodos de acalmia: se o reinado de seu pai fora pacífico, os 45 anos de governação do seu filho Amenemhat III não o seriam menos. Foram o apogeu económico do Império Médio, fruto da reorganização económica e administrativa anteriormente realizada. Não parece também o ambiente propício ao aparecimento do *Conto do Camponês Eloquente*, ainda que se possa ter em linha de conta que a reforma administrativa de seu pai estava ultrapassada, criando assim condições para a ascensão de novos titulares da franja média da sociedade, de pequenos mas eficientes funcionários. No entanto, nesta altura isso parece não ter sido problemático e, no seu todo, o seu reinado representa uma fase de estabilidade e não de reforma, como parece transparecer do conto. Pouco depois do reinado de Amenemhat III terminará o Império Médio, começando em breve o atribulado Segundo Período Intermediário.

De então para cá, o que se afigura não levantar dúvidas é o conhecimento desta obra no Império Novo. A existência de um óstraco ramsésida de calcário com cópia de B1, 28-29, prova que pelo menos em alguns círculos, entre escribas e candidatos a escriba, havia conhecimento do conto. Sob a forma de carta, um pai dirige uma série de recomendações

---

<sup>11</sup> P. VERNUS, «La date du Paysant Eloquent», p. 1037; P. VERNUS e J. YOYOTTE, *Dictionnaire des Pharaons*, pp. 156-157. Dividiu o Egipto em três zonas administrativas, cada uma delas supervisionada por um conselho e encabeçada por um vizir (P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, p. 85).

ao filho e assistente, na qual inclui duas alusões a manuscritos do Império Médio: uma do *Conto do Náufrago* e outra do *Conto do Camponês Eloquentemente*. Não se trata de uma cópia exacta das duas linhas em questão e é um caso isolado, mas também não deixa margem para dúvidas de que surge como uma citação deste texto, o que permite pensar que já então era um clássico entre os letrados egípcios<sup>12</sup>.

Já a propósito da datação do *Conto do Náufrago*, Golénischeff comparando-o com os papiros do *Conto do Camponês Eloquentemente*, da *História de Sinube* e do *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba*, acredita que todos são coevos do quarto rei da XII dinastia, Senuseret II, ou posteriores, tendo sido escritos na mesma época<sup>13</sup>. Pelo nosso lado, acreditamos que o *Conto do Náufrago* possa ter sido escrito no tempo de Amenemhat III. Neste caso tendo em conta a excepcional exploração de minas, sobretudo de cobre e turquesa no Sinai e no deserto oriental<sup>14</sup>, e a forma como este faraó terá preparado a eternidade ao mandar construir duas pirâmides, a «Pirâmide Negra» em Dahchur, abandonada por apresentar deficiências

---

<sup>12</sup> A. H. GARDINER, «The Eloquent Peasant», p. 25; W. K. SIMPSON, «Allusions to The Shipwrecked Sailor and The Peasant in a Ramesside Text», pp. 50-51.

<sup>13</sup> W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage Impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 2. Simpson vacila entre a XI e a XII dinastia, afirmando num lado ser da XI dinastia e noutra da XI ou do início da XII dinastia, W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 51 e W. K. SIMPSON, «Schiffbrüchiger», col. 619.

<sup>14</sup> Com respeito à navegação no mar, recentes escavações no mar Vermelho, em Ayn Sokhna, frente ao Sinai a 70 km da actual cidade de Suez, puseram a descoberto dois barcos do Império Médio. Vítimas de um violento incêndio que os carbonizou totalmente mas, devido às características do incêndio, mantiveram as suas formas originais, incluindo os cordames e as uniões das pranchas. Faziam o transporte de minérios de turquesa e cobre das minas do Sinai, da região de Serabit el-Khadim, onde existem também gravuras rupestres de dois tipos de embarcações semelhantes a embarcações nilóticas. Estes barcos em uso no mar Vermelho apenas se diferenciavam dos barcos que navegavam no Nilo pelo uso de pranchas de madeira mais espessas e sistemas de união reforçados (ligaduras, entalhes e cavilhas), para poderem navegar no mar, eventualmente um meio aquático mais agitado e problemático. As inscrições gravadas nas paredes rochosas das minas falam de expedições marítimas no tempo de Mentuhotep IV, no final da XI dinastia, e de Amenemhat I, Senuseret I e Amenemhat III na XII dinastia. Encontrados desmontados em duas galerias, tal como a grande barca funerária de Khufu, mediam entre 13,50 a 15 metros de comprimento e eram feitos maioritariamente de madeira de cedro, com algumas peças de carvalho. As âncoras e os lemes das embarcações parecem não terem sido diferentes no rio ou no mar (P. POMEY, «Les Bateaux d'Ayn Soukhna. Les Plus Vieux Vestiges de Navires de Mer Actuellement Connus», pp. 3-12; C. ZAZZARO, «Les ancras de Mersa Gawasis», pp. 13-20; E. NANTET, «Le Gouvernail Égyptien. Le Gouvernail Égyptien Constituait-il le «Vice originel de la Marine Antique?»», pp. 21-28).

na construção, e outra em Hauara, junto da qual foi erguido o templo funerário que, graças à complexidade da sua planta, foi chamado de Labirinto na Época Greco-Romana<sup>15</sup>. Podem ter sido motivos inspiradores.

Mas, uma coisa é a época em que o texto foi imaginado e escrito pela primeira vez, ou seja, a datação histórica, e outra é a datação da época histórica na qual se desenrola a acção, isto é, a datação literária. Com excepção dos contos do *Papiro Westcar*, que recuam até ao Império Antigo, do ponto de vista literário os textos aqui apresentados ou se debruçam sobre o Primeiro Período Intermediário ou abordam a sua própria contemporaneidade.

O Primeiro Período Intermediário abrangeu aproximadamente os séculos XXI, XX e primeira metade do século XIX a. C., de cerca de 2180 a cerca de 2040, da VII à XI dinastia antes da reunificação tebana. Independentemente do seu conteúdo, as VII e VIII dinastias foram um prolongamento da época menfita, correspondendo ao Império Antigo tardio, e a IX e a X dinastias coincidiram com o reino heracleopolitano que se seguiu aos reis de Mênfis<sup>16</sup> por razões ainda desconhecidas, e que partilhou o Egipto com o reino tebano dos Antef, monarcas que antecederam Mentuhotep II, reunificador do Egipto<sup>17</sup>.

Nesse período da sua história, o Egipto assistiu a um enfraquecimento do poder real que acabou por conduzir à própria fragmentação do Estado centralizado. O desenvolvimento deste multifacetado processo fez com que a capital mudasse de Mênfis para Tebas, com uma breve passagem por Heracleópolis. Vamos tentar perceber o que levou Mênfis a dar lugar

---

<sup>15</sup> L. M. ARAÚJO, «Amenemhat III», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 55-56; L. M. ARAÚJO, *Os Grandes Faraós do Antigo Egipto*, pp. 113-115.

<sup>16</sup> Mênfis deve o seu nome de «Muro Branco» (*inb ḥd*), provavelmente ao «aspecto externo das [suas] paredes de tijolos cobertos com reboco de gesso branco» (J. MÁLEK, «The temples of Memphis. Problems highlighted by the EES survey», em S. Quirke (ed.), *The Temple in Ancient Egypt. New discoveries and recent research*, p. 91.

<sup>17</sup> A questão à volta das dinastias do Primeiro Período Intermediário permanece em aberto. Ainda hoje não se percebem vários assuntos, entre eles as razões que levaram Maneton a fazer a subdivisão entre a VII e a VIII dinastia e a apresentar para a primeira delas a seguinte constituição: «a VII dinastia consistiu em 70 reis que reinaram por 70 dias» (W. C. HAYES, *The Scepter of Egypt*, I, p. 136; B. G. TRIGGER *et al.*, *Historia del Egipto Antiguo*, p. 147; D. LORTON, «The internal history of the Heracleopolitan period», em *Discussions in Egyptology* 8, pp. 21-28).

a Heracleópolis e esta a perder a liderança do Egipto em favor de Tebas, dando início a uma nova dinastia.

Os 64 anos de reinado de Pepi II<sup>18</sup>, no final da VI dinastia, terão contribuído para a instabilidade que se seguiu com uma crise sucessória, por um lado e, por outro, com uma diminuição do respeito pela figura do faraó, pois, na busca de apoios para manter a estabilidade da longa governação, deixou acumular títulos e direitos nas famílias locais mais importantes. E quando a característica fundamental do sistema político egípcio se traduz na centralização do poder nas mãos de um «rei-deus» forte, numa monarquia divina<sup>19</sup>, assistimos ao enfraquecimento do seu poder, delegando competências e valorizando, através de decretos, a carreira de autoridades provinciais. Dos 31 éditos conhecidos do Império

---

<sup>18</sup> Hoje admite-se que o registo de 94 anos de governo seja um erro, já que em escrita hierática cursiva os algarismos 6 e 9 são muito semelhantes. Mesmo com esta redução, um reinado de 64 anos seria o segundo mais longo de todo o Egipto faraónico, logo a seguir ao de Ramsés II (L. M. ARAÚJO, *Os Grandes Faraós do Antigo Egipto*, p. 88).

<sup>19</sup> As ideias de «monarquia divina» e «rei-deus» foram criadas nos finais do século XIX com um sentido universal que nunca tiveram, uma vez que foram criadas fundamentalmente com exemplos africanos. Aliás, a historiografia ocidental considerou até há bem pouco tempo o Egipto Antigo como uma cultura do Próximo Oriente, alheando-se quase por completo da sua localização geográfica e das implicações culturais daí provenientes. Cervelló Autuori afirma num interessante artigo: «Como é evidente que os termos “realeza” e “divino” são conotados ao excesso nas nossas línguas, e não podem ser utilizados sem serem definidos, é conveniente precisar desde já o sentido exacto que lhe atribuímos. A nossa palavra “rei” remete necessariamente para uma forma de poder político-militar, enquanto que o rei ao qual nos referimos não é necessariamente dotado destas prerrogativas e pode ser um personagem que dispõe apenas de funções exclusivamente cósmico-rituais. Nós conservaremos contudo este termo porque se trata, em todo o caso, de um personagem único, centro da vida da sua comunidade, e que pertence necessariamente a uma linhagem marcada de maneira especial, quer dizer, que se trata de um descendente legítimo de determinado antepassado fundador, directamente ligado aos deuses ou às forças cósmicas (é mesmo o princípio da “legitimidade dinástica”). Quanto ao termo “deus”, remete na nossa cultura a conceitos como criação e onipotência. Todavia, o rei-deus africano não é nunca um ser onipotente nem criador. Bem pelo contrário, a sua “divindade” emana da sua identificação com um deus-vítima sacrificial que, pela sua morte, facilita a ordem e expia o caos. O rei é antes do mais um corpo-fetichado depositário de poder cósmico benéfico, o centro dinâmico do universo, o ser no qual converge o cósmico e o social, um integrador universal; e é por isso que falamos da sua causalidade pessoal. É estritamente como fetichado-vítima sacrificial que é preciso entender a palavra “deus” neste contexto. Ao carácter eminentemente cósmico e ritual do rei divino africano pode eventualmente ser acrescentado um poder político-militar mais ou menos importante numa organização social pré-estatal ou plenamente estatal» (J. CERVELLÓ AUTUORI, «Monarchie pharaonique et royautés divines africaines», em *Cahiers Caribéens d'Égyptologie (2). La Maât dans tous ses Etats*, pp. 28-30).

Antigo, 9 são de Pepi II e «13 dos efémeros reis da VIII dinastia»<sup>20</sup>, dos quais 14 foram encontrados em Coptos nomeando membros de uma única família local para ocuparem diversos cargos administrativos e religiosos<sup>21</sup>. Os títulos de «grande sacerdote», de «governador de uma cidade», de «director do Sul» ou outros, acumulavam-se<sup>22</sup>. Estes cargos provinciais tornavam-se hereditários e os governadores de província agiam localmente como soberanos; o poder central enfraquecia e as famílias locais, acumulando funções civis e religiosas, fortaleciam-se. Deste modo, surgiu uma «nova classe média», independente e auto-suficiente<sup>23</sup>, enfeudada e hierarquizada, onde se incluíam detentores de cargos da polícia local<sup>24</sup>, a quem os títulos e propriedades concediam poder e desencadeavam ambição. Esta situação, além de enfraquecer os domínios da coroa, conduziu também à redução do erário real, introduzindo carências na corte, porque a usurpação levava os governadores de província a comportamentos de autênticos reis em cada província, recompensando as suas clientelas e esquecendo o faraó.

A este cenário acrescenta-se o assédio ao Delta, sobretudo pelos asiáticos a este, até então base de riqueza agrícola e que, pelo menos em parte, deixava de ser fonte de rendimento. Também o fim do subpluvial neolítico no crepúsculo do Império Antigo motivou uma enorme depressão no «modelo cíclico do Nilo», acentuou a diminuição da produtividade rural e provocou o aumento populacional no Vale, com a chegada dos nómadas impossibilitados de continuarem a viver nas estepes oriental e ocidental. Afectou não só os níveis e volume do Nilo, mas também a fauna do deserto, como é visível nas representações tumulares, originando períodos de fome no início do Primeiro Período Intermediário e pressões no equilíbrio entre as diversas forças em confrontação ao aumentar a procura, que nem o rei nem a maioria dos governadores de

---

<sup>20</sup> D. B. REDFORD, *Egypt, Canaan and Israel in Ancient Times*, p. 61.

<sup>21</sup> B. G. TRIGGER *et al.*, *Historia del Egipto Antiguo*, p. 147; ver ainda sobre a queda do Império Antigo N. GRIMAL, *Histoire de l'Égypte Ancienne*, pp. 115-121.

<sup>22</sup> J. VERCOUTTER, *L'Égypte et la Vallée du Nil*, I, p. 353.

<sup>23</sup> K. BARD (ed.), *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, p. 45.

<sup>24</sup> G. ANDREU, «Deux stèles de commissaires de police (*jmy-r šnt*) de la Première Période Intermédiaire», em *Mélanges Jacques Jean Clère*, pp. 18-20.



província satisfaziam<sup>25</sup>. As estelas do Primeiro Período Intermediário referem os movimentos migratórios entre distritos de uma população cheia de fome e acossada pela guerra<sup>26</sup>. Sintetizando: observava-se uma crise real, repetidos confrontos nas fronteiras, cheias de baixo nível e fraca pluviosidade que punham em causa grande parte da produção e das relações comerciais internas e externas, originando um surto demográfico no Vale, factores que impediam a acumulação de excedentes e provocavam fomes. Foram certamente motivos para o enfraquecimento de Mênfis e a emergência de Heracleópolis; a primeira mais exposta e com maiores carências no Vale e a segunda mais protegida e com melhores condições de produção no Faium.

As escavações de David Jeffreys em Mênfis acrescentaram o elo fundamental que faltava. Os estratos encontrados mostram não haver sobreposição de ocupação no decorrer do tempo, mas sim ocupações consecutivas ao lado umas das outras, em direcção a este. Hoje, sabemos que a primitiva Mênfis se localizava junto da escarpa oeste a cerca de 3 km para noroeste da cidade do Império Médio e que o núcleo da cidade do Império Novo está localizado a este da anterior. A cidade deslocou-se acompanhando o Nilo que, cheia após cheia, ia alterando lentamente o seu percurso de oeste para este. Em relação às duas últimas posições surgem, portanto, duas questões relacionadas: por um lado a necessidade de abandonar a cidade e transferir a localização da zona urbana nos finais do Império Médio ou nos princípios do Império Novo; por outro, a recuperação das zonas da margem oeste para instalação de templos no Império Novo, onde ainda hoje encontramos os seus vestígios<sup>27</sup>. A geologia completa eficazmente o trabalho do arqueólogo, ao esclarecer que as «faixas alternadas de sedimento e areia de diferentes cores testemunham uma série de mudanças climáticas quando as cheias do Nilo eram alternadamente baixas e altas. Muito altas e a cidade era inunda-

---

<sup>25</sup> J. VERCOUTTER, *L'Égypte et la Vallée du Nil*, I, p. 338; B. G. TRIGGER *et al.*, *Historia del Egipto Antiguo*, pp. 229-230.

<sup>26</sup> K. BARD (ed.), *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, p. 45.

<sup>27</sup> D. G. JEFFREYS, J. MÁLEK e S. SMITH, «The Survey of Memphis, 1982», em *JEA* 70, pp. 23-32.

da, as casas de tijolos de barro seco ao sol aluíam e o gado afogava-se; muito baixas e as areias trazidas pelo vento de oeste atapatavam o chão do vale com um sabor a deserto»<sup>28</sup>.

Contudo, a mudança do Império Antigo para o Império Médio, não só do ponto de vista de localização mas também de orientação da zona urbana, poderá ter sido bem mais dramática do que nos leva a crer uma simples alternância na altura das águas do rio: «são ainda as cores geológicas que revelam que no final do Império Antigo, aproximadamente 1000 anos após ser fundada, que a primitiva Mênfis foi submersa por uma gigantesca duna de areia, testemunho de um prolongado período de fracas cheias do Nilo e de intenso calor»<sup>29</sup>. Por outro lado, no Faium, as mesmas alterações climáticas provocavam uma descida de nível do lago Moeris, de 22-24 para 18 ou mesmo 15 metros acima do nível do mar, aumentando consideravelmente a extensão de terra cultivável da região<sup>30</sup>. Estas alterações topográficas podem constituir fortes razões para transferir a capital de Mênfis para Heracleópolis, o que não quer dizer que Mênfis tenha deixado de ser um centro económico e administrativo importante. Possivelmente teria atingido o «ponto de saturação» relativamente às terras disponíveis, a dificuldade de comunicação face às constantes mudanças do rio e à dificuldade de albergar quem vinha do deserto e até os que já viviam no Vale. Cumulativamente terão também interferido nesta questão problemas relacionados «com o aparelho fiscal e coercivo do Estado» e com «uma redistribuição da riqueza do país em proveito dos mais despossados, e um aprovisionamento dos funcionários», que ajudaram a criar desequilíbrios e necessidades de

---

<sup>28</sup> D. G. JEFFREYS, *The Survey of Memphis*, pp. 6-10; V. DAVIES e R. FRIEDMAN, *Egypt*, p. 42.

<sup>29</sup> *Idem*, p. 43. Esta não é uma opinião comum a todos os investigadores. As alterações climáticas do final do Império Antigo são discutíveis, e parece não haver «uma relação determinista» com a demografia e a agricultura egípcias, embora pareça claro que a deslocação da capital se ficou a dever à necessidade de novos terrenos para a agricultura e para monumentos (J. C. MORENO GARCIA, *Études sur l'administration, le pouvoir et l'idéologie en Égypte, de l'Ancien au Moyen Empire*, pp. 10-11).

<sup>30</sup> B. G. TRIGGER *et al.*, *Historia del Egipto Antiguo*, pp. 227-228.

mudança<sup>31</sup>. Por seu lado, a emergência de Heracleópolis e consequente elevação do Faium «como uma unidade agrícola/política», parece marcar essa viragem<sup>32</sup>.

No início, os soberanos de Heracleópolis, da «casa de Kheti», provavelmente fundada por Meriibré Kheti I, por um lado tentaram restaurar a ordem no Delta, expulsando parcialmente asiáticos e líbios, reconquistando parte da costa e restabelecendo o comércio com Biblos, fundamental à economia egípcia<sup>33</sup>; por outro, parece terem aceite o sistema administrativo provincial herdado dos soberanos menfitas. Apesar disso não conseguiram estender o seu domínio a todo o Sul; ainda que Kheti I apareça em inscrições até à primeira catarata, o seu poder não teria ultrapassado Tinis<sup>34</sup>, se bem que tenha conferido certa legitimidade à dinastia que se seguiu. E durante o Primeiro Período Intermediário, depois da derrocada de Mênfis, a única personagem que assumiu em todo o Egipto a condição de rei até à entrada em cena dos Antef, foi o soberano heracleopolitano. Aliás, embora não se saiba praticamente nada destes reis, nem tão-pouco como chegaram ao poder ou se a sua ordem está correcta, é um facto que a legitimação dos 17 ou 18 reis heracleopolitanos é dada pelo *Papiro Real de Turim*, onde a sua presença significa que foram considerados pelos arquivistas oficiais do período ramsésida como representantes legítimos da monarquia egípcia<sup>35</sup>.

---

<sup>31</sup> J. C. MORENO GARCIA, *Études sur l'administration, le pouvoir et l'idéologie en Égypte, de l'Ancien au Moyen Empire*, pp. 11-12. Cfr. J. C. MORENO GARCIA, *Hwi et le milieu rural égyptien du III<sup>e</sup> millénaire. Economie, administration et organisation territoriale*, pp. 209-269.

<sup>32</sup> L. GIDDY, «Memphis and Saqqara during the late Old Kingdom», em *Études sur l'Ancien Empire et la Nécropole de Saqqara, dédiés à Jean-Phillipe Lauer*, pp. 197-199.

<sup>33</sup> F. DAUMAS, *La Civilisation de l'Égypte Pharaonique*, p. 61.

<sup>34</sup> W. C. HAYES, *The Scepter of Egypt*, I, p. 143; C. VANDERSLEYEN, *L'Égypte et la Vallé du Nil*, II, pp. 6-7.

<sup>35</sup> D. VALBELLE, *Histoire de l'État Pharaonique*, p. 106. É evidente que as listas reais devem ser olhadas com todas as cautelas, sobretudo quando não existem quaisquer outras fontes com que se possam cruzar conhecimentos ou quando se mostram demasiado confusas. Independentemente dos motivos, basta lembrar que Akhenaton, Semenkharé, Tutankhamon e Ai foram de uma só assentada omitidos nas listas reais de Abido e de Karnak; ou que a própria lista do *Papiro Real de Turim* tinha originalmente mais de 300 nomes reais, grande parte deles pertencentes a personagens actualmente ainda desconhecidas (P. A. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp. 13 e 128).

Com a situação do Delta mais ou menos estabilizada, os sucessores de Kheti I viraram-se para o Sul, tentando impor a autoridade da coroa nas províncias do Alto Egípto: «numa série de lugares, certamente em Dendera e Naga el-Deir, o título de nomarca foi abolido e os nomos passaram a ser governados através da administração local de sacerdotes, que estavam na dependência directa de um “director do Alto Egípto”»<sup>36</sup>. Não devem ter sido, provavelmente, reformas muito populares, o que teria causado ressentimentos nalgumas famílias locais, privadas de direitos adquiridos. Por isso os problemas começaram no Sul, região cujas calamidades climáticas «provocaram uma fome tão grande que alguns recorreram ao canibalismo, como um governante local, Ankhtifi de Moalla, estava em crer»<sup>37</sup>, conforme este provável aliado de Heracleópolis fez registar na sua autobiografia e é visível nalguns relevos desta época onde surgem indivíduos extremamente magros.

Uma simples contenda de fronteira na busca por comida «pode ter levado a abrir hostilidades entre Ankhtifi e o seu gémino do nomo tebano ao Norte»<sup>38</sup>. Foi por esta altura que se terá fragmentado o poder monárquico, dando lugar a que o então governador de Tebas, confiante numa série de êxitos que até aí alcançara, se assumisse como rei com o nome de Antef I, iniciando a XI dinastia. O seu «nome de Hórus» era Chertai (*shr-t3wy*), ou seja, «Aquele que Fez a Paz nas Duas Terras», embora tenha vivido em coabitação com o monarca heracleopolitano,

---

<sup>36</sup> K. BARD (ed.), *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, pp. 43-44.

<sup>37</sup> *Idem*, p. 44. Para além das autobiografias do Primeiro Período Intermediário, há outro texto onde este clima é também particular e visivelmente dramático, e que incluímos nesta colectânea: *As Admoestações de Ipu-uer*. Neste texto cujo original provavelmente é da XII dinastia mas que relata acontecimentos da X, a narração diz que a população revoltada chega ao ponto de pilhar as instituições, destruir registos, divulgar segredos, assassinar funcionários e depor o próprio rei. Contudo, alguns investigadores crêem que, em vez de problemas climáticos, toda esta agitação pode ter sido provocada por «uma má organização administrativa»; outros acreditam que podem ser simples artifícios literários ou exageros próprios de campanhas tendentes a desacreditar o poder heracleopolitano (J. C. MORENO GARCIA, *Études sur l'administration, le pouvoir et l'idéologie en Égypte, de l'Ancien au Moyen Empire*, p. 8). Sobre o dramatismo e as práticas de antropofagia no Primeiro Período Intermediário cfr. M.-A. BONHÈME; A. FORGEAU, *Pharaon. Les Secrets du Pouvoir*, pp. 161-162.

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*.

mostra claramente que se assumiu como rei<sup>39</sup>. Seguiram-se-lhe Antef II e Antef III e, só depois, Nebhepetré Mentuhotep II<sup>40</sup> que trouxe de novo a unidade ao Estado. A unificação não terá sido fácil, mas a determinação ficou marcada pela sucessiva assumpção de três «nomes de Hórus» consecutivos: Sankhibtaui (*s ḥ̄ ib t3wy*) «Aquele que Faz Viver o Coração das Duas Terras», Netjerhedjet (*ntr ḥdt*) «Divino de Coroa Branca» e Semataui (*sm3 t3wy*) «Aquele que Reuniu as Duas Terras»<sup>41</sup>. Durante cerca de um século o Egito foi partilhado por reis heracleopolitanos e tebanos, numa coexistência pouco pacífica. Cada governador de província esforçava-se por manter a independência da sua província fazendo e desfazendo alianças sucessivamente, até à vitória final de Tebas.

---

<sup>39</sup> D. VALBELLE, *Histoire de l'État Pharaonique*, p. 119; P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, p.72.

<sup>40</sup> Mentuhotep II era filho de Antef III. O rei Mentuhotep I terá sido o pai de Antef I, que certas fontes confirmam como rei, cujo nome de Hórus era Tepiáá, ou seja, «O Primeiro Grande» e do qual pouco mais se sabe (C. VANDERSLEYEN, *L'Égypte et la Vallée du Nil*, II, pp. 12-13; L. M. ARAÚJO, *Os Grandes Faraós do Antigo Egito*, pp. 113-115). Esta situação tem gerado desfazamentos entre os diversos autores, considerando uns 3 reis com este nome e outros 4, de modo que Mentuhotep I, II e III de uns, corresponde aos Mentuhotep II, III e IV de outros (P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, pp.72-77). Sobre este tema ver L. POSTEL, *Protocole des souverains égyptiens et dogme monarchique au début du Moyen Empire. Des premiers Antef au début du règne d'Amenemhat I*. A publicação da tese de doutoramento de Lilian Postel parece querer arrumar de vez com a questão. A XI dinastia ter-se-á começado a desenhar com um governador de província de nome Antef que, entre outros, assumiu o inovador título de *ḥry 3 n šmꜥw*, «grande chefe do Alto Egito», bem como o epíteto *iwn 3 sḥ̄ nḥ̄ t3wy.f*, «o grande pilar, aquele que faz viver as suas Duas Terras», introduzindo os primeiros sintomas da ideia monárquica em Tebas. Seguiu-se Tepiáá Mentuhotep (Mentuhotep I), um monarca cuja historicidade permanece incerta. Segundo esta autora, parece não pertencer à linhagem dos Antef e ser provável que não tenha tido um papel político de primeiro plano. Sobre ele, Postel diz: «Ele será investido retrospectivamente na função de antepassado dinástico à imagem de Geb (*3, tpy-ꜥ, it nḥ̄rw*) e servirá a reorganização da genealogia real e divina, cujos descendentes, reais ou teóricos, se reclamarão até à XVIII dinastia» (*Idem*, p. 291). Vem depois Seherutau Antef (Antef I), uma figura também problemática por ser conhecida apenas por documentos posteriores. Seguem-se Uahankh Antef (Antef II) e Naktnebtpepnefer Antef (Antef III), de quem há um abundante acervo documental. Finalmente terá surgido Nebhepetré Mentuhotep (Mentuhotep II), que, segundo Postel, pode ter marcado uma mudança de linhagem dinástica dos Antef para os Mentuhotep (*Idem*, p. 292). Não é o que nos dizem Aidan Dodson e Dylan Hilton, que afirmam que Mentuhotep I tem grande probabilidade de ser filho do governador de província Antef e que, comprovadamente, terá sido pai de Antef I e Antef II. Por sua vez, também se comprova que Antef II foi o pai de Antef III e que Mentuhotep II era filho de Antef III. Sendo assim, não terá havido mudança dinástica mas apenas mudanças de nomes, assumindo alguns monarcas que «Montu está satisfeito» quando as campanhas, locais ou sobre o Norte, assim o fizeram crer (A. DODSON e D. HILTON, *The Complete Royal Families of Ancient Egypt*, pp. 82-89).

<sup>41</sup> D. VALBELLE, *Histoire de l'État Pharaonique*, p. 121.

Até ao início dos anos 80 do século XX não existia nenhum vestígio que fizesse crer numa vitória bélica de Tebas sobre Heracleópolis. A prova de que parece ter sido, efectivamente, uma derrota militar e não qualquer tipo de aliança – um casamento dinástico, por exemplo, como chegou a ser proposto<sup>42</sup> – vem de Ihnasseia el-Medina, antiga Heracleópolis, a Neninesu [nni-nsw] egípcia, capital da XX província do Alto Egipto, situada aproximadamente a 100 km a sul do Cairo, na margem esquerda do Nilo, junto ao Bahr Yussuf e perto da entrada sul do Faium. A exploração arqueológica da zona mais meridional desta jazida tem estado desde a década de 60 do século passado entregue à Missão Arqueológica Espanhola que, desde 1984, é dirigida por Maria del Carmen Pérez Die, tendo como subdirector Josep Padró. Neste local foram encontrados vestígios de várias épocas, sendo particularmente relevante para o nosso estudo a necrópole do Primeiro Período Intermediário que, eventualmente, já antes era ocupada. A complexidade dos trabalhos levou a que, logo em 1985, a equipa fosse separada em duas, embora partilhando alguns técnicos, ficando Pérez Die responsável pela direcção dos trabalhos na necrópole do Terceiro Período Intermediário e Josep Padró pela direcção dos trabalhos na necrópole do Primeiro Período Intermediário<sup>43</sup>.

Embora a datação absoluta das diferentes etapas esteja ainda por fazer e a datação relativa, obtida através da tipologia das estelas de falsa porta, da cerâmica e de uma versão dos «Textos dos Sarcófagos», levante dúvidas a alguns investigadores, o anterior responsável pelos trabalhos nesta jazida, López, afirmou sobre a necrópole do Primeiro Período Intermediário «que no interior dos três túmulos, que apareceram violados e com cadáveres de intrusos no seu interior, acharam-se objectos que confirmam o saque na época heracleopolitana e que os seus primitivos

---

<sup>42</sup> S. QUIRKE e J. SPENCER, *British Museum. Le Livre de l'Ancienne Égypte*, pp. 38-39.

<sup>43</sup> Cfr. J. PADRÓ, *Études histórico-archéologiques sur Héracléopolis Magna*, pp. 29-30. Apesar de fazer referência a outros trabalhos complementares posteriores que se prolongaram até 1993 e publique um valioso acervo de desenhos e de fotografias (pp. 181-374), esta obra de Padró dá a conhecer apenas as campanhas da Missão Arqueológica Espanhola no Egipto em 1984, 1985 e 1986. Depois de trabalhar em Heracleópolis passou a integrar a equipa que tem escavado em Oxirincos.

proprietários viveram nesses anos»<sup>44</sup>. Mais tarde Pérez Die acrescentaria: «à primeira vista destaca-se o estado de destruição do nível correspondente ao cemitério com blocos enormes de pedra quebrados intencionalmente, revoltos e dispersos por toda a área. Fragmentos de uma mesma peça podem aparecer muito distantes uns dos outros, o que demonstra que o lugar foi saqueado e destruído selvaticamente»<sup>45</sup>. Ao que Padró acrescenta: «As escavações do túmulo de Sehu manifestaram imediatamente, não apenas a qualidade dos seus relevos e inscrições, apreciáveis logo à primeira vista, mas também a fúria extrema com que as pedras do túmulo foram destruídas uma a uma. Um esforço considerável foi despendido a fim de quebrar estas pedras, por vezes enormes. É preciso sublinhar também o perfeito estado de conservação dos relevos e dos hieróglifos, assim como das arestas das fracturas, o que demonstra que a destruição do túmulo aconteceu «muito pouco tempo depois da sua construção e que os seus restos foram enterrados logo após, uma vez que as arestas das fracturas não foram expostas às intempéries, não sofrendo praticamente nenhum desgaste»<sup>46</sup>.

Depois, introduzindo um factor de correcção às anteriores afirmações de López, Padró afirma: «Em conclusão, nós podemos assegurar que os cadáveres humanos encontrados por entre os restos da destruição da necrópole do Primeiro Período Intermediário não pertenceram a uma nova necrópole de características muito primitivas que se instalou posteriormente sobre estes restos. A certeza de que todos estes cadáveres estiveram mumificados não está de acordo com as características muito primitivas que apresentam os enterramentos. É por isso que pensamos que estes restos humanos deviam ocupar originalmente os túmulos monumentais da necrópole heracleopolitana, e que foram dispersos no momento da sua violação e destruição. Os índices de vingança que parecem ter motivado estes actos, encontram-se não somente na brutalidade da destruição do túmulo monumental de Sehu, mas também no acto de

---

<sup>44</sup> M. C. PÉREZ DIE, «La necrópolis del Primer Periodo Intermedio de Heracleópolis Magna: estado de la cuestión», p. 99.

<sup>45</sup> *Idem*, p. 96.

<sup>46</sup> J. PADRÓ, *Études histórico-archéologiques sur Héracléopolis Magna*, p. 45.

selvajaria daqueles que colocaram a múmia que descrevemos sobre uma grande laje plana para lhe lançar em seguida com raiva uma enorme pedra sobre a cabeça. Porque uma coisa é certa, esta pedra não caiu por acaso sobre o cadáver, ela foi lançada expressamente sobre ele»<sup>47</sup>.

Finalmente, nas conclusões da Fase II, Padró conjectura: «Quanto à destruição, ela foi rápida e brutal, e em caso algum atribuível a simples ladrões de túmulos. A profanação evidente dos cadáveres mumificados e a destruição minuciosa do túmulo monumental de Sehu, respondem a outros motivos. Duas razões parecem-nos poder explicar a brutalidade desta destruição: o rebentar de uma revolução social em Heracleópolis, semelhante à descrita por Ipu-uer, e que afectou Mênfis no fim do Império Antigo, ou então o assalto de Heracleópolis pelas tropas tebanas que puseram fim ao Primeiro Período Intermediário. Uma vez que não existem notícias sobre uma eventual revolução em Heracleópolis, mas que, pelo contrário, dispomos de algumas informações sobre a brutalidade de acontecimentos guerreiros que acabaram na guerra civil que opôs Heracleópolis e Tebas, inclinamo-nos a atribuir a destruição da necrópole heracleopolitana à raiva desenfreada dos Tebanos contra os inimigos que eles acabariam por vencer»<sup>48</sup>. Portanto, conclui-se que durante a IX e a X dinastias, o cemitério esteve em actividade e terá sido destruído, muito provavelmente, pelos tebanos, deitando por terra as hipóteses pacíficas para o fim do conflito.

A necrópole pertenceu a nobres e dignitários de alta categoria; as inscrições, quer das estelas de porta falsa, quer dos fragmentos das paredes, permitem identificar os nomes e títulos de quantos ali foram sepultados, conservando-se de pé um grande túmulo de pedra «com as paredes cobertas de pinturas e baixos-relevos que mostram desfiles de servidores, oferendas funerárias e, sobretudo, uma versão dos Textos dos Sarcófagos»<sup>49</sup>. Já antes Pérez Die afirmara que os túmulos do Primeiro Período Intermediário de Ihnasseia el-Medina eram decorados com «re-

---

<sup>47</sup> *Idem*, p. 47.

<sup>48</sup> *Idem*, p. 49.

<sup>49</sup> M. C. PÉREZ DIE, *Excavaciones en Ihnasya el Medina (Heracleópolis Magna)*, p. 20.



levos de grande qualidade e beleza que demonstram a importância da cidade neste período»<sup>50</sup>.

Esta última afirmação sublinha ainda mais o declínio de Mênfis em relação a Heracleópolis. Sakara recebeu no Primeiro Período Intermediário a preferência de particulares que deixaram os seus túmulos junto das pirâmides de Teti e de Pepi II<sup>51</sup>. São túmulos de «características invulgares» nos quais o estilo menfita teve dificuldade em sobreviver, pois muitas mastabas de câmara foram substituídas por câmaras de porta falsa onde era colocada uma estela e nos relevos as cenas foram abreviadas ao máximo: «a estela colocada nas grosseiras paredes era a única decoração de capelas de má qualidade pertencentes a um período tardio durante as IX e X dinastias. O desenho e modelagem do homem e dos animais era esquemático, e o velho naturalismo deu lugar a modelos de cores confusas no gado e na pintalgada pele de pantera da roupa cerimonial do proprietário e do tracejado das asas dos pássaros por cima da pilha de oferendas em cima do altar ritual»<sup>52</sup>.

Ainda longe de se conhecer o urbanismo antigo da cidade e a sua topografia<sup>53</sup>, há já, no entanto, elementos suficientes para se poder pensar que, embora importante, Heracleópolis parece ter permanecido uma cidade provincial em muitos aspectos (para além do templo de Herichef

---

<sup>50</sup> M. C. PÉREZ DIE, «La necrópolis del Primer Periodo Intermedio de Heracleópolis Magna: estado de la cuestión», p. 96.

<sup>51</sup> J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto, Deuses, Templos e Faraós*, p. 146.

<sup>52</sup> S. SMITH, *The Art and Architecture of Ancient Egypt*, p. 80.

<sup>53</sup> Uma das questões ainda sem resposta, por exemplo, é saber com exactidão onde passava o Bahr Yussuf. Aceitando que o relato do *Conto do Camponês Eloquente* assenta no efectivo conhecimento de Heracleópolis durante a XII dinastia, quando chega a Neninesu, Khuenanupu começa por procurar o grande intendente que encontra a sair de sua casa, aparentemente por uma saída directa para o braço de água onde estava a barca posta à disposição deste funcionário pelos serviços administrativos, para a realização das tarefas que lhe competiam (G. R. PARKINSON, *The Tale of Sinube*, p. 14). Por enquanto, apenas se sabe que passava perto da cidade. As incertezas ligam-se, principalmente, à natureza do solo e sua deterioração motivada pelas cheias: em determinadas zonas a deslocação das águas e o consequente depósito de sedimentos provocavam alterações ao leito do rio. Só aturados estudos arqueológicos e geológicos permitirão vir a concluir algo a este respeito. O caso mais notório de uma situação desta natureza é o da cidade de Mênfis que, pelos mesmos motivos, se foi deslocando ao longo da sua história, como antes dissemos. Também aí estão por determinar ainda a localização de uma série de estruturas ligadas aos diversos locais por onde foi passando a cidade, incluindo o seu (ou seus!) porto, referido em numerosos documentos (D. JEFFREYS, *The Survey of Memphis*, pp. 48-51).

não se conhecem, ainda, outras grandes estruturas arquitectónicas), o que leva a admitir que Mênfis, mantendo-se sob controlo heracleopolitano, deverá ter permanecido um importante centro administrativo e comercial, residindo o principal interesse do Faium na agricultura, para um efectivo controlo dos excedentes que, como vimos, faltavam. Inhasseia el-Medina é não só o exemplo da tentativa dos príncipes de Heracleópolis restaurarem o poder real menfita e o Estado egípcio, a sua luta contra o caos, mas sobretudo o próprio espelho da fragilidade e fragmentação política do Primeiro Período Intermediário, quebradas pela impossibilidade do Egito continuar a aceitar a fraqueza e o divisionismo do poder real. Assim que Nebhetepre Mentuhotep II encabeça a renovada onda unificadora sulista, tudo volta à «primeira vez», reposiciona-se *maat* e o Estado egípcio renasce. No entanto, já não era possível apagar as calamidades, a guerra civil e todos os horrores que o Egito vivera neste período e que acabariam por ter «um efeito intelectual perturbador»<sup>54</sup>, conforme é possível ler em textos como *As Admoestações de Ipu-uer* ou *As profecias de Neferti*.

Iniciada a nova etapa política do Egito, quanto mais se sabe do Império Médio mais se concorda com Dietrich Wildung, de que ele foi, de facto, «a idade de ouro do Egito» faraónico<sup>55</sup>, em particular a XII dinastia. Constituído apenas pela segunda metade da XI dinastia e pela XII, ter-se-á situado entre cerca de 2040 e cerca de 1780 a. C., ocupando aproximadamente a segunda metade do século XXI, os séculos XX, XIX, e quase todo o primeiro quartel do século XVIII a. C. Como que para esquecer a turbulência do Primeiro Período Intermediário e tentar impor, novamente, valores e maneiras de ser ancestrais, os reis do Império Médio levaram a efeito uma série de medidas vastas e diversificadas. Em primeiro lugar o próprio nome dos três primeiros faraós posteriores à unificação, Mentuhotep II, III e IV, cujo significado, «Montu está satisfeito», fazia jus ao deus da guerra da região tebana. Como se viu, foi o primeiro deles, o quinto rei da XI dinastia, que, a meio dessa dinastia,

---

<sup>54</sup> B. G. TRIGGER *et al.*, *Historia del Egipto Antiguo*, p. 104.

<sup>55</sup> D. WILDUNG, *L'Âge d'Or de l'Égypte. Le Moyen Empire*.

até aí apenas tebana, entrou em luta com o último dos reis heracleopolitanos da X dinastia, unificou o Egito e estabeleceu a capital em Tebas. Após este acontecimento, a primeira parte do seu reinado ainda assistiu a diversas lutas de pacificação até ao estabelecimento definitivo do seu poder em todo o Egito. Acrescentem-se as campanhas contra os líbios, os beduínos e os núbios. Terá tido um longo reinado que foi aproveitado sobretudo para reforçar a defesa do Egito, interna e externa, bem como o restabelecimento das relações comerciais, sobretudo na Núbia.

O seu filho Mentuhotep III continuou a política defensiva em relação aos vizinhos, em particular aos das fronteiras setentrionais, e procedeu a diversas construções de templos e santuários, para os quais promoveu várias expedições para a obtenção de matérias-primas, que serviram também para combater grupos de rebeldes de alguns desses lugares. Reforçou igualmente as relações comerciais a sul da primeira catarata.

Se o seu reinado foi de doze anos, o seu sucessor, Mentuhotep IV, parece ter reinado somente seis/sete anos. Dele existem apenas três referências, uma numa taça e as outras em duas inscrições rupestres respeitantes a duas expedições que enviou: uma às minas de ametista do Uadi el-Hudi, e outra ao Uadi Hammamat, em busca de pedra para construção. Não terá reinado mais porque, aparentemente, não estava a conseguir controlar o poder unificado e voltou a instalar-se alguma anarquia governativa, que só não piorou mais porque o seu vizir o terá deposto e iniciado a XII dinastia, a dos Amenemhat (Amenemhat I, II, III e IV), «Amon está no comando», e dos Senuseret (Senuseret I, II e III), o «Homem de Useret», profundamente enraizados em Tebas<sup>56</sup>.

Contudo, para tornar efectivo o poder sobre as Duas Terras, transferiu a residência real para uma zona mais a norte, perto do Faium, para uma nova cidade que até hoje não foi localizada, designada por «Amenemhat Iti-taui», ou seja, «Amenemhat é o soberano das Duas Terras», onde o poder se manteve até ao penúltimo rei da XIII dinastia, Merineferré Ai, já em pleno Segundo Período Intermediário<sup>57</sup>. Amenemhat I subjogou

---

<sup>56</sup> L. M. ARAÚJO, *Os Grandes Faraós do Antigo Egito*, pp. 103-106.

<sup>57</sup> P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, p. 90.

com sucesso, não só os governadores egípcios ainda possuídos por alguma rebeldia, como os vizinhos núbios a sul e os vizinhos asiáticos a norte. Para proteger esta região de eventuais invasões, mandou erguer os Muros do Rei<sup>58</sup>, um conjunto de fortalezas ao longo da fronteira do Delta Oriental, por onde passavam os Caminhos de Hórus, cuja existência é referida na *História de Sinuhe* e n'*As Profecias de Neferti*. As tribos nómadas de beduínos penetravam por aí perturbando as relações com a Síria-Palestina e com este conjunto de fortificações passaram a estar controladas. Além de serem reforçados os contingentes militares na região, estas linhas de fortificação em frente ao Sinai preveniam as invasões de intrusos, permitiam uma defesa de proximidade à exploração mais sistemática das minas de cobre e turquesa do Sinai e facilitavam as relações com a Síria-Palestina. Em todo o caso, todo este esforço de pacificação não foi feito sem criar inimizades, e alguém entre aqueles que combateu acabou por se vingar, conforme se extrai do relato da *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret*.

O reinado de cerca de 30 anos deste soberano permitiu que o Egipto ganhasse um período aproximado de 200 anos de paz e estabilidade, entrando em pleno na referida «idade de ouro». Constituída por sete reis e terminando com uma rainha (Neferusobek, «A beleza de Sobek»), o

---

<sup>58</sup> Os «Muros do Rei» eram um conjunto de fortificações mandadas erguer por Amemhat I para defesa da fronteira nordeste do Egipto, provavelmente no Uadi Tumilat, mais ou menos a meio do actual canal do Suez, de onde se dominavam todas as rotas caravaneyras que atravessavam o norte do Sinai pelos chamados «Caminhos de Hórus». Eram ao mesmo tempo um importante entreposto comercial devido à passagem dessas caravanas e das expedições mineiras que daí partiam e chegavam das minas de turquesa e cobre de Serabit el-Khadim e Uadi Maghara, muito exploradas na XII dinastia (R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 44 nt.11; B. MANLEY, *Atlas historique de l'Égypte ancienne*, pp. 48-49). Levada à letra, a expressão *inbw-hk3* significa «Muros do Governador»: a palavra *inbw* significa «muros» ou «muralhas» e *hk3* significa «governador». Faulkner não lhe dá nome, dizendo apenas que é uma «fortaleza da fronteira oriental»; Sánchez Rodríguez, para além de ter tido um lapso de escrita na palavra na página 93 do seu dicionário, chama-lhes «Muros do governador» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, pp. 23 e 178; Á. SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, pp. 93 e 307). Aqui apenas aparece a palavra *inbw*, mas na linha 66 de *As Profecias de Neferti*, a expressão está completa, *inbw-hk3*, e a palavra «governador» além do seu determinativo normal, G. S38 (𓆎), tem como determinativo G. G7 (𓆏), usado apenas com reis ou divindades, e ainda surge dentro de uma cartela, exclusiva dos soberanos. Por estas razões, julgamos que não lhe devemos chamar de Muros do Governador ou Muralhas do Príncipe, como sugerem alguns autores, mas Muros do Rei ou Muros do Soberano.

primeiro monarca parece ter sido vítima de uma conspiração palaciana na sequência da qual terá sido assassinado, segundo se lê na *História de Sinube*. Sucedeu-lhe o filho Senuseret I, que também levou a cabo uma série de expedições a norte e a sul, em particular na Núbia que foi conquistada até à segunda catarata. Toda esta região nilótica foi protegida por fortalezas para assim se poder controlar e proteger as riquezas que daí, e por aí, chegavam ao Egipto, em particular o ouro núbio e as riquezas que, segundo o *Conto do Naufrago*, aí chegavam através do Nilo vindas do Punt. Além de consolidar muitas das políticas iniciadas pelo seu pai, os registos do seu controlo no Egipto é atestado por perto de três dúzias de locais onde mandou erguer construções, desde o Delta a Assuão.

Sucedeu-lhe o filho Amenemhat II, que continuou o desenvolvimento das relações externas estabelecidas pelos antecessores, havendo provas inequívocas de excelentes relações do Egipto com a região da Síria-Palestina em túmulos reais de ambas as regiões, nomeadamente tributos diplomáticos e jóias de princesas estrangeiras. É com Amenemhat II que se iniciam uma série de obras hidráulicas no Faium. No seu tempo levou-se a efeito o alargamento e afundamento do longo canal Bahr Yussuf que une o Nilo ao lago Moeris no Faium, ao reconhecer-se à região uma forte capacidade para a caça, a pesca e a agricultura. É no entanto com o seu filho, Senuseret II, que as obras hidráulicas da região do Faium propriamente dita se iniciam, tendo sido completadas por Amenemhat III, seu neto. Segundo algumas inscrições em túmulos de governadores de província coevos de Senuseret II, este terá estabelecido boas relações com as elites provinciais. Foi em Mahu, perto do túmulo deste rei em Lahun, na cidade dos construtores da sua pirâmide originalmente designada por Mete-Senuseret, «Senuseret está satisfeito», que Petrie encontrou grande número de papiros com temas que iam de tratados de ginecologia e veterinária a textos legais e a textos astronómicos<sup>59</sup>, denunciando uma época letrada e instruída.

---

<sup>59</sup> P. CLAYTON, *Chronicle of the Pharaohs*, p. 83.

Rompendo a alternância de nomes, seguiu-se o seu filho Senuseret III. À sua figura imponente correspondia certamente um carácter forte e aguerrido que foi fundamental para o domínio completo das elites provinciais e sua subordinação ao poder real. Fez uma reforma administrativa onde uma das principais medidas foi a divisão do país em três departamentos administrativos encabeçados cada um por um vizir<sup>60</sup>, permitindo um maior controlo do país e uma maior eficiência na governação. Em relação à política externa lançou uma série de devastadoras campanhas militares contra a Núbia para salvaguardar rotas comerciais e recursos minerais dessa região. Para facilitar deslocções rápidas junto da primeira catarata mandou desobstruir, alargar e afundar o canal que as ladeava deste o Império Antigo. Em relação aos seus antecessores foi o rei que colocou a fronteira meridional egípcia mais a sul, uma vez que colonizou a Núbia setentrional e ficou a meio caminho entre a segunda e a terceira catarata, estabelecendo a fortificação mais meridional em Semna-Sul. É mais ou menos por esta região, entre a primeira e a terceira catarata, que o autor do *Conto do Naufrago* terá imaginado a sua aventura e a ilha do Ka<sup>61</sup>. Além de conquistador foi também um rei construtor, tendo mandado erguer vários tipos de construções, como templos, santuários ou fortificações.

Com o seu filho Amenemhat III, o Império Médio viveu o seu auge. Continuou os ideais de seu pai, fazendo com que a exploração agrícola do Faium aumentasse, intensificando a exploração mineira, defendendo as fronteiras a norte e a sul, e impondo-se, mais ou menos pacificamente, aos vizinhos em ambas as extremidades, como podemos ler em numerosas inscrições da Síria à terceira catarata. O esplendor da sua época vê-se também numa das suas duas pirâmides, a de Hauara, aquela onde foi sepultado, já que a primeira, a de Dahchur, tornou-se imprópria para a vida eterna ao abrir fendas, tendo sido abandonada. Num período em que estas construções perderam o brilho das do

---

<sup>60</sup> *Idem*, pp. 84-85.

<sup>61</sup> Cfr. T. CANHÃO, *O Conto do Naufrago. Um olhar sobre o Império Médio Egípcio. Análise histórico-filológica*.

Império Antigo, passando a ser construídas de adobes com um gasto mínimo de pedra (praticamente tinham apenas o revestimento exterior de calcário e a zona da câmara funerária e corredores de granito), esta não foge à regra. Contudo, escapa à normalidade das suas contemporâneas, pois tem passagens sem saída, painéis deslizantes, alçapões ocultos e uma câmara funerária constituída por um enorme bloco de quartzito de 7 x 2,5 m, escavado no interior e sem a parte superior. Foi enterrado no solo e depois construiu-se a pirâmide sobre ele. Dentro deste bloco foram colocados dois sarcófagos também de quartzito, o maior para o rei e o menor para a sua filha Neferuptah. Uma vez realizados os enterramentos, a câmara foi selada com uma única laje de cobertura com cerca de 45 toneladas. Sobre ela foram colocadas vários blocos de quartzito que sustentavam outros de calcário, organizados em duas câmaras de descarga. O conjunto era encimado por um enorme arco de tijolo, sobre o qual evoluiu a parte superior da pirâmide. Nada desta imensa fonte de posterior inspiração cinéfila deteve os ladrões. A acrescentar a isto, no seu lado sul, a pirâmide apresenta um templo funerário de tal modo grande e complexo que mereceu no tempo de dois ilustres visitantes gregos, Heródoto e Estrabão, a designação de Labirinto. É um edifício com 305 x 244 m<sup>62</sup>, que tinha mais de mil salas, sendo algumas pequenos santuários dedicados a Sobek.

Amenemhat III foi o último grande faraó da XII dinastia, pouco se sabendo dos derradeiros sucessores, Amenemhat IV e a rainha Sebekneferu (por vezes chamada Sebekneferuré), que no conjunto não deverão ter governado uma dezena de anos. Ambos seriam filhos de Amenemhat III. Aparentemente o primeiro terá governado cerca de seis anos e, eventualmente, falecido prematuramente. Não se sabe como mas, por não haver mais irmãos, a sua irmã ter-lhe-á sucedido na governação do país por um curtíssimo espaço de tempo como rainha. O poder real enfraqueceu, a vigilância das fronteiras foi descuidada e foram-se instalando no Egito, primeiro no Delta e depois descendo até Mênfis e Iti-taui,

---

<sup>62</sup> *Idem*, p. 85.

vagas de emigrantes vindos do Sinai e da Síria-Palestina à procura de terras férteis. Quando atrás destes vieram os Hekau-khasut, os «chefes dos países estrangeiros», donde deriva a palavra «Hicsos», já decorria a XIII dinastia, com um pé ainda no Império Médio e outro já no Segundo Período Intermediário, para a qual a XII dinastia parece ter transitado de forma relativamente suave, mais parecendo ter havido continuidade do que ruptura. Digamos que os Hicsos se instalaram e deram origem ao Segundo Período Intermediário mais por consentimento dos egípcios do que por sua própria imposição.

O Império Médio, em particular a XII dinastia, não só foi palco de um desenvolvimento que beneficiou grande parte da população com o aumento de terrenos férteis, como foi um período onde a joalheria atingiu enorme qualidade e a arte escultórica notável realismo, destaque sobretudo para as estátuas de Senuseret III e Amenemhat III. É também um «período de ouro» para a literatura, que atingiu um brilhantismo extraordinário. Este brilhantismo será, porventura, o reflexo dos extraordinários reis que integraram esta época e das suas necessidades mais prementes: pessoal administrativo em abundância e de qualidade, o que permitiu o aparecimento de excelentes escribas e a multiplicação de escolas onde eles e outros como eles se treinavam; e a necessidade de materiais didáticos e pedagógicos que fossem simultaneamente panfletários e de forte carga ideológica, para reconduzir, sobretudo as elites, ao seu lugar de submissão ao faraó. Todos os textos aqui expostos, de uma forma ou de outra, acabam por se integrar nesta visão: a *Instrução de Kheti* estimula a seguir a formação de escriba e a carreira administrativa; a *Instrução Lealista*, a pôr o rei acima de tudo, ao mesmo tempo que pede respeito pelos servidores; enquanto a *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret*, para além de confirmar o assassinato do rei, apresenta uma série de boas regras de governação, que tanto se aplicam a reis como a outros com cargos de chefia; o *Khufu e os Magos* defende, sobretudo, a ideia de rei divino, muito bem integrada num ambiente onde a magia abunda; o *Conto do Camponês Eloquente* expõe o pilar da existência individual e colectiva dos Egípcios, *maat*; a *História de Sinube*, além de mostrar a faceta mais humana do rei, mostra a relação de superiori-



dade dos Egípcios perante os seus vizinhos e a sua fidelidade ao rei; o *Conto do Naufrago* apresenta de forma subtil a felicidade para além da morte; o *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba* e *As Lamentações de Khakheperréseneb* dão-nos a visão de um homem novo mais virado para si mesmo; os relatos incluídos na *Profecia de Neferti* e em *As Admoestações de Ipu-uer*, parecem querer impedir que se esqueçam as atrocidades vividas nos tempos difíceis de forma a impedir o seu reaparecimento; e os *Hinos a Senuseret III* mostram um rei implicado neste período áureo e as razões pelas quais ele foi superior a muitos outros que ocuparam o seu lugar, antes ou depois.

\* \* \*

Tecidas algumas considerações sobre a época que abrange o tempo histórico e literário destes textos, outra questão que importa abordar previamente é a sua forma de apresentação. Reconhecer os textos egípcios como prosa ou verso nem sempre é fácil. Por vezes existem certas características gramaticais que nos ajudam, por exemplo, verbos ou frases narrativas, mas como a definição dos tipos literários depende muitas vezes da estrutura métrica, torna-se muito difícil em relação aos originais egípcios. Nalguns casos é mesmo impossível esse reconhecimento, uma vez que não utilizavam nem vogais nem acentuação, e usavam, de uma forma geral, proposições muito curtas. Para os Egípcios, a simples definição de «verso» (*versus* = linha escrita, mais tecnicamente um *cólon*, em latim, ou um *stich*, em grego), é problemática. Segundo nos informa R. Parkinson, há apenas dois exemplos que, reconhecidamente, são apresentadas neste tipo de escrita: um manuscrito da XXVI dinastia, o *Ensino de Amenemope* (da XIX dinastia) e um texto funerário demótico do princípio do primeiro século da nossa era<sup>63</sup>. A própria apresentação manuscrita é bastante importante.

---

<sup>63</sup> R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 113.

Os casos em que este tipo de escrita surge no Império Médio não correspondem a versos, aparecendo arranjos em linha para evitar a duplicação dos refrões (casos dos hinos de El-Lahun, *Hinos a Senuseret III*, e da biografia da estela de Antef), ou sem a repetição de elementos, assinalando algumas separações de máximas (*Papiro Ramesseum II*). Em documentos administrativos onde a informação é apresentada em tabelas ou listas em colunas, surgem, por vezes, marcas gráficas que terminam cada *cólon*; nos manuscritos literários surgem como forma de incorporar certos arranjos particulares, como a lista de produtos no *Conto do Camponês Eloquente* (B1 1-14) ou a carta do rei na *História de Sinube* (B 178-199)<sup>64</sup>.

Estas dificuldades levaram a que os egiptólogos desde A. Erman vi-rassem a sua atenção para a forma métrica. G. Fecht acabou por propor um sistema comparável ao do verso copta, que não rima, mas é ritma-do, onde cada verso é medido por grupos de palavras, tendo cada uma determinada acentuação; o número de acentuações, as sílabas tónicas, é fixo, enquanto as sílabas não acentuadas, as sílabas átonas, não contam, podendo-se produzir versos de extensão irregular. Fecht só aceitava versos de duas ou três *cola*, mas têm sido apresentados alguns exemplos em que essa regra parece não ter sido cumprida. Não tantos casos que ponham em causa os princípios de Fecht, mas são divergências que podem sugerir que a contagem da quantidade dos *cola* por verso deve ser mais flexível. Aliás, não nos parecem sustentáveis posições inflexíveis em relação a uma língua da qual não sabemos o que se perdeu entre o tempo em que era falada e escrita, e os dias de hoje<sup>65</sup>. Esta sucessão de sílabas fortes e fracas, com intervalos mais ou menos regulares, a que chamamos ritmo, encontramos, também, nos versos portugueses<sup>66</sup>. Depois o ritmo da linguagem vai modificando as regras gramaticais que permitem a identificação destas acentuações, pelo que se deve contar sempre com possíveis variações que não se podem traçar gramaticalmente.

---

<sup>64</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>65</sup> *Idem*, p. 116.

<sup>66</sup> C. CUNHA e L. F. LINDLEY CINTRA, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, p. 665.

Contudo, ao contrário dos modelos grego ou latino, que apresentam uma métrica quantitativa com uma alternância regular de sílabas longas e breves, no modelo copta, embora a métrica egípcia fosse uma métrica acentuada, os «componentes da acentuação da frase» eram contabilizados através de uma contagem dos *cola*. Portanto, um discurso era dividido por possíveis pausas para respirar, que surgiam a separar dois *cola*, desenvolvendo-se de pequenos para grandes grupos de palavras, originando um crescendo cada vez mais forte da própria acentuação. Os conjuntos de versos em que todos têm o mesmo número de tónicas dizem-se metricamente puros, designando-se por misturados quando cada um tem um número de tónicas diferentes<sup>67</sup>. Quando não é possível uma clara correspondência entre a palavra «frase» (*ts*) e um simples «verso» segundo as regras de Fecht, deve usar-se a primeira: há casos em que dois versos distintos constituem uma *ts*<sup>68</sup>. Os versos agrupam-se em estâncias, designadas por *hwt*, «mansões», palavra etimologicamente paralela a «estância», que em português é sinónima da palavra «estrofe», cuja origem grega, *strophé*, significa «volta», «conversão», e constituem agrupamentos rítmicos formados por dois ou mais versos (em português: dístico, terceto, quadra, quintilha, sextilha, estrofe de sete versos, oitava, estrofe de nove versos, décimas e estrofes livres)<sup>69</sup>.

Embora surja desde a VI dinastia aplicada aos «Textos das Pirâmides», concebidos como «mansões de signos» em forma de colunas, só foi utilizada com este sentido no Império Novo, quando foi aplicada a algumas composições das canções de amor do *Papiro Chester Beatty* e em *Amenemope*. No Império Novo as estâncias eram separadas umas das outras escrevendo algumas ou todas as palavras do primeiro verso com tinta encarnada, uma prática que vinha desde o Império Antigo para destacar secções do texto cursivo. Nos manuscritos do Império Médio não foi encontrada qualquer tipo de marca padrão de estâncias, «sugerindo

---

<sup>67</sup> W. BARTA, *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba*, p. 59.

<sup>68</sup> R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, pp. 113-114.

<sup>69</sup> Cfr. C. CUNHA e L. F. LINDLEY CINTRA, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, pp. 676-691.

que as divisões atestadas podem ter resultado de codificações tardias e práticas educativas»<sup>70</sup>.

Enquanto a narrativa e os escritos de características mundanas (administrativos, políticos, etc.) seguem a sintaxe habitual em qualquer linguagem dando origem à prosa, a poesia é, essencialmente, um artifício, um uso artístico da palavra e da gramática, para criar efeitos especiais na mente dos leitores ou ouvintes. Ela pode variar no próprio uso, podendo ser criada pelo simples desejo de o seu criador satisfazer a sua própria necessidade criativa, isto é, numa concepção da arte pela arte, ou para servir algum desejo específico, como uma oração a uma divindade, devoção a um chefe, expressão de sentimentos acerca de um assunto, entretenimento, etc. Na poesia do antigo Egipto a «unidade geral» básica é a proposição completa ou «unidade-ideia», constituída por pequenas entidades, em que a mais pequena a fazer sentido é a palavra. Pode ser um substantivo («cão», «pôr-do-sol»), um conceito ou condição («gentileza», «felicidade»); um adjectivo que ajude a qualificar um substantivo («verde», «sábio», «pesado»); um verbo ou uma palavra de acção («sorrir», «andar» «ser surpreendido»); ou um advérbio que qualifica uma acção (andar «rapidamente», sorrir «gentilmente»). Mas as palavras não funcionam isoladamente, raramente carregando uma mensagem completa: ajudam-se umas às outras e usam partículas de ligação, de modo a formarem frases com as quais se formam quadros na nossa mente: «no jardim das rosas», «voando a velocidade supersónica». Podem mesmo ser usadas fórmulas contrastantes («falar para», «falar contra», «falar em», «falar acerca»), todas querendo dizer coisas diferentes. De preferência as palavras surgem juntas formando frases completas e dando origem a «unidades de mensagem». Depois, as proposições completas ou frases simples, podem ser combinada em frases complexas.

Em todas as linguagens existem formas de organizar as palavras para fazer frases compreensíveis, isto é, há regras de sintaxe definidas. Em português, os tipos de versos monossilábicos e dissilábicos não são frequentes, mas a partir dos trissilábicos existem numerosas possibilidades: tetrassilábicos,

---

<sup>70</sup> R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 114.

pentassilábicos ou versos de redondilha menor, hexassilábicos, heptassilábicos ou redondilha maior, octossilábicos, eneassilábicos, decassilábicos, hendecassilábicos e o dodecassilábico ou verso alexandrino, no que respeita ao sistema de versificação isossilábico, porque ainda podemos considerar a versificação acentual, os metros bárbaros e o verso livre, que não obedecem ao princípio isossilábico). O dodecassilábico, nas suas diferentes expressões – o alexandrino francês clássico (6+6 ou 3+3+3+3) ou o alexandrino romântico francês (além daqueles, ainda 4+4+4 ou 3+5+4 ou 4+5+3) – é o verso mais longo utilizado pelos poetas de língua portuguesa<sup>71</sup>.

O Egito antigo, no caso vertente a sua poesia, embora apresente as suas idiossincrasias, não escapa a esta realidade. A proposição completa ou frase simples é a unidade básica com que os poetas egípcios realizaram os seus trabalhos, à qual acrescentaram o conceito de «paralelismo». Contudo, como nos explica K. Kitchen, não se ficaram por aí e rapidamente levaram o processo de «paralelismo» muito mais longe: se duas linhas podiam ser postas em paralelo para produzirem determinados efeitos, isso também podia ser feito com três, quatro, ou mais linhas, para atingir os mais variados efeitos poéticos<sup>72</sup>.

Seguindo a nomenclatura e respectivos exemplos propostos por K. Kitchen, vejamos as diferentes hipóteses de versejar, utilizadas pelos Egípcios, começando pela unidade.

**1a** – Cada frase completa ou unidade de pensamento é uma «linha», isto é, um *cólon*. Se aparece como unidade única num poema, pode ser chamada de *monocólon* (ou *mono-estíquio*).

**1b** – Mas o característico dualismo egípcio deu origem ao caso muito comum em que cada «linha» pode consistir em duas metades balanceadas, criando um paralelismo interno onde o que cada metade diz corresponde ao que diz a outra metade, formando um «paralelismo sinónimo». A cada

---

<sup>71</sup> Cfr. C. CUNHA e L. F. LINDLEY CINTRA, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, pp. 700-708.

<sup>72</sup> K. A. KITCHEN, *Poetry of Ancient Egypt*, pp. xiii-xiv.

meia-linha pode-se chamar *meio-cólon*. Uma vez que a segunda linha retoma o mesmo tema, cada linha completa pode ser emparelhada com uma segunda linha completa, relacionando-se o seu significado. Exemplo:

Os céus são azuis, a cripta funerária é azul  
os céus retêm o seu firmamento de cor azul.

**2** – Duas linhas ou unidades de pensamento aparecem frequentemente juntas formando um verso: é o que se chama uma *copla* ou *bicólon*. É o tipo mais comum de verso-unidade poético na poesia do antigo Egito (e do Próximo Oriente antigo, onde os salmos bíblicos são os exemplos mais acessíveis à tradição cultural do Ocidente). Há quatro possibilidades:

**2a** – *Paralelismo sinonímico*. As duas linhas da *copla* dizem a mesma coisa por palavras diferentes. Por exemplo:

Louva Amon, e ele proteger-te-á,  
adora Amon-Ré, e ele guardar-te-á.

**2b** – *Paralelismo antitético*. A segunda linha expressa um contraste ou oposição à primeira linha.

Acaricia um cão, e ele amar-te-á,  
bate num cão, e ele morder-te-á.

**2c** – *Paralelismo sintético*. Ambas as linhas partilham o mesmo tema básico, mas a segunda acrescenta algo ao que é dito na primeira. No exemplo, o tema da vitória é comum, mas à morte do inimigo da primeira linha, a segunda acrescenta a destruição das suas residências.

O faraó chacinou os seus inimigos,  
o falcão destruiu as suas cidades.

**2d** – *Paralelismo positivo negativamente*. Uma afirmação positiva na primeira linha, harmoniza-se, por contraste, com o negativismo expresso na segunda linha, que simplesmente confirma a primeira mas de forma oposta:

O rei venceu todos os seus inimigos,  
nenhum rebelde pode resistir ao seu braço poderoso.

**2e** – *Paralelismo complementar*. Duas linhas estão em paralelo como duas proposições independentes, em que o significado da segunda é distinto do da primeira, sendo, contudo, suplementar ou complementar para ela. No exemplo, a primeira linha afirma a perícia da rapariga (o seu cabelo, como um laço, «captura» o rapaz), a segunda assinala, com algum humor, que ela não tem suporte familiar para tal perícia. A única ligação entre as duas linhas independentes é a utilização do «laço»:

Como ela sabe atirar o laço, a amada,  
Mesmo sem ser filha de um criador de touros!

**2f** – *Coplas balanceadas*. Uma proposição completa é dividida por duas linhas, sendo o sentido da primeira frase completado no segundo verso.

O amor dele arrebatava o coração  
de todos os que passassem pelo caminho.

**3** – *Tricólon* ou «tripla»: três linhas formavam um verso. Três casos podiam acontecer:

**3a** – Cada uma das três linhas mostra paralelismo sinonímico ou sintético (como as *coplas*) entre si (1+1+1), como neste exemplo que fala do perfume do «Olho de Hórus»:

Ele dotar-te-á de uma renda,  
ele dotar-te-á de energia,  
ele engrandecer-te-á.

**3b** – Três linhas formam uma *copla* seguida de uma linha «de seguimento» (2+1), as três formando um todo conceptual, como no exemplo da metáfora do amante «capturado»:

O ganso-bravo voa e pousa,  
acabando por cair na rede,  
enquanto inúmeros pássaros voam em redor.

**3c** – Uma linha-chave seguida de uma *copla* (1+2), como neste exemplo dos «Textos das Pirâmides»:

Na realidade, Unas transformou-se num *akh* imperecível,  
aquele que desejar que ele viva, certamente viverá,  
aquele que desejar que ele morra, certamente morrerá.

**4** – *Quadras*. Quatro linhas formam uma totalidade, sendo um conceito único. Existiam quatro variações poéticas:

**4a:** Paralelismo simples (1+1+1+1). Ao contrário das *bicólon* ou das *tricólon*, as *quadras* raramente têm um paralelismo simples, como no exemplo seguinte («Textos das Pirâmides»):

Os grandes são para a sua refeição da manhã,  
os médios são para o seu jantar,  
os pequenos são para a sua ceia,  
os velhos, macho e fêmea, são para as suas estatísticas.

**4b:** A ligação de duas *coplas* sucessivas (2+2), formando uma unidade-verso («Textos das Pirâmides»):

Tu és poderoso,  
possas tu banir todo o mal de Osíris, este rei,  
tu não deverás permitir-lhe que ele se volte contra ele,  
no nosso nome de Hórus não precisamos de repetir este trabalho.

**4c:** Uma linha mais uma *copla* mais uma linha (1+2+1), («Textos das Pirâmides»):

É o viajante que apunhala os senhores,  
que os estrangulará para o rei,  
que lhes extrairá as entranhas para ele,  
ele é o mensageiro que ele (o rei) manda para os capturar.

**4d:** *Tricólon* mais uma quarta linha (3+1), («Textos das Pirâmides»):

Ó Ré, dá a tua mão ao rei,  
para que Chu pegue nele, para ser companheiro de Chu,  
o rei bebeu leite das duas vacas negras,  
as amas das almas de Heliópolis.



**4e:** Dois conjuntos de linhas intercaladas, a  $1^a + 3^a$  e a  $2^a + 4^a$  (A+B, A'+B'), («Textos das Pirâmides»):

É abençoado por mim, e por ele,	(A)
é reconfortado por mim, e por ele,	(A')
no abraço do meu pai,	(B)
no abraço de Atum.	(B')

**5** – Foram ainda reconhecidas unidades conceptuais maiores, também atestadas desde os tempos mais remotos, como as unidades de cinco linhas, por vezes constituídas por um *tricolon* mais um *bicolon* (3+2), outras por dois *bicolons* mais uma linha isolada (2+2+1). Podem ainda aparecer formações de seis ou sete unidades e mais.

**6a** – *Elipse*. Frequentemente, em *coplas* ou *tricolons*, os poetas egípcios julgavam poder melhorá-las evitando a repetição da primeira metade de uma linha na linha seguinte, onde apenas expressavam a segunda metade, que se manifestava em paralelo com a segunda metade da primeira linha, e ambas dependiam da primeira metade da primeira linha.

A <i>fórmula completa</i> seria:	Com a eliminação da repetição na segunda linha:
Presto adoração a Hathor,	Presto adoração a Hathor,
presto louvores à minha soberana.	e louvores à minha soberana.

**6b** – *Pivot*. Outro artifício podia ser a utilização de uma palavra comum na junção de duas linhas ou *coplas*, sem que estivesse incluída em qualquer delas e servindo para ambas.

Um dia feliz (é) a minha visão de ti,  
meu irmão,  
um enorme prazer é (apenas) observar-te<sup>73</sup>.

Ora como a maioria dos textos do Egipto antigo, em qualquer suporte, em escrita hieroglífica ou hierática, não separavam as palavras com espaços e, aparentemente, também não utilizavam quaisquer marcas de

<sup>73</sup> K.A. KITCHEN, *Poetry of Ancient Egypt*, pp. xv-xx.

pontuação, apresentando-se o texto todo seguido do princípio ao fim, a pontuação que os tradutores hoje utilizam deriva da junção de uma vertente mais objectiva, a estrutura gramatical, com outra mais subjectiva, a percepção do tradutor, com uma subvertente implícita que é o facto de cada tradutor estar integrado num determinado meio técnico-cultural que diverge de língua para língua e de país para país, por vezes divergindo até dentro da mesma língua ou do mesmo país.

Contudo, na escrita hierática surgem, em bastantes e diversificados manuscritos, pequenos pontos encarnados que separam conjuntos de palavras gramaticalmente organizadas. Estes pontos encarnados, ou, como lhes chama R. Parkinson, «pontos de verso»<sup>74</sup>, parece que só no final do Segundo Período Intermediário passaram a ser um hábito, tornando-se comuns nos manuscritos da literatura hierática do Império Novo. Nem sempre indicavam um verso, pois há exemplos onde os pontos de verso indicam apenas um simples *cólon* e não um verso, como é o caso do *Conto da Verdade e Mentira no Papiro Chester Beatty II*<sup>75</sup>. Por isso e porque não são exclusivos dos textos literários, podiam indicar também locais de respiração em textos que eram para serem recitados, como já tinha pensado Fecht, por exemplo, para contextos litúrgicos<sup>76</sup>. Aliás, a primeira vez que os pontos de verso aparecem é no final da XII dinastia, exactamente associados, e em exclusivo, a textos rituais. É em cópias do Império Novo, ou posteriores, que surgem em diversos textos do Império Médio, literários e não literários, escritos tanto por candidatos a escribas como por escribas já formados. Nem sempre estão colocados segundo as regras estipuladas por Fecht, e se alguns casos podem ser apontados a erros do escriba, ou a corrupções que passaram de copista para copista, outros parecem indicar a possibilidade de que devemos ser mais flexíveis do que Fecht, como já antes expressámos, e considerar outras possibilidades de emparelhamento dos *cola* por linha e verso, mais na senda de K. Kitchen.

---

<sup>74</sup> R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, pp. 115-117.

<sup>75</sup> *Idem*, p. 117.

<sup>76</sup> *Idem*, pp. 116 e 117.

Esta problemática, que não está de modo algum encerrada, leva a que os diferentes tradutores apresentem os textos egípcios antigos essencialmente de três formas diferentes: uns, normalmente os mais antigos, mas não só, como A. Erman ou G. Lefebvre<sup>77</sup>, apresentam as suas colectâneas totalmente em prosa; outros, como R. B. Parkinson, P. Vernus ou J. L. Foster<sup>78</sup>, apresentam-nas totalmente em verso; e outros, como W. K. Simpson e M. Lichtheim<sup>79</sup>, utilizam simultaneamente os dois, prosa e verso. Isto é possível porque, por um lado, a escrita egípcia, em prosa ou verso, é uma escrita contínua, em que as linhas ou colunas não correspondem a versos, podendo uma mudança de linha ocorrer a meio de uma frase, ou mesmo a meio de uma palavra; por outro, porque ao desconhecermos a sonoridade do egípcio antigo falado, temos dificuldade em compreender cabalmente noções do tipo, por exemplo, de «rima» ou «ritmo», aplicadas aos seus trabalhos literários, se é que existiam conforme os entendemos hoje; por outro, ainda, porque o nosso desconhecimento nesta área não nos permite concluir com segurança que todas essas obras literárias estão sujeitas a determinadas disposições de acentuação e ritmo donde resulte a cadência aprazível que encontramos na generalidade da poesia ou, pelo contrário, não têm dessas sujeições e são simplesmente prosa.

Além de tudo isto, há que considerar ainda a hipótese da existência de textos antigos que se possam enquadrar em modelos daquilo que actualmente se designa por prosa poética, textos que sendo escritos em prosa, isto é, sem apresentarem quaisquer traços estruturais dos versos, possam conter certos temas escritos de forma de tal modo empolgante, com uma escolha de palavras e uma construção de frases adequadas, que servem um certo ritmo de leitura e são agradáveis de ler ou ouvir. No lado oposto, também é possível pensarmos na possibilidade de poder

---

<sup>77</sup> A. ERMAN (trad. A. M. Blackman) *Ancient Egyptian Poetry and Prose*; G. LEFEBVRE, *Romans et contes égyptiens de l'époque pharaonique*.

<sup>78</sup> R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinube and other ancient egyptian poems (1940-1640 B. C.)*; P. VERNUS, *Sagesses de l'Égypte pharaonique*; J. L. FOSTER, *Ancient Egyptian Literature. An Anthology*.

<sup>79</sup> W. K. SIMPSON (ed.), *The Literature of Ancient Egypt. An anthology os stories, inscriptions and poetry*; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature, vol. I (The Old and Middle Kingdoms)*.

haver narrativas enquadradas nos versos, ou seja, de os próprios versos contarem histórias e, por isso, terem que contemplar elementos gramaticais ou lexicais normalmente conotados com a prosa.

Em todo o caso, «é pacificamente aceite pela generalidade dos autores que uma grande parte da literatura egípcia está exarada em verso – todas as sentenças e conselhos dos sábios, profecias e lamentações, parte dos diálogos do *Cansado da Vida*, discursos e hinos do *Camponês*. É que os poetas não se limitaram a entoar cantigas de amor e hinos aos deuses e aos reis. Só em poesia se transmitiam conselhos de bem viver e de bem governar, reflexões sobre a condição humana e ensaios de teodiceia. A forma poética invade até os domínios da prosa em contos e narrativas»<sup>80</sup>. Estas palavras de Nunes Carreira são o eco das palavras proferidas por E. Blumenthal na obra editada por A. Loprieno<sup>81</sup> que, na mesma publicação, afirma em relação aos textos egípcios que «o que faz os textos literários merecerem um discreto tratamento é a sua função *primária*, que pode ser descrita como “poética”, isto é, uma designação específica orientada em direcção à própria mensagem»<sup>82</sup>.

Será pois de forma poética que apresentaremos estes doze textos literários do Império Médio<sup>83</sup>, que traduzimos directamente das fontes hieroglíficas, com recurso, quando necessário, aos papiros originais hieráticos, procurando o equilíbrio nos pratos da balança: de um lado o médio egípcio e a cultura egípcia faraónica do Império Médio, do outro a língua portuguesa e a nossa cultura contemporânea. O fiel desta balança será o rigor científico. Contudo, tivemos que fazer algumas concessões à língua portuguesa e à poesia moderna para tornar os textos mais compreensíveis, sobretudo na ligação de frases e na clarificação de

---

<sup>80</sup> J. N. CARREIRA, *Literatura do Antigo Egipto*, p. 36.

<sup>81</sup> E. BLUMENTHAL, «Die Literarische Verarbeitung der Übergangszeit Zwischen Alt und Mittlerem Reich», em A. Loprieno (ed.), *Ancient Egyptian Literature. History and Forms*, pp. 125-126.

<sup>82</sup> A. LOPRIENO, «Defining Egyptian literature: ancient texts and modern theories», em A. Loprieno (ed.), *Ancient Egyptian Literature. History and Forms*, p. 42.

<sup>83</sup> Parkinson diz que os textos literários do Império Médio são cerca de quarenta (R. B. PARKINSON, *Poetry and Culture*, p. 111).

ideias com a introdução de algumas palavras, que em nada prejudicam a ideia original.

Por fim, refira-se que os títulos dos textos, bem como os subtítulos, por exemplo, «Segundo conto: o marido enganado», «Pela Palestina até à Síria» ou «Quinta petição», ou a numeração das estrofes nas instruções, não constam, obviamente, dos originais, tendo sido introduzidos por nós com a finalidade de conduzir os leitores e facilitar a sua compreensão dos textos. Os sublinhados dizem respeito a frases ou palavras que nos manuscritos se encontram escritas a encarnado. Por seu lado, as frases ou palavras entre parênteses curvos são introduzidas a contexto para tornar mais compreensíveis algumas passagens e as frases ou palavras entre parênteses rectos são consideradas reconstituições.

(Página deixada propositadamente em branco)

## 1. KHUFU E OS MAGOS

O rei Khufu combate o tédio<sup>84</sup> ouvindo contos fantásticos apresentados pelos filhos, onde a magia é o centro das atenções. O *Papiro Westcar* apresenta três contos completos e, nos extremos, dois contos incompletos. Cada conto é introduzido por um filho diferente, e como Khufu teve nove filhos, isto possibilita a alguns a hipótese de se poder admitir que o original completo pudesse ter sido de nove contos<sup>85</sup>.

**Primeiro conto:** Apenas se conhece a oferenda funerária com que termina o conto e com a qual o rei Khufu agradece ao rei Djoser e ao seu primeiro sacerdote leitor, de quem se desconhece o nome, pelo prodígio que acabara de lhe ser relatado, mas que para nós é totalmente desconhecido.

**Segundo conto:** É vulgarmente designado por «O marido enganado». O filho do rei, o futuro soberano Khafré, conta que quando o primeiro sacerdote leitor Ubainer acompanhou o segundo rei da III dinastia, Nebka, mais conhecido por Sanakht, ao templo de Ptah em Mênfis, a sua mulher cometeu adultério. Depois do caso lhe ter sido relatado por um fiel servidor, logo ele fez uma escultura de cera de um crocodilo a quem leu uma fórmula mágica. Levado pelo criado com instruções precisas, o

---

<sup>84</sup> Estamos em crer que este «combate ao tédio» não passa de uma fórmula literária para introduzir os textos.

<sup>85</sup> G. LEFEBVRE, *Romans et Contes Égyptiens de l'Époque Pharaonique*, p. 71.

crocodilo de cera transforma-se num crocodilo verdadeiro capturando o homem quando ele procedia ao habitual banho no lago da casa de Ubainer, depois de consumado o acto libidinoso. Sete dias o crocodilo e o homem ficaram no fundo do lago até Ubainer regressar. Voltou com o rei pondo-o a par da situação. Nessa altura o homem ainda estava vivo, sendo condenado à morte pelo rei, que o ofereceu ao crocodilo. A mulher do primeiro sacerdote leitor também foi condenada à morte pelo faraó, mas pelo fogo. O conto termina com uma oferenda funerária exactamente igual à do primeiro conto, só mudando os nomes dos homenageados.

**Terceiro conto:** Conhecido como «O passeio de barco», «O passeio náutico» ou «As remadoras», tem agora como o relator o príncipe Bauefré. Procurando ocupar o tempo do rei Seneferu, o seu sacerdote leitor chefe, Djadjaemankh, propõe-lhe um passeio pelo lago do palácio, numa barca conduzida pelas mais belas raparigas do palácio. Durante o passeio, uma delas deixa cair à água um pingente novo, parando de remar e chamando assim a atenção do rei. Recusou continuar a remar e respondeu ao rei não querer que ele lhe substituísse o pingente perdido, mas que recuperasse o seu. Sem outra solução, o rei chama Djadjaemankh para resolver a situação. Por artes mágicas este coloca metade da água do lago sobre a outra metade e apanha o pingente, devolvendo-o à dona. Volta a pôr o lago como dantes e acabaram todos em grande festa. Também este conto termina com uma oferenda funerária igual à do primeiro, só tendo mudado o nome dos homenageados<sup>86</sup>.

**Quarto conto:** Hordedef, outro filho de Khufu, introduz o conto «O mago Djedi». Cansado de ouvir falar de prodígios de outros tempos, diz ao pai que conhece um mago capaz de fazer coisas excepcionais, como repor uma cabeça decepada no seu lugar, com a consequente restituição de vida. Hordedef é, então, encarregue de o ir buscar, tarefa que

---

<sup>86</sup> Sobre o segundo e o terceiro contos ver T. F. CANHÃO, «Eroticism and sensuality in Papyrus Westcar», em L. M. Araújo e J. C. Sales (eds.), *Actas do Segundo Congresso Internacional para Jovens Egiptólogos*, pp. 567-585; ou em F. Caramelo (ed.), *Res Antiquitatis. Journal of Ancient History*, pp. 83-101.



cumprir com rapidez. Uma vez na corte, o mago Djedi apresenta as suas habilidades, recusando-se a provocar a morte de um ser humano. Mas quando o rei procura a resposta da maior das suas preocupações ligada à construção da sua pirâmide, a quantidade das câmaras secretas do santuário de Tot, Djedi foge à resposta e introduz o quinto conto, falando de três crianças que um dia seriam reis em todo o Egito, levando o rei a querer deslocar-se ao local do seu nascimento, para encontrar a solução do seu problema.

**Quinto conto:** O nome que lhe é atribuído hoje é indiscutível, «O nascimento da V dinastia», embora na altura relatada não fizesse qualquer sentido. Mas o tratamento corrente de «anexo ao quarto conto» não é correcto. Pelo contrário, ele é o clímax deste texto. Os outros contos é que lhe são «anexos». Aliás, como se disse, este quinto conto é «lançado» no quarto conto, percebendo-se com clareza que há todo um clima mágico preparativo e envolvente da magia deste último conto. Nele é relatado o nascimento dos três primeiros reis da V dinastia – Userkaf, Sahuré, Neferirkaré Kakai – tendo-se criado com as narrativas anteriores o clima propício ao seu nascimento divino, ajudados por Ísis, Néftis, Meskhenet, Heket e Khnum. Depois deste acontecimento, os deuses arranjam um estratagema fabricando três coroas reais, e, para não as carregarem e poderem voltar, deixaram-nas sigilosamente guardadas em casa de Rauser, sacerdote de Ré e senhor de Sakhebu, centro de culto do deus solar, cuja esposa, Redjedet, tinha concebido a descendência com o próprio Ré. Uma serva descobre as coroas, desentende-se com a sua ama e resolve participar a sua descoberta a Khufu. Contudo, a delação nunca chegou a acontecer. O papiro é interrompido sem que haja qualquer indicação de quantas páginas faltam para o final ou de como terminaria a narrativa.

A abreviatura v. p. s. significa Vida! Prosperidade! Saúde! Era a fórmula habitual para desejar um futuro longo, próspero e saudável, inicialmente como atributos conferidos ao rei ou a um elemento honorável da sociedade egípcia, particularmente em cartas: «Possa ele viver, prosperar e ter saúde!» A partir

da XVII dinastia, sobretudo, surge também aplicada a outros termos ligados à realeza, como *per-nesu* e *per-aa* (*pr-nsw* e *pr-ꜣ*), formulando igual desejo em relação à casa real e ao palácio, não aos edifícios, mas aos termos como colectivos da instituição. Esta abreviatura aparecerá também noutros textos.

## **Primeiro conto (apenas a oferenda final)**

... ..

Então, a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz, disse:

«Que sejam feitas oferendas de mil pães,  
cem jarros de cerveja,  
um boi e duas bolas de incenso  
ao rei do Alto e do Baixo Egipto Djoser, justo de voz,  
e juntamente que seja oferecido um bolo,  
um jarro de cerveja, uma porção de carne  
e uma bola de incenso ao sacerdote leitor chefe ... .. ,  
pois eu vi o seu acto de sabedoria.»

E foi feito exactamente como sua majestade ordenara.

## **Segundo conto: o marido enganado**

Então, o príncipe Khafré levantou-se para falar e disse:

«Eu vou dar a conhecer à tua majestade um prodígio que aconteceu  
no tempo do teu pai Nebka, justo de voz,  
quando ele se dirigia ao templo de Ptah, senhor de Ankhtai.  
Ora, então, sua majestade partia para fazer uma oferenda em Ankhtai.  
Sua majestade, ela própria, ocupou-se do rito ...  
e o sacerdote leitor chefe Ubainer estava com ele ...

Então, a mulher de Ubainer [enamorado-se de um homem]

... ..

... ..

... ..

... ..

Então, ela mandou levar-lhe uma caixa

cheia de roupa ... ..

Ele veio com a serva.

Passados alguns dias depois disto,

como havia um pavilhão no jardim de Ubainer,

logo o homem disse à mulher de Ubainer:

“Há certamente um pavilhão no jardim de Ubainer!

Pois bem, vamos passar um momento aí!”

Então, a mulher de Ubainer enviou uma mensagem ao chefe dos servidores que estava encarregue do jardim, para dizer:

“Manda preparar o pavilhão do jardim.”

Ela passou aí o dia a beber com o homem ... .. feliz ...

E quando a noite veio,

logo ele fez o convite de descer para o lago

e então a serva ... ..

o ... .. o chefe dos servidores ... ..

... .. Ubainer ... ..

E quando nasceu o dia seguinte,

o chefe dos servidores foi

... .. este assunto

... ..

... .. este ... ..

... .. ele fez ... .. o lago ... ..

ele permitiu ao seu senhor

... .. da água.

Então ... ..

Então Ubainer disse-lhe:

“Traz-me ... ..

... .. de ébano e ouro fino.”

... .. construiu um crocodilo de cera

de sete dedos de comprimento.

Leu alto, sobre ele, uma fórmula mágica,

lendo-a assim: “Aquele que vier tomar banho no meu lago

... [agarra esse] homem [com a tua boca].”

Depois ele deu-o ao chefe dos servidores

e disse-lhe:

“Quando o homem descer para o lago,

como é seu hábito fazer diariamente,

atirará logo o crocodilo ... depois dele.”

O chefe dos servidores foi-se embora,  
levando o crocodilo de cera na mão.

Então, a mulher de Ubainer enviou (uma mensagem) ao chefe dos servidores,  
que estava encarregue do jardim, para dizer:

“Manda preparar o pavilhão do jardim.

Olha, eu virei para aí repousar!”

Então, o pavilhão foi preparado com todo o tipo de coisas boas.

Elas foram para aí

e passaram um dia agradável com o homem.

E quando a noite veio,

o homem fez o que era seu hábito (fazer) diariamente.

Então, o chefe dos servidores atirou o crocodilo de cera  
logo a seguir para a água.

Então ele transformou-se num crocodilo de sete côvados  
e agarrou o homem [com a sua boca].

Entretanto, Ubainer teve que ficar

com a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz,  
durante sete dias,

[enquanto] o homem permanecia [no fundo da água sem] respirar ...

E quando os sete dias passaram,

fazendo-se ... .. ele dirigiu-se ao rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo  
[de voz.

Então o sacerdote leitor chefe Ubainer  
pôs-se à sua frente e disse-lhe:

“Que a tua majestade venha comigo,  
para que veja o prodígio que acontece no tempo da tua majestade:  
[um] homem [debaixo de água.”]

[Então, sua majestade foi com] Ubainer.

Então, Ubainer [chamou] o crocodilo para dizer:

“Traz o homem!”

[O crocodilo] saiu [da água trazendo-o.]

O crocodilo ... ..

Então, o sacerdote leitor chefe Ubainer disse:

[“Esse homem! Larga]-o!”

Então ele [largou]-o. Ele largou-o [sem] lhe [ter causado nenhum ferimento.]

[Então], a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de

[voz, disse:

“É de facto um crocodilo atarrador!”

Ubainer baixou-se e agarrou-o.

Na sua mão, logo se transformou num crocodilo de cera.

O sacerdote leitor chefe Ubainer contou

o que o homem tinha feito em sua casa com a sua mulher,

à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz.

Então, sua majestade disse ao crocodilo:

“Leva contigo o que é teu!”

E o crocodilo desceu

para [o fundo] do lago,

nunca mais se tendo sabido para que lugar terá ido, levando-o consigo.

Então, a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz,

fez conduzir a mulher de Ubainer para um pequeno terreno

a norte do palácio.

Então fez com que fosse queimada (e ordenou que lançassem) os restos

[ao rio.

Eis um prodígio que aconteceu no tempo do teu pai, o rei do Alto e do Baixo

[Egipto Nebka,

que foi feito (pelo) sacerdote leitor chefe Ubainer.»

A majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz, disse:

«Que sejam feitas oferendas de mil pães,

cem jarros de cerveja,

um boi e duas bolas de incenso

ao rei do Alto e do Baixo Egipto Nebka, justo de voz,

e juntamente que seja oferecido um bolo,

um jarro de cerveja,

uma porção de carne e uma bola de incenso

ao sacerdote leitor chefe Ubainer,

pois eu vi o seu acto de sabedoria.»

E foi feito exatamente como sua majestade ordenara.

### **Terceiro conto: o passeio de barco**

Então, Bauefré levantou-se para falar e disse:

«Eu vou dar a conhecer à tua majestade um prodígio que aconteceu  
no tempo do teu pai Seneferu, justo de voz,

que foi feito pelo sacerdote leitor chefe Djadjaemankh

... .. ontem ... .. sucesso

[até] hoje, isto nunca tinha acontecido!

[Um dia, sua majestade o rei do Alto e do Baixo Egipto Seneferu, justo de voz,]

[percorria] todas [as salas] do palácio, v.p.s.,

à procura [de algum divertimento sem o encontrar.]

[Então disse:]

“Ide! Trazei-me o [sacerdote leitor] chefe e escriba [dos registos, Djadjaemankh.]”

E ele foi-lhe trazido imediatamente.

Então disse-lhe sua majestade:

“Andei às voltas por todas as salas do palácio, v. p. s.,

à procura de algum divertimento sem o encontrar!”

E Djadjaemankh disse-lhe:

“Possa a tua majestade dirigir-se ao lago do palácio, v. p. s.,

e providenciar uma barca com todas as beldades do teu palácio!

O coração da tua majestade acalmará

vendo o seu alarido remando para baixo e para cima.

E irás ver os belos pântanos do teu lago.

Verás os seus campos e as suas belas margens.

O teu coração acalmará com isso.”

“Vou certamente fazer o meu passeio de barco!

Que me tragam vinte remos

de ébano cobertos de ouro,

com punhos de sândalo cobertos de electro.

Que me tragam vinte mulheres

com belos corpos,  
de seios firmes e cabelo entrançado,  
e que não tenham ainda dado à luz.  
E faz com que me tragam (também) vinte redes  
e dêem essas redes às mulheres  
quando despirem as suas roupas.”  
Então foi feito exactamente como sua majestade ordenara.

Elas iam remando para baixo e para cima

e o coração de sua majestade estava feliz de as ver remar.  
Então uma, aquela que estava no remo da popa, ficou com a trança enleada  
e um pingente pisciforme de turquesa nova caiu à água.  
Ela parou logo deixando de remar  
e a sua equipa (também) parou e deixou de remar.  
Sua majestade disse: “Vós não remais?”  
Então elas disseram: “A nossa remadora da popa parou e não está a remar!”  
Então sua majestade disse-lhe: “Porque é que tu não remas?”  
E ela respondeu: “O pingente pisciforme de turquesa nova caiu à água.  
Então ele fez com que ... .. queres ... .. substitua?”  
Mas ela respondeu: “Eu gosto mais do meu objecto do que de outro igual a ele!”  
E sua majestade disse:  
“Ide e trazei-me o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh!  
E ele foi-lhe trazido imediatamente.  
Sua majestade disse-lhe: “Djadjaemankh, meu irmão,  
eu fiz como tu me tinhas dito,  
e o coração de sua majestade acalmou-se ao vê-las remar.  
Mas o pingente pisciforme de turquesa nova de uma, da remadora da popa,  
[caiu à água  
e ela parou logo,  
deixando de remar e desfazendo a sua equipa.  
Então eu disse-lhe: “Porque é que tu não remas?”  
E ela respondeu: “O pingente pisciforme de turquesa nova caiu à água.”  
Então eu disse-lhe: “Rema! Eu próprio substituí-lo-ei.”



Mas ela respondeu-me: “Eu gosto mais do meu objecto do que de outro igual a ele!”  
Então, o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh pronunciou palavras mágicas  
e logo pôs metade da água do lago sobre a outra,  
encontrando o pingente pisciforme que estava sobre uma concha (de tartaruga).  
Então foi buscá-lo e deu-o à sua proprietária.  
Quanto à água, que era de doze côvados (de profundidade) no meio (do lago),  
acabou por ficar com 24 côvados depois de ter sido sobreposta.  
Então pronunciou as suas palavras mágicas  
e conduziu as águas do lago à sua posição normal.  
Sua majestade passou o (resto do) dia em festa na companhia de toda a casa  
[real, v. p. s.  
Depois recompensou o sacerdote leitor chefe Djadjaemankh com todo o tipo  
[de coisas boas.

Eis um prodígio que aconteceu  
no tempo do teu pai, o rei do Alto e do Baixo Egipto Seneferu, justo de voz,  
que foi feito pelo sacerdote leitor chefe e escriba do rolo de papiro, Djadjaemankh.»  
Então, a majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz, disse:  
«Que sejam feitas oferendas de mil pães,  
cem jarros de cerveja,  
um boi e duas bolas de incenso  
à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Seneferu, justo de voz,  
e juntamente que seja oferecido um bolo,  
um jarro de cerveja  
e uma bola de incenso  
ao sacerdote leitor chefe e escriba do rolo de papiro, Djadjaemankh,  
pois eu vi o seu acto de sabedoria.»  
E foi feito exactamente como sua majestade ordenara.

#### **Quarto conto: o mágico Djedi**

Então o príncipe Hordedef levantou-se para falar e disse:

«... ..»

ao nosso conhecimento que morrem:

não distingues a verdade da mentira.

Mas existe junto à tua majestade, no teu próprio tempo,  
(alguém) que não é (teu) conhecido ... ..»

Sua majestade disse: «Quem é ele, Hordedef, meu filho?»

O príncipe Hordedef respondeu:

«Existe um homem chamado Djedi,  
que vive em Djedseneferu, justo de voz.

Ele é um homem de 110 anos de idade,

que come quinhentos pães,

um quarto dianteiro de carne de boi,

e bebe cem jarros de cerveja, ainda hoje.

Ele sabe como voltar a juntar uma cabeça cortada;

ele sabe como fazer andar um leão atrás de si,

com a trela por terra;

ele conhece o número de câmaras secretas do santuário de Tot.»

Ora, a majestade do rei do Alto e do Baixo Egípto Khufu, justo de voz,

passava o tempo a procurar ele próprio as câmaras secretas do santuário de Tot,  
de modo a poder fazer o mesmo no seu horizonte.

Então sua majestade disse:

«Tu próprio, Hordedef, meu filho, irás trazê-lo à minha presença.»

Então foram preparados barcos para o príncipe Hordedef

e ele viajou para sul em direcção a Djedseneferu, justo de voz.

Quando estes barcos chegaram e atracaram no cais,

ele continuou a viagem por terra,

sentado num palanquim de ébano

e varas de transporte de madeira *sesnedjem* embutidas a ouro.

Quando chegou a (casa de) Djedi,

o palanquim foi posto no chão

e Hordedef levantou-se para se dirigir a Djedi

(que) encontrou-o deitado numa esteira à entrada de sua casa:

um servo a segurar-lhe a cabeça, que ia ungindo,

outro massajava-lhe os pés.

Então o príncipe Hordedef disse:

«O teu estado é como de quem vive antes (de atingir) muita idade – na velhice ficamos moribundos, em estado de meter no sarcófago, de enterrar – (de quem) dorme até o dia amanhecer, livre de doenças e sem tosse.

Saudações a este venerável!

Eu vim aqui para te chamar,

numa missão do meu pai Khufu, justo de voz.

Tu comerás coisas valiosas dadas pelo rei,

alimentos reservados aos que estão ao seu serviço.

Ele dar-te-á uma boa vida

até (te juntares aos) teus pais que estão na necrópole.»

Então Djedi respondeu:

«Em paz, em paz,

príncipe Hordedef, amado de seu pai!

Possa o teu pai Khufu, justo de voz, favorecer-te!

Possa ele avançar a tua posição entre os anciãos!

Possa o teu *ka* combater contra o teu inimigo!

Possa o teu *ba* saber os caminhos que conduzem ao portal que abriga quem vê!

Saudações a este príncipe!»

Então o príncipe Hordedef estendeu-lhe os braços

e depois levantou-o.

Depois ele foi consigo para a margem do rio,

dando-lhe o braço.

Então Djedi disse:

«Faz com que me seja dada uma barca,

para que traga (os meus) filhos e os meus rolos de papiro.»

Então dois barcos e suas equipagens foram postos ao seu serviço

e Djedi veio em direcção ao norte

no barco do próprio príncipe Hordedef.

Assim que chegou ao palácio,

o príncipe Hordedef entrou para informar a majestade

o rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz.

O príncipe Hordedef disse:

«Soberano, v. p. s., meu senhor, eu trouxe Djedi.»

Sua majestade respondeu: «Vai! Trá-lo à minha presença.»

Depois, sua majestade dirigiu-se

para a colunata do pátio de entrada do palácio, v. p. s.,

e Djedi foi introduzido nela.

Sua majestade disse:

«Como é isto, Djedi, que eu nunca te tinha visto?»

Djedi respondeu:

«Aquele que é chamado vem, soberano, v. p. s.!

Chamaram-me e eis que eu vim!»

Sua majestade disse: «O que dizem é verdade?

Que tu sabes como voltar a juntar uma cabeça cortada?»

Djedi respondeu: «Sim. Eu sei,

soberano, v. p. s., meu senhor.»

Sua majestade disse:

«Que me tragam o prisioneiro que está na prisão,

a sua sentença será executada.»

Djedi respondeu: «Mas um ser humano não,

soberano, v. p. s., meu senhor!

Olha, não é permitido fazer semelhante coisa à espécie humana!»

Então trouxeram-lhe (um) ganso, a quem tinham cortado a cabeça.

Depois puseram o ganso no lado direito da colunata do pátio de entrada

e a sua cabeça no lado esquerdo da mesma colunata.

Então Djedi pronunciou palavras mágicas.

O ganso levantou-se bamboleando-se

e a sua cabeça fez o mesmo.

Assim que uma alcançou a outra,

o ganso parou e grasnou.

Depois fez com que lhe trouxessem um (ganso) *kbetaá*

e fez o mesmo com ele.

Sua majestade fez ainda com que lhe trouxessem um touro

cujá cabeça fora cortada.

Djedi pronunciou palavras mágicas

e o touro pôs-se de pé atrás dele,

com a corda a arrastar pelo chão.

Então, disse o rei Khufu, justo de voz:

«Também se diz que conheces o número  
de câmaras secretas do santuário de Tot.»

Djedi respondeu: «Por favor! Eu não conheço o seu número,  
soberano, v. p. s., meu senhor!

Mas sei o lugar onde estão.»

Sua majestade perguntou: «Onde?»

E Djedi respondeu: «Há um cofre, de sílex,  
numa sala chamada de “inventário”, em Iunu.

Olha, é aí nesse cofre!»

Sua majestade disse: «Vai! Trá-lo para mim!»

Mas Djedi respondeu: «Soberano, v. p. s., meu senhor!

Olha, na verdade não serei eu que to trarei!»

Sua majestade perguntou: «Quem mo trará então?»

Djedi respondeu: «Será o mais velho dos três filhos  
que estão no ventre de Reddjedet quem to trará.»

Sua majestade disse: «Eu gosto do que tu dizes.

Mas quem é essa Reddjedet?»

Djedi respondeu: «É a mulher de um sacerdote de Ré, senhor de Sakhebu,  
que está grávida de três crianças de Ré, senhor de Sakhebu.

Ele disse a seu respeito: “Eles vão exercer esta generosa função  
em toda esta terra

e o mais velho deles

será grande vidente em Iunu.”»

O coração de sua majestade caiu na tristeza por causa disto.

(Então) Djedi perguntou:

«Porque age assim o teu coração, soberano, v. p. s., meu senhor?

É por causa das três crianças que mencionei?

Nessa ocasião o teu filho, em seguida o filho dele e (só) depois um dos deles.»

Sua majestade perguntou: «Quando é que Reddjedet dará à luz?»

«Ela dará à luz no primeiro mês de Peret, dia 15.»

E sua majestade disse:

«É quando os bancos de areia do canal dos Dois Peixes estão a obstruir (a [passagem]).

Servidor, eu próprio passá-los-ei  
e então irei ver o templo de Ré, senhor de Sakhebu.»

Djedi respondeu:

«Então eu farei com que haja quatro côvados de água  
sobre os bancos de areia do canal dos Dois Peixes.»

Então sua majestade dirigiu-se para o palácio,

dizendo: «Que seja ordenado a Djedi

para (ir) para casa do príncipe Hordedef.

Que more com ele e lhe sejam asseguradas provisões

de mil pães, cem jarros de cerveja,

um boi e cem feixes de vegetais.»

E foi feito exactamente como sua majestade ordenara.

## **Quinto conto: o nascimento da V dinastia**

Num desses dias

chegou o sofrimento de Reddjedet

e o seu trabalho de parto foi difícil.

Então disse a majestade de Ré, senhor de Sakhebu,

a Ísis, Néftis, Meskhenet, Heket e Khnum:

«Desejaria que fossem e libertassem Reddjedet

das três crianças que estão no seu ventre

e que irão exercer esta generosa função em toda a terra.

Eles construirão os vossos templos,

eles aprovisionarão os vossos altares,

eles farão prosperar as vossas mesas de oferendas,

eles aumentarão a satisfação do deus (com terras e bens).

Estas divindades (então) partiram

depois de terem tomado a forma de mulheres músicas.

E Khnum ia com elas transportando a bagagem.

Eles chegaram à casa de Rauser  
e encontraram-no em pé com a tanga em desordem.  
Deram-lhe de presente os seus colares e sistros  
e então ele disse-lhes:  
«Minhas senhoras! Vede! A mulher está a sofrer!  
O seu trabalho de parto está difícil!»  
Então elas disseram: «Deixa-nos vê-la.  
Olha! Nós sabemos como fazer um parto!»  
Ele respondeu-lhes: «Ide.»  
Eles entraram e dirigiram-se a Reddjedet.  
Depois fecharam o quarto com ela e eles lá dentro.  
Então Ísis colocou-se diante dela,  
Néftis atrás e Heket apressou o trabalho de parto.  
Ísis disse:  
«Não sejas tão forte no seu ventre!  
O teu nome será User-ref!»  
E a criança precipitou-se nos seus braços.  
Era uma criança com um côvado,  
de ossos fortes, os membros revestidos a ouro  
e um toucado de verdadeiro lápis-lazúli.  
Elas lavaram-no, cortaram-lhe o cordão umbilical  
e puseram(-no) numa cama de tijolo.  
Depois Meskhenet foi até junto dele  
e disse: «Um rei  
que assumirá a realeza em toda a terra.»  
E Khnum deu vigor ao seu corpo.  
Ísis colocou-se (novamente) diante dela,  
Néftis atrás e Heket apressou o trabalho de parto.  
Ísis disse:  
«Não resistas no seu corpo! O teu nome será Sahré.»  
E a criança precipitou-se nos seus braços.  
Era uma criança com um côvado  
de ossos fortes, os membros revestidos a ouro  
e um toucado de verdadeiro lápis-lazúli.

Elas lavaram-no, cortaram-lhe o cordão umbilical  
e puseram(-no) numa cama de tijolo.  
Depois Meskhenet foi até junto dele  
e disse: «Um rei  
que assumirá a realeza em toda a terra.»  
E Khnum deu vigor aos seus membros.  
Ísis colocou-se (novamente) diante dela,  
Néftis atrás e Heket apressou o trabalho de parto.  
Ísis disse:  
«Não permaneças nas trevas do seu corpo! O teu nome será Keku.»  
E a criança precipitou-se nos seus braços.  
Era uma criança com um côvado  
de ossos fortes, os membros revestidos a ouro  
e um toucado de verdadeiro lápis-lazúli.  
Depois Meskhenet foi até junto dele  
e disse: «Um rei  
que assumirá a realeza em toda a terra.»  
E Khnum deu vigor aos seus membros.  
Elas lavaram-no, cortaram-lhe o cordão umbilical  
e puseram(-no) numa cama de tijolo.  
As divindades saíram  
depois de terem libertado Reddjedet das três crianças  
e então disseram:  
«Alegra o teu coração Rauser,  
pois nasceram-te três crianças!»  
Ele respondeu-lhes:  
«Minhas senhoras, que posso eu fazer por vós?  
Por favor, dêem este saco de cevada ao vosso carregador de bagagem  
e fiquem com ele para vós como pagamento.»  
E Khnum carregou o saco de cevada.  
Então eles seguiram para o lugar de onde tinham vindo  
e Ísis disse às (outras) divindades:  
«Viemos aqui para quê,  
se não fizemos nenhum prodígio a estas crianças



que possamos anunciar ao seu pai que nos enviou?»

Então elas criaram

três coroas reais, v. p. s.,

e puseram-nas no saco de cevada.

Depois fizeram aparecer no céu uma tempestade de vento e chuva,

voltaram-se em direcção a casa

e então disseram:

«Vamos pôr o saco de cevada aqui numa sala selada,  
para quando regressarmos ao norte (para) tocar música.»

E puseram o saco de cevada numa sala selada.

Então Reddjedet purificou-se

com uma purificação de catorze dias.

Depois ela disse à sua serva:

«A casa está abastecida?»

Ela respondeu:

«Está abastecida de todas as coisas boas,  
excepto de jarros [de cerveja]. Eles não foram produzidos.»

Então Reddjedet disse:

«E porque é que, de facto, não foram produzidos os jarros [de cerveja]?»

A serva respondeu:

«Não há nada aqui para os fazer,  
excepto o saco de cevada das mulheres músicas  
que está na sala com a sua marca.»

Reddjedet disse: «Desce e trá-lo para aqui.

Rauser logo lhes dará o equivalente disso  
quando regressar.»

A serva então foi,

abriu a sala

e ouviu uma voz a cantar, a fazer música, a dançar, a aclamar,  
tudo o que era feito para um rei, no quarto.

Ela foi

e contou tudo o que tinha escutado

a Reddjedet.

Esta percorreu a sala

mas sem encontrar o local onde o barulho era feito.  
Então encostou a sua face ao saco  
e descobriu que era feito no seu interior.  
Ela pô-lo então num caixote,  
que foi posto dentro de outra arca coberta com uma pele de couro.  
Ela pôs isto (tudo) numa sala onde estavam os seus bens  
e selou-a com o saco.  
Quando Rauser regressou vindo dos campos,  
Reddjedet contou-lhe esta questão.  
O seu coração ficou feliz com todas estas coisas.  
Ele sentou-se e passaram um dia feliz.

Passados alguns dias,  
eis que Reddjedet tem uma desavença por qualquer coisa com a serva,  
fazendo-a punir com pancada.  
Então a serva disse  
às pessoas que estavam em casa:  
«Porque foi feito isto contra mim?  
Ela deu à luz três reis!  
Irei contá-lo  
à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Khufu, justo de voz.»  
Ela foi  
e encontrou o seu meio-irmão mais velho  
a fiar linho na eira.  
Então ele disse-lhe: «Onde vais tu, rapariguita?»  
Ela contou-lhe o assunto  
e então o seu irmão disse-lhe:  
«Faz-se o que estás a fazer, vindo previamente ter comigo  
para me associares a essa denúncia?»  
Então ele pegou num molho de linho contra ela  
e deu-lhe uma forte pancada.  
A serva então foi,  
fugindo arrastando-se pela água,  
mas um crocodilo apanhou-a.

O seu irmão foi contar isto a Reddjedet  
e encontrou Reddjedet sentada, com a cabeça sobre os joelhos  
e o coração em grande sofrimento.

Então ele disse-lhe:

«Minha senhora, porque está o teu coração assim?»

Ela respondeu-lhe:

«É a pequena que cresceu nesta casa!

Olha, na verdade ela saiu dizendo:

“Eu vou denunciar”!»

Então ele baixou a cabeça

e disse:

«Minha senhora, ela veio para me contar ... ..»

Na verdade, quando chegou ao pé de mim

eu dei-lhe uma forte pancada.

Ela foi arrastando-se pela água

e um crocodilo apanhou-a.»

... ..

(Página deixada propositadamente em branco)

## 2. HISTÓRIA DE SINUHE

Estamos na presença de um homem de posição socialmente relevante, educado à egípcia: não só apresenta um comportamento exemplar, como teme o castigo para os que infringem a norma. Numa ausência de longa duração no estrangeiro, sob roupa e costumes asiáticos, viveu sempre um forte espírito egípcio observando as regras básicas de *maat*: lealdade ao seu rei e solidariedade com o próximo.

O facto de, do ponto de vista literário, este texto não só não se enquadrar verdadeiramente em nenhum género literário, como ser uma mistura de estilos – narrativa, epístolas, autobiografia e hinos – leva a que lhe chamemos simplesmente de *História de Sinuhe*, uma narração de acontecimentos que podem ou não ser fictícios. Tanto mais que o narrador é a personagem principal desta história, o próprio Sinuhe que, no final, ao jeito de uma instrução tumular, nos informa que todo o seu relato é uma narrativa *post mortem*. Diz Sinuhe: «Eu obtive os favores do rei até ao dia da morte», B 309-310.

Sinuhe era um nobre ao serviço da rainha Neferu, mulher de Kheperkaré Senuseret, filho e, segundo alguns autores, corregente de Sehetepibré Amenemhat, fundador da XII dinastia. Amenemhat I morreu quando o seu filho se encontrava no estrangeiro à frente do exército, numa bem-sucedida expedição punitiva contra as tribos do deserto. Foi enviada uma mensagem para o seu regresso e ele voltou de imediato em grande segredo. Foram igualmente enviadas mensagens aos outros filhos do rei que também se encontravam no exército e Sinuhe, que fazia parte da expedição, acabou por escutar sem querer uma intervenção de um desses príncipes que, não sendo completamente clara, permite que se

deduza a possibilidade de ter sido o encabeçar de uma conspiração contra o herdeiro. Temendo pela sua vida e sem hipóteses de avisar Senuseret, a quem se mantinha fiel, optou pela fuga. Errando por locais da Síria-Palestina, como Kedem, provavelmente a montanha libanesa, ou o Retenu, a actual Palestina, errando de terra em terra acabou por se fixar no Retenu Superior, hoje o Líbano do Norte, onde ficava Kepeni, à qual os Gregos chamaram Biblos e nós hoje apelidamos de Gebel, cidade a norte de Beirute. Adoptado pelo rei local, que os Egípcios viam como simples governador<sup>87</sup>, Amunenchi, casou com a sua filha, teve filhos, teve vitórias militares e tornou-se chefe de tribo, possuidor de terras, gado e muitas riquezas. Viu-se obrigado a defender a sua posição no reino de Retenu perante o desafio de outro herói local que pretendia as suas riquezas, acabando por se apoderar das do adversário depois de o vencer, tornando-se ainda mais rico, poderoso e considerado no reino adoptivo.

Lembrado no Egipto e com saudades da sua terra, enviou uma mensagem ao faraó explicando as razões da sua fuga e pedindo-lhe autorização para regressar e poder morrer no Egipto. Essa autorização foi-lhe concedida e, depois de distribuir os seus bens e cargos pelos filhos, regressou ao país natal. Acolhido de forma amigável, afectuosa ao ponto de Sinuhe se emocionar, foi reintegrado na alta sociedade, nos amigos únicos do faraó, e recebeu uma casa onde nada faltava e tudo era de primeira qualidade. A sua vida no Além foi assegurada como convinha a uma pessoa do seu estatuto, restando a Sinuhe aguardar calmamente em vida, com prosperidade e saúde, o dia da sua passagem.

---

<sup>87</sup> Sobre a questão do tratamento de «governador» dado pelo Egípcios aos reis vizinhos do Egipto, ver a introdução do próximo texto, o *Conto do Náufrago*.

## **Apresentação**

O membro da elite, o governador,

o dignitário e administrador dos domínios reais nos países dos Asiáticos,  
o conhecido do rei, o que ele ama verdadeiramente,  
o companheiro Sinuhe diz:

«Eu era um companheiro que seguia o seu senhor,  
um servidor do harém real  
e da grande dama, a muito louvada  
esposa real de Senuseret em Khenemsut,  
filha real de Amenemhat em Kaneferu,  
Neferu, a venerada.

## **Morte de Amenemhat I**

No ano 30, no terceiro mês de Akhet, dia 7,

o deus subiu para o seu horizonte, o rei do Alto e do Baixo Egípto Sehetepibré  
subiu para o céu e juntou-se ao disco solar,  
o corpo divino fundiu-se com aquele que o tinha criado.  
O palácio estava em silêncio, os corações em aflição,  
a grande porta dupla estava fechada,  
a corte estava de luto e os membros da elite lamentavam-se.

## **A sucessão ao trono e a fuga de Sinuhe**

Ora, sua majestade tinha enviado um exército ao país dos Líbios  
e o seu filho mais velho era quem o comandava,  
o bom deus Senuseret,  
que tinha sido enviado para atacar os países estrangeiros  
e para abater os que estavam entre os Líbios.  
Agora ele voltava  
e trazia prisioneiros líbios  
e toda a espécie de gado em grande quantidade.

Os amigos do palácio enviaram (uma mensagem) para ocidente,  
para relatar ao príncipe o que tinha acontecido na corte.

Os mensageiros encontraram-no na estrada  
e alcançaram-no à noite.

Rapidamente ele se pôs em grande correria:  
o falcão levantou voo com os seus seguidores  
sem dar conhecimento ao seu exército.

De igual modo, tinham mandado (mensagens) para os príncipes  
que o tinham acompanhado neste exército,  
e um deles tinha sido chamado.

Ora eu estava lá e escutei a sua voz.

Quando ele falou eu estava a pouca distância.

O meu coração perturbou-se e os meus braços caíram,  
um tremor abateu-se sobre os meus membros.

Retirei-me com um salto  
para procurar um lugar onde me esconder.

Escondi-me entre dois arbustos  
e deixei a estrada para os viajantes.

## **A travessia do Delta e da região do Suez**

Caminhei em direção ao sul.

Eu não pensava chegar ao palácio,  
(pois) previa que acontecesse uma luta  
à qual podia não sobreviver.

Atravessei Maati, nas imediações do Sicómoro,  
e cheguei à ilha de Seneferu.

Passei o dia lá, no limite da terra cultivada,  
e parti ao amanhecer.

Encontrei um homem em pé no meu caminho.

Ele saudou-me com respeito (mas) tive medo dele.

Eram horas de jantar  
quando passei pela localidade de Negau.



Atravessei numa barca sem remo axial  
graças ao vento de oeste.  
Passei a este da pedreira  
por cima da Senhora da Montanha Vermelha.  
Pus-me a caminho em direcção ao norte  
e cheguei aos Muros do Rei,  
feitos para reprimir os Asiáticos e para esmagar os Beduínos.  
Escondi-me num arbusto,  
com medo de ser visto pela sentinela que estava de serviço no muro.

Pus-me a caminho ao anoitecer  
e, ao amanhecer, cheguei a Peten.  
Parei numa ilha de Kemuer  
e de repente senti muita sede;  
eu ardia e a minha garganta estava ressequida.  
Disse para mim mesmo: «Isto é o sabor da morte!».  
Desanuviei o espírito, animei-me  
e (então) ouvi mugidos de vacas e vi asiáticos.  
Fui reconhecido pelo chefe deles que já tinha estado no Egipto.

### **Pela Palestina até à Síria**

Ele deu-me água e aqueceu-me leite.  
Fui com ele para a sua tribo e o que eles fizeram (por mim) foi bom.  
Fui de terra em terra.  
Parti para Biblos e segui para Kedom.  
Passei um ano nesse lugar. Então, Amunenchi veio buscar-me.  
Era o governador do Retenu Superior  
e disse-me:  
«Tu estarás bem comigo. Tu escutarás a linguagem do Egipto.»  
Ele disse isto porque conhecia o meu carácter e tinha ouvido falar da minha  
[sabedoria,  
porque as pessoas do Egipto que estavam lá com ele testemunharam por mim!

## Ocultação da verdade e elogio do novo rei do Egito

Então ele disse-me:

«Porque vieste para aqui?

Aconteceu alguma coisa no palácio?»

Eu respondi-lhe:

«O rei do Alto e do Baixo Egito Sehetepibré subiu para o horizonte e não se sabe como isso aconteceu.»

Mas eu disse, deturpando a verdade:

«Eu regressava de uma expedição ao país dos Líbios quando me contaram.

O meu espírito vacilou, e o meu coração, que não estava mais no meu corpo, lançou-me para os caminhos da fuga.

Ninguém falou de mim,

não fui cuspidos na cara,

não ouvi acusações,

o meu nome não foi ouvido na boca de (nenhum) arauto.

Eu não sei o que me trouxe a este país estrangeiro!

Foi como que um plano de deus,

como ver um homem do Delta em Abido,

(ou seja), um homem dos pântanos na Núbia.»

Então ele disse concordando comigo:

«Como será esse país sem ele,

esse deus poderoso,

cujo terror se estendia a todos os países estrangeiros,

como Sekhmet num ano de peste?»

Eu respondi-lhe:

«Certamente o seu filho entrou no palácio

e tomou posse da herança de seu pai.

É agora um deus sem igual.

Não existiu outro antes de si.

É o senhor da sabedoria: excelente a dar conselhos

e eficaz nos decretos. Vamos e vimos conforme as suas ordens!

Ele subjogou países estrangeiros. O seu pai estava ainda no palácio  
(quando) ele lhe fez um relatório depois de ter realizado o que lhe fora  
[ordenado.

Agora é um campeão que age com o seu braço poderoso.  
Ninguém é tão activo como ele.

Quando olhamos para ele, carrega sobre os inimigos  
ao entrar em combate.

Ele verga a cornamenta, debilita e subjuga (adversários),  
impedindo os seus inimigos de conduzir as tropas.

Ele pune as afrontas e despedaça crânios.

Ninguém lhe faz frente.

Ele é um corredor rápido que destrói os fugitivos.

Ele não tem contemplações para com quem lhe vire as costas.

Ele tem um espírito persistente no momento do ataque.

Ele enfrenta sem virar as costas.

Ele tem um espírito corajoso quando vê uma multidão.

Ele não permite que a indolência ocupe o seu coração.

Ele fica impaciente quando contempla o Oriente.

Ele rejubila quando carrega sobre os estrangeiros.

Ele agarra o seu escudo e esmaga (inimigos).

Ele não repete o seu golpe quando mata.

Ninguém escapa à sua flecha, ninguém estica o seu arco.

Os estrangeiros fogem das suas mãos como do poder da Grande.

Em combate ele prevê o fim

e não se preocupa com nada mais.

É possuidor de encanto e grande de doçura.

Conquistou por amor.

A sua cidade ama-o mais do que a todos os seus habitantes;

ela regozija-se mais com ele do que com o seu deus.

Os homens e as mulheres passam e aclamam-no.

Ele é o rei. Ele conquistou(-a quando estava ainda) no ovo.

O seu rosto está (virado) para ela desde que nasceu.  
Ele multiplica os que nasceram com ele.  
Ele é único, um dom de deus!  
Este país é feliz governado por ele!  
Ele alargou as fronteiras,  
ele conquistou os países do Sul,  
sem deixar de pensar nos países do Norte,  
porque ele foi criado para bater os Asiáticos e para esmagar os Beduínos.  
Manda alguém até ele e faz com que ele conheça o teu nome,  
como alguém a averiguar a distância a que está de sua majestade!  
Ele não deixará de fazer bem  
a um país que lhe é leal.»

### **Instalação e sucesso de Sinuhe entre os Beduínos**

Ele disse-me concordando comigo:  
«Ora bem! O Egipto ficará feliz por ser informado da sua força!  
Olha, tu estás aqui comigo  
e eu far-te-ei bem.»  
Ele considerou-me antes dos seus filhos  
e casou-me com a sua filha mais velha.  
Ele fez com que escolhesse para mim do seu país,  
com a sua ajuda, uma das suas terras na fronteira com outro país.  
Era uma bela terra chamada Iaa.  
Aí havia figos e uvas;  
era mais o vinho do que a água;  
o mel era abundante e o óleo copioso;  
havia todos os tipos de frutos nas suas árvores;  
havia cevada e trigo;  
e uma quantidade ilimitada de gado de todas as espécies.  
A abundância que me foi dada foi pelo amor que eu inspirava:  
ele fez-me chefe duma tribo na melhor parte do seu país.  
Faziam-me pão todos os dias, (davam-me) vinho em porções diárias,

carne cozinhada, pato assado e animais de caça.  
Caçavam para mim e punham (o que apanhavam) diante de mim,  
(além) da caça para os meus cães.  
Preparavam-me muitas [coisas] com leite em tudo o que era cozinhado.

Passaram por mim muitos anos,  
os meus filhos tornaram-se poderosos,  
cada homem dirigindo a sua própria tribo.  
O mensageiro que viajasse do ou para o palácio ficava comigo  
porque eu fazia parar toda a gente e dava água a quem tinha sede.  
Eu fazia com que o perdido voltasse à estrada  
e socorria o que fora roubado.  
Quando os Asiáticos se tornaram hostis,  
opondo-se aos chefes dos países estrangeiros,  
eu opus-me aos seus movimentos.  
O governador do Retenu  
fez-me passar muitos anos como comandante do seu exército.  
Cada terra contra a qual eu avançava  
actuava de forma a vencê-la.  
Destruía-lhe as pastagens e as cisternas,  
capturava-lhe o gado,  
trazia comigo a sua população e apoderava-me das suas provisões.  
Eu destruía as pessoas assim:  
com o meu braço forte, com o meu arco,  
com as minhas manobras e com os meus planos excelentes.  
Isso foi útil para mim no seu coração e ele amava-me  
porque sabia que eu era corajoso.  
Ele pôs-me à cabeça dos seus filhos,  
porque viu a força dos meus braços.

## **O duelo**

Um homem forte do Retenu

veio provocar-me à minha tenda.  
Era um campeão sem igual  
que tinha vencido toda a gente.  
Ele disse que combateria comigo  
porque pensava vencer-me  
e planeava espoliar-me do meu gado por conselho da sua tribo.  
O governador veio conferenciar comigo e eu disse-lhe: «Eu não o conheço.  
Na verdade, eu não sou seu companheiro para ir livremente ao seu acampamento.  
Por acaso abri a sua vacaria ou atravessei as suas vedações?  
É por rancor, por me ver cumprir as tuas ordens!  
De facto, eu sou como um touro que pertence a uma manada  
no meio de outra manada;  
o touro desta manada ataca-o, o touro dos longos cornos procura alcançá-lo.  
Haverá algum homem de condição inferior que seja amado quando decide  
[ser chefe?

Nenhum estrangeiro se alia a um homem do Delta!  
Pode um papiro florescer na montanha?  
É por um touro gostar de combater  
que outro touro feroz toca em retirada com medo de que ele o iguale?

Se quer combater que se cumpra o seu desejo!  
Haverá um deus que ignore as suas próprias ordens,  
ou sabe de facto quais são?»  
Durante a noite encordei o meu arco, atirei as minhas flechas,  
fiz deslizar a minha adaga e poli as minhas armas.  
Fez-se dia e o Retenu veio. Ele incitara as suas tribos  
e metade dos que reunira tinham vindo de terras estrangeiras,  
porque ele pensava neste combate.  
Todos os corações ardiavam por mim.  
As mulheres e os homens murmuravam,  
cada coração sofria por mim. Eles disseram:  
«Não há outro campeão que lute contra ele?»  
Foi então que o seu escudo, o seu machado  
e a sua braçada de dardos caíram (sobre mim).

Depois de ter escapado às suas armas  
e de fazer passar por cima de mim  
as suas flechas em vão,  
uma a seguir à outra,  
ele aproximou-se de mim e eu atirei na sua direcção:  
a minha flecha cravou-se no seu pescoço.  
Ele gritou e tombou para diante.  
Eu acabei com ele com o seu (próprio) machado.  
Soltei o meu grito de guerra sobre as suas costas.  
Todos os asiáticos gritaram.  
Fiz uma oração a Montu,  
(enquanto) os seus simpatizantes carpiam sobre ele.  
O governador Amunenci abraçou-me.  
Então, eu apoderei-me dos seus bens e capturei o seu gado.  
Aquilo que ele tinha planeado fazer-me, eu fi-lo a ele:  
tomei posse do que ele tinha na sua tenda e pilhei o seu acampamento.  
Tornei-me poderoso com isso: aumentei as minhas riquezas  
e a opulência em cabeças de gado.

Assim, deus terá agido para apaziguar aquele que ele tinha erguido contra ele  
quando o desviou em direcção a outra terra.  
Hoje o seu coração está apaziguado.  
Antes era um fugitivo em fuga,  
(agora) a minha fama chegou ao palácio.  
(Antes) era um retardatário que se arrastava com fome,  
(agora) dou pão ao meu vizinho.  
(Antes) era um homem que fugia do seu país sem nada,  
(agora) tenho roupas de linho fino.  
(Antes) era um homem que corria por não ter quem enviar,  
(agora) sou rico em servos.  
A minha casa é bela, o meu domínio é vasto,  
(agora) lembram-se de mim no palácio.

## O desejo de regresso ao Egipto

Ó deus, qualquer que sejas, que decidiste esta fuga,  
possas tu apaziguar-te e fazer-me voltar para o palácio!  
Faz com que eu volte a ver o lugar onde o meu coração reside!  
O que há de mais importante do que ser enterrado na terra onde nasci?  
Vem em meu auxílio!  
Ocorreu um feliz acontecimento: eu fiz com que o deus fosse apaziguado!  
Possa ele fazer o mesmo para dar um bom fim àquele a quem ele afligiu.  
Possa o seu coração compadecer-se por aquele que ele excluiu para viver no estrangeiro!  
Se hoje ele está apaziguado,  
possa ele escutar a prece daquele que está no exílio!  
Possa ele conduzir aquele que forçou a uma vida errante,  
ao lugar de onde o tirou!  
Possa o rei do Egipto ser clemente comigo,  
possa eu viver da sua paz!  
Possa eu saudar a senhora do país que está no seu palácio!  
Possa eu escutar as mensagens dos seus filhos!  
Então, que o meu corpo rejuvenesça,  
porque a velhice chegou.  
A debilidade dominou-me;  
os meus olhos estão pesados; os meus braços estão fracos;  
as minhas pernas recusaram-se a seguir; o (meu) coração está cansado.  
Eu estou perto da partida!  
Que eles me conduzam à cidade da eternidade.  
Possa eu acompanhar a «senhora de tudo»!  
Possa ela falar bem de mim aos seus filhos!  
Possa ela passar a eternidade por cima de mim!

Ora, quando falaram à majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Kheperkaré,  
[justo de voz,  
desta condição em que eu me encontrava,  
logo sua majestade enviou (emissários) com presentes reais  
para satisfazer este humilde servidor, como qualquer governador estrangeiro.



E os príncipes, que estavam no palácio, fizeram-me ouvir as suas mensagens.

## O decreto real

Cópia do decreto que trouxeram ao humilde servidor,  
relativamente ao seu regresso ao Egipto.

«Hórus: que vive nos nascimentos; o das Duas Senhoras: que vive nos nascimentos;  
rei do Alto e do Baixo Egipto: Kheperkaré;  
filho de Ré: Amenemhat, que viva para sempre, eternamente!

Decreto real para o companheiro Sinuhe.

Vê, trouxeram-te este decreto do rei  
para te fazer saber: tu percorreste países estrangeiros,  
foste de Kedem para o Retenu,  
andaste de terra em terra  
aconselhado pelo teu coração.

O que fizeste para que alguém aja contra ti?

Não injuriaste (de modo a) alguém punir as tuas palavras!

Não falaste contra o conselho dos grandes, (de modo a que) se oponham  
[aos teus discursos!

Esta decisão foi o teu coração que a tomou,  
não havia nada no (meu) coração contra ti!

O teu céu que está no palácio está estável e próspero hoje;  
a sua cabeça ornada é soberana no país;  
e os seus filhos estão na sala de audiências.

Acumula as riquezas que eles te derem,  
tu viverás da sua grandeza.

Volta para o Egipto!

Vê a casa na qual tu nasceste!

Beija a terra da grande porta dupla! Junta-te aos amigos!

Na verdade, hoje tu começaste a envelhecer.

Tu perdeste virilidade.

Pensa no dia do enterro, na passagem ao estado de bem-aventurado.

Uma noite ser-te-á destinada, com óleos e faixas de mumificação das mãos de Tait.  
Far-te-ão um cortejo fúnebre no dia da união à terra,  
a máscara da múmia será de ouro, a cabeça de lápis-lazúli,  
o céu estará por cima de ti quando fores posto no sarcófago.  
Serás puxado por bois e precedido por cantores.  
Será executada a dança dos mortos à entrada do teu túmulo,  
será recitada para ti a lista de oferendas  
e farão sacrifícios diante da tua estela funerária.  
Os teus pilares serão construídos em calcário  
junto aos dos príncipes.  
Tu não morrerás num país estrangeiro! Os Asiáticos não te enterrarão!  
Tu não serás depositado numa pele de carneiro, nem te farão um túmulo  
[(qualquer).  
Já é tarde para uma vida errante! Pensa no (teu) cadáver e regressa!]

## **Manifestação de alegria e resposta ao decreto real**

Este decreto chegou-me

quando eu estava no meio da minha tribo.

Foi-me lido em voz alta

e eu deitei-me sobre o meu ventre,

toquei o (pó do) chão

e fiz com que ele se espalhasse sobre o meu cabelo.

Percorri o acampamento aos berros dizendo:

«Como é que isto pode ser feito a um servidor

cujos corações se perdeu pelas terras estrangeiras?

Na verdade, boa é a clemência que me salva da morte!

O teu *ka* vai fazer com que eu passe

o fim dos meus dias em casa.»

Cópia da resposta a este decreto.

O servidor do palácio, Sinuhe, diz:

«Em muito boa paz!

Conhecimento da fuga que o humilde servidor fez na sua ignorância.  
Pelo teu *ka*, (ó) deus perfeito, senhor das Duas Terras,  
amado de Ré, favorito de Montu senhor de Tebas,  
de Amon senhor do trono das Duas Terras,  
de Sobek-Ré, de Hórus, de Hathor, de Atum e da sua Enéade,  
de Sopedu-Neferbau-Semseru o Hórus do Oriente,  
da senhora de Imehet, possa ela envolver a tua cabeça,  
do conselho que dirige a inundação,  
de Min-Hórus que vive nos desertos,  
de Uereret senhora de Punt, de Nut, de Horoéris-Ré  
e de todos os deuses do Egípto  
e das ilhas do Grande Verde.  
Possam eles dar vida e poder ao teu nariz!  
Possam eles dotar-te com os seus dons!  
Possam eles dar-te uma eternidade sem fim  
e uma duração sem limites!  
Possa o medo que tu inspiras repercutir-se por planícies e montes  
porque tu dominaste (tudo) o que rodeia o disco solar!  
Esta é a prece deste servidor ao seu senhor,  
que o salva do Ocidente!

O senhor da percepção, que compreende o povo,  
ele percebeu na majestade do palácio  
aquilo que o humilde servidor tinha medo de dizer.  
É como uma coisa excessivamente grande para se repetir!  
O grande deus, imagem de Ré,  
dá sensatez àquele que trabalha para si próprio!  
O humilde servidor está na mão daquele que pergunta por si.  
Por isso faz com que esteja sob a sua autoridade!  
A tua majestade é Hórus, o conquistador;  
os teus braços são mais poderosos do que todos os países.

Possa agora a tua majestade ordenar que ele traga  
Meki de Kedem, Khentiuiauch de Khentekechu

e Menus das duas terras de Fenekhu.  
São governadores com nomes famosos  
que cresceram no amor a ti,  
sem mencionar o Retenu, que é tua como os teus cães de caça!  
Na verdade, esta fuga que foi feita pelo (humilde) servidor,  
não foi planeada, não estava no meu coração, eu não a imaginei!  
Eu não sei o que me separou do (meu) lugar!  
Foi como uma espécie de sonho,  
como se um homem do Delta se visse em Elefantina,  
(ou seja), um homem dos pântanos na Núbia!  
Eu não tive medo, ninguém correu atrás de mim,  
eu não ouvi acusações,  
o meu nome não foi ouvido na boca do arauto.  
Apesar disso o meu corpo arrepiou-se,  
as minhas pernas puseram-se em fuga e o meu coração orientava-me.  
O deus que determinou esta fuga conduziu-me,  
porque eu não sou arrogante frente ao medo.  
Um homem conhece o seu país!  
Ré instalou o temor a ti em todo o país  
e o terror a ti em todos os países estrangeiros!  
Olha, eu estar no palácio ou estar neste lugar,  
sinto-te, na verdade, a cobrir este horizonte,  
pois é segundo o teu desejo que o sol se ergue,  
que por tua vontade a água do rio é bebida,  
que o ar do céu é respirado se tu o disseres!  
O humilde servidor vai legar (o poder) à descendência que criou neste lugar.  
O humilde servidor está de volta; que a tua majestade faça como desejar.  
Vive-se do ar que tu dás! Possam Ré, Hórus e Hathor amar a tua augusta narina!  
Possa Montu, senhor de Tebas, desejar que ela viva eternamente!»

## **O regresso ao Egipto**

Fizeram-me passar (mais) um dia em Iaa,

para transmitir os meus bens aos meus filhos.  
O meu filho mais velho ficou com a minha tribo  
e todos os meus bens ficaram na sua posse:  
os meus servos, todo o meu gado,  
os meus frutos e todas as minhas árvores de fruto.  
O (humilde) servidor iniciou o regresso ao sul.  
Fiz uma paragem nos Caminhos de Hórus  
e o comandante que aí estava encarregue de patrulhar a fronteira,  
enviou uma mensagem para o palácio para os informar.  
Sua majestade enviou um intendente da confiança dos camponeses do  
[domínio real,  
acompanhado de barcos carregados com presentes do rei  
para os asiáticos que me tinham acompanhado no meu percurso até aos  
Caminhos de Hórus.  
Eu chamei cada um deles pelo seu nome,  
e todos os servidores foram fazer as suas obrigações.  
Parti (navegando) e fui transportado com vigor.  
Amassaram e coaram ao meu lado até tocar em Itju.

## **No palácio real**

Então, na aurora do segundo dia, vieram chamar-me:  
tinham chegado dez homens que me conduziram ao palácio.  
Eu toquei com a cabeça o chão entre as esfinges.  
Os príncipes estavam de pé no pórtico para me acolher.  
Os amigos, (que tinham sido) admitidos no pátio de entrada com colunas,  
mostravam-me o caminho para sala de audiências.  
Encontrei sua majestade num grande trono sob um pórtico dourado,  
e logo me prostrei sobre o meu ventre,  
inconsciente de mim próprio na sua presença.  
Este deus dirigiu-se a mim amigavelmente,  
mas eu estava como um homem tolhido pela escuridão!  
O meu *ba* enfraqueceu, o meu corpo estremeceu  
e o meu coração desapareceu do meu corpo: eu senti-me desfalecer!

Sua majestade disse a um dos amigos:

«Ergue-o e faz com que ele me fale!»

(Depois) sua majestade disse:

«Olha, tu voltaste! Tu percorreste países estrangeiros em fuga.

A idade atacou-te e foste envelhecendo.

Atingiste a velhice.

Não é coisa sem importância o teu cadáver!

Não serás inumado pelos estrangeiros! Não ajas, não ajas agora!

Não fales (até) o teu nome ser pronunciado!

Tens medo de uma punição?»

Eu respondi a isto cheio de medo:

«Que me disse o meu senhor?

Que respondo eu a isso? Nada posso fazer: na verdade é a mão de deus!

O medo está no meu corpo

como o que provocou a fuga ordenada.

Olha, estou aqui na tua presença!

Tu és a vida! Possa a tua majestade agir como ela desejar!»

Fizeram entrar os príncipes

e sua majestade disse à esposa real:

«Vê! Sinuhe voltou como asiático, criado pelos Asiáticos!»

Ela lançou um grande grito

e os príncipes gritando a uma só voz

disseram a sua majestade:

«Na verdade não é ele, ó soberano, meu senhor!»

Sua majestade disse: «Na verdade é ele.»

Ora, elas traziam os seus colares,

as suas matracas e os seus sistros nas mãos

e presentearam com eles sua majestade:

«Que as tuas mãos (se estendam) para a Bela, rei eterno,

(para) os ornamentos da senhora do céu!

Possa a Dourada dar vida ao teu nariz!

Possa a senhora das estrelas unir-se a ti!

Possa a coroa do Alto Egipto descer em direcção à coroa do Baixo Egipto

e juntas unirem-se na palavra da tua majestade!  
Possas Uadjit ser posta na tua frente,  
porque tu tiraste os pobres do mal!  
Que te seja agradável Ré, senhor das Duas Terras!  
Saudações para ti e para a senhora de tudo!  
Distende o teu arco e alivia a tua flecha!  
Dá ar àquele que sufoca!  
Dá-nos a nossa bela festa  
(na pessoa) deste chefe nómada, filho do vento do Norte,  
estrangeiro nascido no Egipto!  
Ele pôs-se em fuga por temor a ti!  
Ele deixou o país por ter muito medo de ti!  
Não empalidecerá mais o rosto daquele que viu a tua face;  
não terá mais medo o olho que olhou para ti!»

Sua majestade disse:

«Ele não terá medo. Ele não estará mais em condição de ter muito medo.  
Ele será um amigo entre os oficiais,  
ele será posto no meio dos cortesãos.  
Ide vós aos (seus) aposentos privados  
para (o) ensinar a fazer o seu serviço!»

## **Reinstalação no palácio real**

Eu saí da sala de audiências  
e os príncipes vieram dar-me a mão.  
De seguida fomos para a grande porta dupla  
e eu fui instalado na casa de um príncipe, cheia de luxos:  
tinha uma casa de banho e espelhos.  
Havia aí coisas preciosas que pertenciam ao tesouro  
– roupas de linho real, mirra e óleo fino –  
em cada quarto (havia coisas) do rei e dos oficiais que ele amava.  
Todos os servidores estavam na sua função.  
Fizeram com que os anos fossem eliminados do meu corpo:

barbearam-me e cortaram-me o cabelo.

A sujidade foi dada ao deserto e as roupas aos beduínos.

Vestido de linho fino, ungido com óleo fino

e estendido sobre uma cama, dei a areia àqueles que estão nela  
e o óleo de árvore para os que se ungem.

Então deram-me uma casa de proprietário de jardim  
que tinha pertencido a um amigo.

Numerosos trabalhadores (re)construíram-na  
e todas as suas árvores foram plantadas de novo.

Traziam-me comida do palácio

três ou quatro vezes por dia,

sem contar com a que me davam os príncipes  
constantemente.

## **A eternidade no horizonte**

Construíram para mim uma pirâmide de pedra no meio das pirâmides.

O intendente dos talhadores de pedra da pirâmide preparou o local,

o intendente dos tesoueiros fez a escrita,

(o intendente) dos escultores gravou,

o intendente dos trabalhadores que estavam na necrópole estava atarefado  
[com ela.

Todo o mobiliário que iria ser posto no túmulo seria feito aí.

Deram-me sacerdotes funerários e fizeram-me um domínio funerário

com terras aráveis, em frente, no lugar certo,

como deverá ser feito para um primeiro amigo.

A minha estátua foi coberta de ouro e o saiote era de electro.

Foi sua majestade quem o mandou fazer.

Não há outro homem comum que tenha recebido tal tratamento!

Eu obtive os favores do rei

até (chegar) o dia da (minha) morte.

E acabou, do princípio ao fim,

como o que se encontrou na escritura.



### 3. CONTO DO NÁUFRAGO

Sem que haja uma nomeação, temporização ou localização exactas, embora se possam reconhecer alguns locais, este conto tem sobretudo uma perspectiva simbólica, não sendo possível encontrar-lhe qualquer dimensão histórica. O comandante de um barco acaba de chegar ao Egipto, provavelmente a Elefantina, vindo de uma expedição à Núbia. A viagem não terá corrido pelo melhor, pois teme enfrentar o faraó, sendo perceptível na sua única fala pensar ter a vida em perigo. Para o confortar, o narrador e herói do conto, elevado à condição de «companheiro excelente», conta-lhe uma história fantástica, destinada a mostrar-lhe que mesmo nas piores circunstâncias é sempre possível acontecer um milagre.

Único sobrevivente de um naufrágio provocado por uma violenta tempestade onde pereceram todos os outros tripulantes do seu barco, vai parar a uma ilha maravilhosa mas imaginária, a ilha do Ka, onde se depara com o seu único habitante, um deus serpente. Recebido como algo de insignificante e desprezível, acaba por ser confidente da enorme serpente nessa terra sagrada de regras rituais precisas. Na linha 151, a serpente afirma claramente «Na verdade, eu sou o governador do Punt» (*ink is hk3 pwnt*), terra mítica de localização incerta mas real, «O País de Deus», de onde vinham muitas riquezas para o Egipto, que também vemos descritas no conto. No fim, o deus serpente permite ao náufrago que regresse ao Egipto e seja feliz.

De notar que o rei do Punt é apontado como governador, porque o texto foi escrito por um egípcio e, para os Egípcios, só o faraó era rei.

Todos os reis dos territórios vizinhos ao Egípcio eram considerados inferiores ao soberano egípcio e, muitos deles, pagavam-lhe tributo como reconhecimento da superioridade do seu estatuto. Já antes nos deparámos com Amunenchí, o rei do Retenu Superior que recolheu Sinuhe, também referenciado pelo autor egípcio dessa história como governador. Ainda que parte dos tradutores alargue o significado de *ḥkꜣ* a «rei», *ḥkꜣ* significa «governador», «líder», «chefe». Pode ser um líder ou um chefe tal como um governador, mas não um rei. Pelo menos para os Egípcios!

O *Conto do Naufrago* não é uma simples história de marinheiros, mas um texto que parece enredado em meandros mais complexos. Na simplicidade desta ficção, parecem esconder-se laivos da teodiceia, espalhando-se em possíveis caminhos esotéricos<sup>88</sup>.

---

<sup>88</sup> Sobre este conto e a sua problemática, ver T. F. CANHÃO, *O Conto do Naufrago. Um olhar sobre o Império Médio egípcio. Análise histórico-filológica/The Tale of the Shipwrecked Sailor. A Glance over Egypt's Middle Kingdom. A Historical-Philological Analysis*.

## Preâmbulo

Então o excelente companheiro disse:

«Sossega o teu coração, comandante!

Vê, nós chegámos a casa.

O maço está empunhado, o cabeço de amarração cravado,  
a amarra da proa posta em terra.

Façamos uma oração! Louvemos deus!

Cada um abraça o seu companheiro.

A nossa equipagem regressou sã e salva,  
sem perdas na nossa expedição.

Atingimos os confins de Uuat e passámos Senmut.

Olha nós voltámos em paz,  
nós alcançámos a nossa (própria) terra.

Escuta-me (ó) comandante,

porque eu não exagero.

Lava-te! Verte água sobre os teus dedos  
e poderás responder quando se dirigirem a ti.

Fala ao rei com toda a franqueza

e responde sem balbuciar.

A boca de um homem pode salvá-lo,  
o seu discurso pode fazer com que o perdoem.

Age segundo o teu desejo.

É cansativo falar contigo!

## Início do conto

Eu vou contar-te uma coisa idêntica

que me aconteceu a mim,

quando me dirigia para a região mineira do soberano.

Eu descia pelo Grande Verde

num barco de cento e vinte côvados de comprimento

por quarenta côvados de largura,

com cento e vinte marinheiros a bordo, dos melhores do Egipto.  
Vigiassem o céu ou a terra,  
o seu coração era mais bravo (do que) o dos leões.

## **A tempestade e o naufrágio**

Eles podiam prever um vendaval antes da sua chegada  
e uma tempestade antes da sua formação.  
Um vendaval eclodiu quando estávamos no Grande Verde,  
antes que conseguíssemos alcançar terra.  
O vento levantou-se, ele bramia,  
e as vagas atingiam os oito côvados.  
O mastro partiu-se arrastando-me com ele  
e depois o barco afundou-se.  
Dos que estavam a bordo, nenhum sobreviveu.  
Então fui depositado numa ilha  
por uma vaga do Grande Verde.  
Passei três dias sozinho,  
(só com) o meu coração por companheiro.  
Estendido inerte no interior de (um abrigo de) madeira,  
eu recolhi-me à sombra.  
Depois estendi as pernas à procura de comida.

Encontrei ali figos e uvas,  
todo o tipo de excelentes legumes,  
figos de sicómoro, maduros e verdes,  
e pepinos como se tivessem sido cultivados;  
aí havia (também) peixes e aves.  
Tudo existia aí!  
Então, saciei-me  
e pus no chão o que era difícil levar nos braços.  
Agarrei num pau para fazer lume,  
acendi uma fogueira e fiz um sacrifício aos deuses.

## Aparecimento da serpente

Foi então que ouvi um barulho de trovão  
e imaginei que fosse uma vaga do Grande Verde.  
As árvores estalavam  
e a terra tremia.  
Destapei a cara e vi que era uma serpente que se aproximava.  
Ela media trinta côvados  
e a sua barba passava os dois côvados.  
O seu corpo estava coberto de ouro,  
e as suas sobranceiras eram de verdadeiro lápis-lazúli.  
Ela inclinou-se para diante.  
Então abriu a boca para mim,  
enquanto eu permanecia sobre o meu ventre diante dela,  
e disse-me: «Quem te trouxe?  
Quem te trouxe, homenzinho?  
Quem te trouxe?  
Se demoras a dizer-me quem te trouxe para esta ilha,  
eu farei com que tu te lembres  
reduzindo-te a cinzas  
e tornando-te invisível!»  
«Tu falas-me e eu não escuto (nada) do que dizes!  
Estou aqui diante de ti, mas não me reconheço!»  
Então ela pegou-me com a boca  
e levou-me para a sua toca  
(onde) me depôs sem me fazer mal,  
de boa saúde e intacto.

Ela abriu a boca para mim,  
enquanto eu permanecia sobre o meu ventre diante dela,  
e então disse-me: «Quem te trouxe?  
Quem te trouxe, homenzinho?  
Quem te trouxe para esta ilha do Grande Verde,  
que tem os seus dois lados na água?»

## **A história do náufrago**

A isto, respondi-lhe então  
(com) os braços caídos diante dela,  
dizendo-lhe: «Eu, eu descia para as minas  
com uma mensagem do soberano,  
num barco de cento e vinte côvados de comprimento  
por quarenta côvados de largura.  
Estavam a bordo cento e vinte marinheiros, dos melhores do Egipto.  
Vigiassem o céu ou a terra,  
o seu coração era mais bravo (do que) o dos leões.  
Eles podiam prever um vendaval antes da sua chegada  
e uma tempestade antes da sua formação.  
Cada um era mais valente  
e forte do que o seu companheiro!  
Não havia nenhum incompetente entre eles.  
Um vendaval eclodiu quando estávamos no Grande Verde,  
antes que conseguíssemos alcançar terra:  
o vento levantou-se, ele bramia,  
e as vagas atingiam os oito côvados.  
O mastro partiu-se arrastando-me com ele  
e depois o barco afundou-se.  
Dos que estavam a bordo nenhum sobreviveu,  
excepto eu que estou aqui na tua presença.

## **A resposta da serpente**

Então, eu fui depositado nesta ilha  
por uma vaga do Grande Verde».  
Então ela disse-me: «Não tenhas medo,  
não tenhas medo, homenzinho!  
Não empalideças! Tu estavas-me reservado!  
Vê, deus fez com que tu vivesses  
e conduziu-te à ilha do Ka,  
no interior da qual não há nada que não se encontre.

Ela está cheia de tudo o que é bom.  
Olha! Tu passarás mês após mês  
até completares quatro meses de permanência nesta ilha.  
Então, um barco virá do (teu) país,  
com marinheiros teus conhecidos.  
Tu partirás com eles para o (teu) país  
e morrerás na tua cidade.

Como é feliz aquele que pode contar aquilo por que passou,  
(depois de) ultrapassados os maus momentos!  
Eu vou contar-te então uma coisa parecida  
que aconteceu nesta ilha.  
Eu estava aqui com os meus irmãos,  
entre os quais havia crianças.  
Na totalidade éramos 75 serpentes,  
juntando as minhas crianças com os meus companheiros.  
E não me esquecerei de te mencionar uma filhita  
que obtive por meio de preces!

Então, uma estrela caiu  
e eles arderam por sua causa.  
Isto aconteceu quando eu não estava,  
e eles arderam sem que eu estivesse entre eles.  
Então eu (fiquei como) morto por causa deles,  
(quando) os encontrei numa única pilha de cadáveres.  
Se és forte, controla-te!  
Abraçarás os teus filhos,  
beijarás a tua mulher, verás a tua casa.  
E estas coisas serão o melhor de tudo!  
Alcançarás o país onde vivias  
no meio dos teus irmãos  
e existirás de novo!»  
Estendido sobre o meu ventre,  
toquei no chão diante dela.

## Resposta do homem e reacção da serpente

«Deixa-me então dizer-te.

Falarei do teu poder ao soberano,  
farei com que ele seja informado da tua grandeza.  
Farei com que te tragam láudano (?),  
*bekenu, iudeneb*, canela (?)  
e incenso dos templos para agradecer a cada deus.  
Contarei então o que me aconteceu,  
quando vi os seus poderes.  
Oraremos a deus por ti na cidade,  
perante os notáveis do país inteiro.

Matarei para ti touros em imolação,  
sacrificarei para ti aves  
e farei com que te tragam barcos  
carregados de todas as riquezas do Egipto,  
como devemos fazer por um deus que ama os homens,  
num país longínquo que os homens não conhecem.»

Então ela riu de mim, daquilo que eu tinha dito

de insensato segundo ela.  
Ela disse-me: «(Então) a mirra não é importante para ti?  
Tornaste-te possuidor de incenso?  
Na verdade eu sou o governador do Punt:  
a mirra pertence-me!  
Aquele *bekenu* que tu afirmaste que me trariam,  
é a coisa mais importante desta ilha!  
Chegará, na verdade, (o momento) em que deixarás este lugar  
e jamais voltarás a ver esta ilha que submergirá.»



## O regresso a casa

Então esse barco veio,  
como ela tinha predito anteriormente.  
Eu fui, subi a uma árvore alta  
e reconheci aqueles que estavam no seu interior.  
Então fui para contar isto (à serpente),  
mas encontrei-a (já) sabedora do assunto.  
Então ela disse-me: «Adeus!  
Adeus, homenzinho!  
Para casa ver os teus filhos!  
Faz com que o meu nome seja bom na tua cidade!  
Olha, é (tudo) o que peço que faças por mim!»

Então eu pus-me sobre o ventre,  
(com) os braços estendidos diante dela,  
e eis que ela me deu um carregamento de mirra,  
*hekenu, iudeneb*, canela (?),  
*tichepés, chaasekb*, galena,  
caudas de girafa,  
resina de terebintina,  
um grande pedaço de incenso,  
dentes de marfim, cães de caça,  
macacos, babuínos  
e todo o tipo de riquezas de qualidade.

Depois carreguei isto no barco.  
Ela chegou e eu pus-me sobre o meu ventre para lhe agradecer.  
Ela disse-me então: «Olha! Chegarás ao país em dois meses,  
abraçarás os teus filhos  
e rejuvenescerás no interior da tua sepultura.»  
Então desci até à margem, para junto do barco,  
e chamei a tripulação que estava no barco.  
Dei graças sobre a margem ao senhor da ilha

e aqueles que estavam a bordo fizeram o mesmo.

(Depois) navegámos para norte,  
para a residência real.  
Chegámos à residência em dois meses,  
tal como ela tinha dito.  
Fui então levado à presença do soberano  
e ofereci-lhe os presentes  
que tinha trazido da ilha.  
Ele agradeceu-me  
na presença dos notáveis de todo o país.  
e eu fui feito companheiro  
e dotado de duzentos servidores.

## **Conclusão**

Olha para mim depois que eu toquei terra,  
depois do que eu vi, do que experimentei!  
Ouve-me, portanto!  
Vê, é bom escutar as pessoas!»  
Então ele disse-me:  
«Não faças de excelente, meu amigo!  
Quem dará água à ave pela alvorada,  
para ela ser abatida pela manhã?»

E acabou, do princípio ao fim,  
como o que se encontrou na escritura,  
na escrita do escriba de dedos hábeis,  
Amenaá, filho de Ameni.  
Possa ele viver, prosperar e ter saúde!

#### 4. CONTO DO CAMPONÊS ELOQUENTE

No tempo do rei Nebkauré Kheti, um dos três monarcas que sabemos terem existido no período heracleopolitano, em pleno Primeiro Período Intermediário, e do qual pouco mais se sabe do que o nome, o camponês Khuenanupu desloca-se do Uadi Natrun, no deserto líbio, rico em lagos salgados, ao vale do Nilo, para trocar os seus produtos por outros de que necessita para sustentar a sua família. No caminho é agredido e roubado por Nemtinakht, filho de um proprietário local, Iseri, dependente do grande intendente Rensi.

O camponês, não conseguindo resolver o caso no local, dirige-se a Neninesu, a Heracleópolis Magna da Época Greco-Romana, capital dos reis das IX e X dinastias, para apelar ao próprio Rensi, que fica impressionado com a qualidade do seu discurso. Por este motivo, apresenta o caso ao rei, dizendo claramente em **B1**, 106-107 que o camponês é «bom orador na realidade» (*nfr mdw n wn m3ʿ*), a única passagem onde aparece a expressão, *nfr mdw*, ou seja, bom orador, com o sentido de ser possuidor de uma oratória convincente, isto é, eloquente. Uma vez que não foram os antigos Egípcios que deram ao texto o nome que hoje lhe é atribuído, estamos em crer que foi esta expressão que inspirou o seu título nos nossos dias. Devido ao agrado do rei pela qualidade do seu discurso, vê-se então obrigado a fazer repetidos apelos à justiça, as nove petições, que só com a intervenção do monarca acaba por lhe ser concedida. No fim é-lhe apresentada a razão que presidiu à demora da resolução do seu caso, compensada a sua verticalidade e teimosia, e castigado e despojado dos seus bens aquele que o tinha maltratado, isto é, foi restabelecida a ordem, ou seja, *maat*.

No decorrer do longo apelo feito pelo camponês, o autor deste texto exemplarmente organizado, servindo-se de numerosos e belos subterfúgios literários, acaba por expor um conjunto de ideias fundamentais, verdadeiro pilar do pensamento e modo de agir no Império Médio do Egito faraônico, um tratado de filosofia a que Jan Assmann chamou de «Tratado sobre Maat»<sup>89</sup>. Provavelmente usado para moralizar a administração, sobretudo a magistratura, do Império Médio não deixa de centrar todo o seu enfoque na figura do rei, reforçando e moralizando o poder à sua volta.

---

<sup>89</sup> J. ASSMANN, *Maât, l'Égypte pharaonique et l'idée de justice social*, p. 36. Sobre esta e outras questões ver: T. F. CANHÃO, «O Conto do Camponês Eloquente», 11-54; T. F. CANHÃO, «O Conto do Camponês Eloquente na literatura do Antigo Egito», em *Cadmo* 14 (2004), 125-143; T. F. CANHÃO, «Datação e temática do Conto do Camponês Eloquente», em *Cadmo* 15 (2005), 163-187; T. F. CANHÃO, «Khuenanupu um camponês eloquente», em *Cadmo* 17 (2007), 81-112; T. F. CANHÃO, «O grande intendente Rensi», em *Cadmo* 19 (2009), 65-96; T. F. CANHÃO, «O rei Nebkauré Kheti», em *Cadmo* 20 (2010), 29-49.

## Introdução

Era uma vez um homem que se chamava Khuenanupu.

Era um camponês de Sekhet Hemat,  
cuja mulher se chamava Meret.

O camponês disse à sua mulher:

«Olha! Vou descer ao Egipto  
para trazer comida para as minhas crianças.  
Vai e pesa-me a cevada que está no celeiro,  
o que resta da cevada do último ano.»  
Então ele pesou para ela seis alqueires de cevada.

O camponês disse à sua mulher:

«Olha! [tu tens] vinte alqueires de cevada  
de provisões para ti e para as tuas crianças.  
Faz-me desses seis alqueires de cevada  
pão e cerveja para os dias  
em que estarei de viagem.»  
O camponês desceu para o Egipto  
tendo carregado os seus burros  
de juncos, de plantas *redemet*, de natrão, de sal,  
de madeira de ...*tiu*, de varas de Taihu,  
de peles de leopardos, de couros de cães selvagens,  
de coentros, de pedras *anu*, de plantas *tenem*, de plantas *kebeperuer*,  
de *sabut*, de *saksut*, de plantas *misut*, de pedras *senet*,  
de pedras *abu*, de hortelã, de plantas *inbi*, de pombos,  
de pássaros *naru*, de pássaros *ugués*, de feno, de plantas *tebesu*,  
de grãos *gengent*, de «cabelos da terra», de grãos *inset*,  
uma quantidade de todos os bons produtos de Sekhet Hemat.  
O camponês pôs-se a caminho,  
para sul em direcção a Neninesu  
e chegou ao distrito de Perfefi,

ao norte de Medenit.

Encontrou um homem em pé sobre a margem,  
cujo nome era Nemtinakht, filho de um homem chamado Iseri,  
um dos dependentes do grande intendente Rensi, filho de Meru.

Então Nemtinakht disse

quando viu os burros do camponês que agradaram ao seu coração:

«Ah! Se eu tivesse algum ídolo  
com o qual me pudesse apropriar dos bens deste camponês!»  
Ora, a casa de Nemtinakht  
era junto ao caminho ribeirinho  
que era estreito.

Não era suficientemente largo para exceder a largura de uma peça de  
[estofa:  
um dos lados ficaria debaixo de água e o outro debaixo da cevada.

Então Nemtinakht disse ao seu dependente:

«Vai e traz-me um bocado de pano de minha casa».

Ele foi-lhe trazido imediatamente.

Então estendeu-o sobre o caminho ribeirinho,  
assentando a franja na água  
e a bainha sobre a cevada.

O camponês circulava num caminho público  
mas Nemtinakht disse:

«Presta atenção, camponês! Tu não vais caminhar sobre as minhas roupas!»

O camponês respondeu:

«Eu farei o que te agradar, (mas) o meu caminho é bom».

Então deslocou-se para o lado de cima

e Nemtinakht disse:

«Será que a minha cevada te vai servir de caminho?»

O camponês respondeu:

«O meu caminho é bom. A margem é alta, o caminho está debaixo da cevada  
e tu obstróis ainda o nosso caminho com as tuas roupas.

Tu não permites que passemos pelo caminho?»

Nesse momento um dos burros encheu a boca  
com um molho de cevada

e Nemtinakht disse:

«Olha! Eu vou ficar com o teu burro, camponês,  
porque ele comeu a minha cevada!

Vê, ele vai pisar grão por causa da sua ofensa!»

E o camponês respondeu:

«O meu caminho é bom. Estando um lado destruído,

levei o meu burro pelo (lado) interdito

e tu toma-lo porque ele encheu a boca com um molho de cevada!

Aliás, eu conheço o senhor deste domínio.

Ele pertence ao grande intendente Rensi, filho de Meru.

E é justamente ele que pune todos os ladrões no país inteiro!

Serei eu espoliado no seu domínio?»

Então Nemtinakht disse:

«É este o provérbio que as pessoas dizem:

“O nome do pobre só é pronunciado por causa do seu mestre”?

Eu é que falo contigo

e é o grande intendente que tu queres evocar!»

Então pegou numa vara de tamargueira verde contra ele

e fustigou-lhe todos os membros com ela.

Apoderou-se dos seus burros que foram introduzidos no seu domínio

e logo o camponês se pôs a chorar muitíssimo

pelo mal que lhe tinham feito.

Então Nemtinakht disse:

«Não levantes a tua voz, camponês!

Vê, tu vais em direcção à cidade do senhor do silêncio!»

O camponês Respondeu:

«Tu bates-me, roubas-me os meus bens

e tiras-me até o queixume da minha boca!

Ó senhor do silêncio possas tu devolver-me os meus bens

que então eu pararei de chorar para tua terribilidade!»

## O camponês vai queixar-se ao grande intendente

O camponês esperou uma semana inteira  
apelando a Nemtinakht,  
mas ele não lhe prestou atenção.  
Então o camponês foi para Neninesu  
para apelar ao grande intendente Rensi, filho de Meru.

Encontrou-o a sair da porta de casa  
para descer até à sua barca oficial.

O camponês disse:

«Ah! Permite-me que te comunique uma questão.  
Manda-me o dependente que desejares,  
que eu envio-to de volta (informado) sobre ela». Assim, o grande intendente Rensi, filho de Meru, fez com que fosse enviado o seu seguidor predilecto diante dele, e o camponês mandou-o de volta com todos os detalhes da questão. E logo o grande intendente Rensi, filho de Meru, denunciou Nemtinakht aos magistrados que estavam com ele.

Eles disseram-lhe:

«Provavelmente é um dos camponeses que veio junto de outro como ele.  
Olha, isso é o que eles fazem aos seus camponeses  
que se dirigem a outros para além deles!

Sim, é o que eles costumam fazer.

É isto razão para que punamos Nemtinakht  
por causa de um pouco de natrão e de um pouco de sal?

Ordenemos-lhe que restitua aquilo e ele restituirá.»

O grande intendente Rensi, filho de Meru, ficou em silêncio.

Não respondeu aos magistrados

nem ao camponês.



## Primeira petição

Então o camponês veio apelar  
ao grande intendente Rensi, filho de Meru, e disse:  
«Grande intendente, meu senhor! O maior dos maiores!  
Guia de tudo o que existe e de tudo o que não existe!  
Se desceres para o Lago da Verdade  
navegarás nele com uma brisa.  
O pano da tua vela não será arrancado;  
o teu barco não se irá atrasar;  
nenhum acidente afectará o teu mastro;  
as tuas vergas não se quebrarão;  
não te afundarás quando tocares em terra;  
não serás arrastado pelas águas;  
não experimentarás a malvadez do rio;  
não verás um rosto que tenha medo.  
Mas mudando de direcção os peixes virão até ti  
e tu apanharás o mais gordo dos pássaros.  
Porque tu és um pai para o órfão,  
um marido para a viúva, um irmão para a mulher divorciada,  
o saio de daquele que não tem mãe.  
Permite que te faça neste país o nome acima de toda a boa lei.  
Guia vazio de rapacidade!  
O mais vazio de vilania!  
Aniquilas a mentira e dás existência à verdade!  
Vem à voz daquele que apela.  
Eu falo para que tu entendas:  
faz justiça, ó glorioso que glorifica aqueles que são glorificados!  
Destrói a minha miséria!  
Olha, eu (estou) oprimido pelo [...] desgosto!  
Vê, eu (estou) debilitado por causa dele!  
Examina-me! Vê, eu (estou) na miséria!»

## O grande intendente avisa o rei

Ora o camponês fazia este discurso  
no tempo da majestade do rei do Alto e do Baixo Egipto Nebkauré, justo  
[de voz.

E o grande intendente Rensi, filho de Meru,  
foi diante de sua majestade e disse:  
«Meu senhor, encontrei um destes camponeses  
bom orador na realidade.  
Ele foi despojado dos seus bens  
por um homem que está ao meu serviço.  
Vê, ele veio suplicar-me sobre esse assunto.»

Então sua majestade disse:

«Se tu desejas ver-me de boa saúde  
deves retê-lo aqui  
sem responder a nada do que ele possa dizer,  
para que continue a falar.  
Cala-te. Então, que as suas palavras nos sejam trazidas por escrito  
para que possamos ouvi-las.  
Mas assegura o sustento da sua mulher e dos seus filhos!  
Vê, um destes camponeses só vem ao Egipto  
(quando) a sua casa está completamente vazia!  
Assegura também o sustento do próprio camponês.  
Tu farás com que lhe sejam dadas provisões,  
mas sem permitir que ele saiba que foste tu quem lhas deu.»  
E assim foram-lhe dados  
dez pães e dois jarros de cerveja por dia.  
O grande intendente Rensi, filho de Meru, foi quem os deu.  
Ele deu-os a um amigo seu e foi este quem os deu ao camponês.  
Então, o grande intendente Rensi, filho de Meru,  
enviou uma mensagem ao governador de Sekhet Hemat  
para assegurar a alimentação da mulher do camponês  
com três galões por dia.

## Segunda petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma segunda vez

e disse: «Grande intendente, meu senhor!

O maior dos maiores! O mais rico dos ricos!

Aquele em quem os grandes têm alguém que é o maior

e os ricos alguém que é o mais rico!

Leme do céu! Esteio da terra! Fio-de-prumo que suporta pesos!

Leme, não te afastes! Esteio, não te inclines!

Fio-de-prumo, não osciles!

Um grande senhor toma (daquele que) não tem senhor

e por causa disso pilha alguém isolado,

enquanto a sua porção está em sua casa?

Um jarro de cerveja e três pães,

que mais precisas tu de dispensar para saciar os teus dependentes?

Um mortal morre tão bem quanto os seus dependentes!

Serás tu um homem da eternidade?

Tal como a balança de mão se inclina e o seu pêndulo se desvia,

não é errado um homem honesto mudar e desviar-se?

Vê, a justiça escapa debaixo de ti

expulsa do seu lugar!

Os magistrados estão a proceder mal.

A qualidade do discurso mostra parcialidade:

os juízes roubam.

Aquele que apanha com a sua integridade o que é desonesto com as

[palavras,

faz, portanto, com que ele vacile.

Aquele que deve dar o pão não existe na terra;

aquele que torna as coisas fáceis faz ofegar;

aquele que é mediador torna-se um saqueador;

aquele que deve afastar a necessidade ordena que ela seja criada.

O porto está ele próprio submerso;

aquele que deve castigar o que está errado pratica o mal».

Então o grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:

«Os teus bens são mais importantes para o teu coração do que o meu dependente ser preso?»

E o camponês respondeu:

«O medidor dos montes de cereais defrauda em seu favor.

Aquele que enche (os celeiros) para outro rouba os seus bens.

Aquele que devia orientar-se segundo as leis comanda o roubo.

Quem, portanto, reprimirá o mal

quando aquele que deve repelir o defeito vacila?

Um (parece) ser justo indo por vias tortuosas,

a calúnia do outro provoca problemas.

Encontras tu (aqui alguma coisa) para ti?

Corrigir é rápido, o mal dura muito tempo.

Uma boa acção volta ao seu lugar de ontem.

É justamente o preceito:

age para com aquele que age para fazer com que ele aja.

Isto é agradecer a alguém por aquilo que ele faz,

isto é evitar qualquer coisa antes de ela ser lançada,

isto é dar uma instrução a alguém que é mestre artesão.

Oh! Se num instante pudesse trazer a ruína,

destruir a tua rede *rui* de pássaros, diminuir os teus pássaros,

destruir a tua caça de água!

Aquele que via tornou-se cego, aquele que ouvia tornou-se surdo,

aquele que devia guiar tornou-se um falso guia!

(Eu) causei um *beru* e tu passaste por cima?

Porque ages tu contra ti?

Olha, vê! Tu és forte e poderoso.

O teu braço é activo e o teu coração é ambicioso.

A piedade passou ao teu lado!

Como é miserável o pobre homem que tu destruístes!

Tu pareces um mensageiro de Khenti!

Olha, tu superas a senhora da pestilência!

Se não tens nada, ela não tem nada;  
se não há nada contra ela, não há nada contra ti;  
se tu não actuares, ela não actua!  
O senhor do pão deve ser clemente, a violência é para o criminoso.  
Roubar convém àquele que não tem bens  
quando os bens são roubados pelo criminoso.  
Um mau comportamento daquele que não cumpre  
não deve ser proclamado por ele.  
Ele procura por si próprio (os seus meios de subsistência).

Mas tu estás saciado com o teu pão  
e bêbado com a tua cerveja!  
Tu és rico e tens todo o tipo de coisas.  
O rosto do timoneiro está virado para a frente  
e o barco vai à deriva como ele deseja.  
O rei está no palácio,  
o leme está na tua mão  
e o mal está instalado à tua volta.  
Demorado é o (ofício) do queixoso! Profunda é a divisão!  
“O que é que se passa ali?”,  
pensarão (as pessoas).  
Age como um porto de abrigo! O teu porto está tranquilo,  
(mas) olha, o teu cais está infestado de crocodilos!  
Que a tua língua seja justa e não te enganes.  
Um órgão do homem pode ser a sua ruína.

Não digas mentiras! Vigia os magistrados!  
Um cesto engorda os juízes!  
Dizer mentiras é o seu pasto,  
isto é uma coisa ligeira para o seu coração.  
És o mais sábio de todos os homens  
e simplesmente ignoras os meus problemas?  
Tu que afastas todas as pequenas necessidades de água,  
vê, eu tenho um percurso e estou sem barco!

Tu que salvas todo aquele que se está a afogar,  
salva o náufrago!  
Defende-me antes que chegues ao teu fim!»

### **Terceira petição**

Então o camponês

veio apelar-lhe uma terceira vez

e disse: «Grande intendente, meu senhor!

Tu és Ré, senhor do céu, com os teus cortesãos.

A subsistência de todos os homens vem de ti como a inundação!

Tu és Hapi que faz reflorescer os prados

e fertiliza as terras exaustas.

Castiga o ladrão, protege o pobre:

não te transformes na vaga contra o queixoso!

Presta atenção, a eternidade aproxima-se!

Deseja viver muito tempo, de acordo com o provérbio:

“respirar pelo nariz é como fazer justiça”.

Pune aquele que deve ser punido

e ninguém se aproximará da tua rectidão.

Errará a balança de mão?

A balança de suporte inclinar-se-á para um dos lados?

Será Tot clemente?

Se assim for, então tu podes fazer o mal!

Iguala-te a estes três.

Se os três são clementes, então tu podes ser clemente!

Não respondas ao bem com o mal.

Não ponhas uma coisa no lugar da outra.

O (meu) discurso irá crescer mais do que a planta *senmit*,

mais do que o que é bom para o seu odor.

Voltar a regar o mal é fazer com que o revestimento (vegetal) cresça.

Três vezes para fazer com que ele aja.

Se tu manobrares o leme de acordo com a vela  
a corrente arrastar(-te)-á para fazer justiça.  
Tem cuidado que encalhas por causa da corda do leme!  
O equilíbrio do país é praticar a justiça.  
Não digas mentiras porque tu és grande.  
Não sejas ligeiro porque tu és (um homem) de peso!  
Não digas mentiras porque tu és a balança (de mão)!  
Não (te) desvies porque tu és a rectidão!  
Vê, tu não fazes senão como uma balança (de mão):  
se ela se inclina, tu também te inclinas!  
Não te desvies quando manobrares o leme!  
Puxa a corda do leme!  
Não roubes quando agires contra o ladrão:  
não há certamente grandeza  
quando o grande é ganancioso!  
A tua língua é o pêndulo (da balança),  
o teu coração os pesos (da balança),  
os teus lábios são os seus braços.  
Se tu cobrires o teu rosto contra o violento,  
quem então repelirá o mal?

Vê, tu és como um miserável lavadeiro,  
um ganancioso que prejudica um amigo  
e abandona um dos seus íntimos em favor de um dos seus clientes.  
É seu irmão aquele que vem e lhe traz (presentes).  
Vê, tu és um barqueiro que atravessa todo aquele que paga,  
um justo cuja justiça está despedaçada.  
Vê, tu és como um chefe de armazém  
que não deixa passar o pobre imediatamente.  
Vê, tu és um falcão para o povo,  
vivendo por cima dos pássaros mais fracos.  
Vê, tu és um carniceiro que se alegra com a carnificina,  
a mutilação não é nada para ele.  
Vê, tu és um pastor: então não é mau para mim

que tu não saibas avaliar?  
Tu mostras menos respeito do que o crocodilo voraz.  
Os lugares de refúgio faltam nas cidades de todo o país.  
Ouvinte, na verdade tu não escutas!  
Deste modo, porque é que não escutas?  
É porque hoje eu reprimi um agressor?  
O crocodilo retira-se?  
Qual é, portanto, o teu lucro a este respeito?  
A secreta verdade será encontrada  
e fará cair a mentira por terra.  
Não faças planos para o amanhã antes de ele chegar!  
Ninguém sabe os males que há nele!»!

Ora o camponês fazia este discurso  
ao grande intendente Rensi, filho de Meru,  
à entrada do escritório.  
Então (Rensi) fez levantarem-se dois servidores contra ele  
com chicotes  
e fustigarem-lhe todos os membros com eles.

O camponês disse:

«O filho de Meru continua a errar.  
O seu rosto está cego perante aquilo que vê, surdo àquilo que ouve,  
pouco sensato em relação ao que lhe mencionam.  
Olha, tu és como uma cidade sem governador,  
como uma companhia sem chefe,  
como um barco sem capitão,  
(como) uma associação sem o seu guia!  
Olha, tu és como um polícia que rouba,  
um governador que aceita (subornos),  
um superintendente de distrito que defende a pilhagem  
e se torna o modelo para aquele que agiu (mal)».



## Quarta petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma quarta vez.  
Encontrou-o a sair da porta  
do templo de Herichef  
e disse: «Ó louvado, possa Herichef louvar-te,  
porque tu vens da sua casa!  
O bem pereceu. Não há adesão a ele.  
A mentira foi atirada ao chão!  
Se a sua barca (já) regressou,  
como conseguiremos atravessar (o rio)  
quando isso é feito de má vontade?  
Atravessar o rio sobre as sandálias  
é fazer uma boa travessia? Não!  
Quem é que agora dorme até ao amanhecer?  
Estar proibido de caminhar de noite, viajar de dia  
e permitir que um homem permaneça de pé por causa do seu caso,  
está bem na verdade?  
Olha, não serve de nada dizer-te isto:  
“A piedade passou ao teu lado!  
Como é miserável o pobre homem que tu destruístes!”

Olha, tu és um caçador que satisfaz o seu desejo,  
que está ocupado a fazer (apenas) o que lhe agrada,  
que arpoa hipopótamos, trespassa touros selvagens,  
pesca peixes e apanha no laço pássaros.  
Nenhum discurso rápido está livre de precipitação,  
nem há ninguém inteligente que não seja vagaroso em relação aos seus  
[desejos.

Se fores paciente então conhecerás a verdade!  
Controla a tua escolha para o bem daquele que é introduzido humildemente!  
Nenhum homem apressado pratica a excelência,  
nenhum impaciente produz efeito (com) o braço.  
Possam os olhos ver, que o coração será informado!

Não sejas cruel só porque és poderoso,  
assim o mal não te atingirá!  
Passa por cima de um caso e os seus problemas duplicarão.  
Aquele que come saboreia;  
aquele que foi posto em causa responde;  
aquele que dorme sonha.  
Quanto ao juiz que merece ser punido,  
ele é um modelo para aquele que agiu (mal).

Louco, olha! Tu estás a ser atingido!  
Ignorante, olha! Tu estás a ser interrogado!  
Despejador de água, olha! Tu estás a encalhar!  
Timoneiro, não deixes o teu barco à deriva!  
Distribuidor de vida, não (nos) deixes morrer!  
Destruidor, não (nos) deixes perecer!  
Sombra, não ajas como a luz do sol!  
Porto de abrigo, não deixes que o crocodilo (nos) apanhe!  
É a quarta vez que apelo para ti!  
Vou então passar todo o meu tempo com isto?»

### Quinta petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma quinta vez  
e disse: «Grande intendente, meu senhor!  
O pescador *khudu* está ... .. ;  
... .. ilude e mata o peixe *ii*;  
o pescador de arpão arpoa o peixe *aubeb*;  
o pescador *djabehu* vai contra os peixes *pakeru*;  
o pescador de rede destrói o rio.  
Olha, nisso tu és como eles!

Não roubes a um pobre os seus bens,  
ao (homem) fraco que tu conheces.

Respirar para o miserável (são) os seus bens;  
aquele que os rouba tapa o seu nariz.  
A razão pela qual foste nomeado foi para ouvir casos,  
para julgar entre as partes, para punir o gatuno.  
(Mas) olha, o que fazes é apoiar o ladrão!  
Tu que devias ser de confiança  
ages como um transgressor!  
Tu foste colocado como um dique para o necessitado,  
evita que ele se afogue.  
Olha, tu és o lago que o inunda»!

### **Sexta petição**

Então o camponês veio apelar-lhe uma sexta vez  
e disse: «Grande intendente, meu senhor!  
O senhor que diminui a mentira faz a verdade aparecer!  
Aquele que cria o bem para toda a gente é o que destrói (o mal)!  
Como a saciedade quando vem acaba com a fome  
e o vestuário acaba com a nudez.  
Como o céu quando acalma depois de uma grande tempestade,  
aquece todos aqueles que têm frio.  
Como o fogo cozinha o que está cru.  
Como a água mata a sede.  
Vê por ti próprio:  
aquele que divide é um saqueador;  
o apaziguador cria o sofredor;  
aquele que deve remover os obstáculos é um criador de sofrimento.

Mas aquele que engana, diminui a verdade!  
Prestar boas contas não é com faltas nem com excessos de verdade!  
Se tu adquires (qualquer coisa), então (dá-o) ao teu igual.  
“Palrar”, (apenas), é desprovido de seriedade!  
Mas o meu sofrimento conduz-me à separação;

a minha acusação provoca a partida.

Não saberemos, na realidade, o que está no coração.

Não sejas indolente! Age em relação à acusação!

Se tu divides, quem juntará de novo? A vara de sondagem está na tua mão, como uma vara que abre (caminho) quando o infortúnio acontece na água!

Se o barco encalha, então os seus salvados serão destruídos e a sua carga ficará no fundo dos bancos de areia.

Tu és instruído, inteligente e completo,

mas não no que respeita ao roubo!

Tu devias ser o modelo de todos os homens,

mas os teus casos oscilam de um lado para o outro!

A honestidade engana todo o país!

O jardineiro do mal

rega o seu jardim com crimes

para fazer crescer no seu jardim a mentira,

para regar de problemas (toda) a propriedade»!

### **Sétima petição**

Então o camponês veio apelar-lhe uma sétima vez

e disse: «Grande intendente, meu senhor!

Tu és o leme de toda a terra.

A terra navega apenas sob o teu comando!

Tu és igual a Tot,

que julga sem pender para um lado.

Senhor, sê paciente quando um homem te suplica em relação à sua causa legítima.

Não te zangues: isso não é para ti!

Aquele que é prudente tornar-se-á compreensivo:

não te alegres com o que ainda não chegou,

nem com o que ainda não aconteceu!

A indulgência prolonga a amizade

destruindo aquilo que aconteceu.  
Ninguém sabe o que está no coração.  
Se a lei é subvertida e a ordem destruída,  
nenhum miserável pode viver se for roubado.  
A justiça não se dirige a ele.  
Além do mais, o meu corpo está cheio:  
o meu coração pesado e o que sai do meu corpo  
são a causa do seu estado!  
Tal como a brecha de um dique deixa que se escoem rapidamente as suas águas,  
também a minha boca se abre para falar!  
Então manobrei a minha vara (de sondagem),  
deitei fora a minha água,  
despejei o que estava no meu corpo,  
lavei a minha roupa suja.  
O meu discurso está feito.  
A minha miséria acaba perante ti.  
De que mais precisas tu?  
A tua indolência faz-te seguir por mau caminho,  
a tua rapacidade enganar-te-á,  
a tua cobiça criar-te-á inimigos.  
Mas encontrarás tu outro camponês como eu?  
Um preguiçoso mantém um queixoso à entrada de sua casa?

Não há nenhum silencioso que tenhas feito falar,  
nenhum adormecido que tenhas acordado,  
nenhum deprimido que tenhas animado,  
ninguém de boca fechada a quem a tenhas aberto,  
nenhum ignorante a quem tenhas feito um sábio,  
nenhum tolo a quem tenhas instruído.  
Os magistrados devem combater o mal,  
eles são os senhores do bem,  
os artífices que fazem as coisas serem possíveis,  
que voltam a pôr no lugar a cabeça cortada».

## Oitava petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma oitava vez

e disse: «Grande intendente, meu senhor!

A cobiça provoca uma grande queda.

O rapinante não tem sucesso;

o seu sucesso falhou.

Tu és ganancioso: isso não é para ti.

Tu roubas: não é benéfico para ti.

De facto, deixa um homem defender o seu caso,  
perfeito na realidade.

A tua porção está em tua casa;

o teu ventre está cheio;

a medida de grão transborda.

Ela transborda e o excedente espalha-se pelo chão.

Ladrão, gatuno, saqueador!

Os magistrados que foram nomeados para reprimir o mal  
são um refúgio para o agressor!

Os magistrados foram nomeados para reprimir a mentira!

Não ter medo de ti faz(-me) apelar para ti!

Tu não entendes o meu coração!

O homem silencioso que veio queixar-se a ti  
não tem medo daquele a quem suplica.

E o seu irmão não te poderá ser trazido da rua!

As tuas parcelas de terra estão no campo,

o teu rendimento está na tua propriedade,

as tuas provisões estão no celeiro.

Os magistrados estão a dar-te

e tu vais aceitando!

Serás tu um ladrão?

Trazem para ti e as tropas estão contigo  
na divisão das parcelas de terra!

Faz justiça para o senhor da justiça,

aquele que tem na verdade a sua justiça!  
Cálamo, rolo de papiro, paleta de Tot,  
mantém-te afastado do mal!  
A bondade daquele que é bom é boa para ele,  
mas a justiça é para a eternidade:  
ela desce à necrópole com aquele que a cumpre!  
Ele é sepultado e a terra envolve-o,  
(mas) o seu nome não desaparece com ele, sobrevive:  
ele é lembrado por causa da (sua) bondade.  
Esta é a regra das palavras de deus.  
É uma balança de mão? (Então) não se pode inclinar.  
É uma balança de suporte? (Então) não pode pender para um lado.  
Olha, eu virei e outro (como) eu virá para te dirigir a palavra!  
Não respondas pondo em questão o homem silencioso!  
Não ataques quem não (te) ataca!  
Tu não és piedoso; tu não estás a sofrer;  
tu não estás perturbado.  
Tu não me compensas por este belo discurso  
que sai da boca do próprio Ré!  
Diz *maat*. Pratica *maat* porque ela é grande.  
Ela é eficaz. Ela é duradoura.  
Ela decide a teu favor. Ela dá credibilidade.  
Ela conduz ao estado de bem-aventurado.

A balança (de mão) inclina-se?  
É porque os seus pratos carregam coisas!  
Nenhum excesso é possível em relação ao normal.  
Uma acção vil não fará chegar ao porto  
aquele que for o último a alcançar a terra!»!

## Nona petição

Então o camponês veio apelar-lhe uma nona vez  
e disse: «Grande intendente, meu senhor!  
A língua dos homens é a sua balança de suporte,  
(mas) é a balança de mão que descobre as deficiências.  
Pune aquele que deve ser punido  
e (ninguém) se aproximará da tua rectidão.  
[... ...] a mentira [... ...] as suas porções existem.  
A sua porção regressa à verdade para a corrigir.  
A verdade é propriedade da mentira,  
que a faz prosperar e não retroceder.  
Quando a mentira se mete a caminho perde-se,  
ela não atravessará na barca,  
não progredirá.  
Quanto àquele que se torna rico por sua causa,  
ele não terá progenitura, ele não terá herdeiro na terra.  
Quanto àquele que navega com ela,  
não aportará em terra.  
O seu barco não atracará no cais.

Não sejas pesado, tu não és leve!  
Não sejas lento, tu não és rápido!  
Não sejas parcial, não escutes o (teu) coração!  
Não cubras o teu rosto contra aquele que tu conhecestes!  
Não sejas cego em frente daquele que tu olhaste!  
Não rejeites aquele que vem suplicar-te!  
Abandona esta lentidão em proclamar a tua sentença.  
Age por aquele que agiu por ti.  
Não dês ouvidos a toda a gente  
quando um homem apela pela sua causa legítima.

Não há “ontem” para o indolente,  
não há amigo para aquele que é surdo à justiça,



não haverá dias felizes para o avarento.  
Quando o acusado se torna um miserável  
e o miserável se transforma num queixoso,  
o adversário torna-se um assassino.  
Vê, eu fiz-te uma queixa  
e tu não a escutaste!  
Eu irei e farei uma súplica por ti a Anúbis».

## **Conclusão**

Então o grande intendente Rensi, filho de Meru,  
mandou dois servidores para o trazerem de novo.  
O camponês teve medo,  
pensou que o fossem punir  
por causa dos discursos que tinha feito.  
O camponês disse:  
«Um homem sedento aproxima-se da água,  
a boca de uma criança de mama estende-se para o leite.  
É a morte que se desejou.  
Vê-a porque ela chega:  
a sua morte vem devagar contra ele».

Mas o grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:  
«Não tenhas medo, camponês!  
Vê, o que foi feito contra ti foi para agires de acordo comigo!»  
O camponês respondeu: «Pela minha vida!  
Comerei o teu pão  
e beberei a tua cerveja eternamente?»  
O grande intendente Rensi, filho de Meru, disse:  
«Agora fica aqui  
e escuta as tuas queixas.»  
Então fez ler [...] de um rolo de papiro novo  
cada petição segundo o seu conteúdo [... ..].

E o grande intendente Rensi, filho de Meru, mandou-o entregar (o rolo de papiro) à majestade do Alto e do Baixo Egípto Nebkauré, justo de voz.

Isto foi mais agradável ao coração (do rei)

do que todas as coisas que estão neste país inteiro.

E sua majestade disse:

«Julga tu próprio, filho de Meru».

O grande intendente Rensi, filho de Meru, mandou dois servidores para [trazerem Nemtinakht].

Então trouxeram-no e foi feito um inventário dos [membros da família].

Encontrou seis pessoas, e também [... ..],

a sua cevada do Alto Egípto, o seu cereal,

os seus burros, os seus porcos e [o seu] gado miúdo.

[... ..] Nemtinakht [foi dado] ao camponês,

[com toda a sua propriedade, todos] os seus [bens],

[todos os] de[pendentes e tudo o que pertencia] a Nemtinakht.

E acabou, [do princípio ao fim,

conforme o que se encontrou na escritura].

## 5. AS ADMOESTAÇÕES DE IPU-UER

Ipu-uer, provavelmente um nobre da corte que o parece rodear, podendo mesmo ser o superintendente dos cantores (*imy-r ḥsw*) de quem Simpson mostra uma citação junto às representações de Imhotep, Kaires, Khety e Khakheperréseneb<sup>90</sup>, dirige-se a alguém que, aparentemente, só pode ser o rei, «o velho rei» que «vive pacificamente no seu palácio»<sup>91</sup>. Wilson, por exemplo, julga que o rei, que não está identificado, possa ser um dos últimos faraós da VI dinastia ou de uma das confusas dinastias do Primeiro Período Intermediário<sup>92</sup>, mas na opinião de Parkinson não é um rei específico mas «uma representação generalizada da autoridade»<sup>93</sup>, que Ipu-uer trata ao mais alto nível por «senhor de tudo», título partilhado pelo rei e pelo demiurgo.

É descrita uma época catastrófica em que a idade de ouro foi esquecida e substituída pela violência, a anarquia, o crime e o roubo. A hierarquia desapareceu e todos os valores foram invertidos. Os ritos deixaram de ser celebrados e deixaram de se fazer oferendas às divindades. As leis foram espezinhadas e os segredos traídos. No meio de uma crise de autoridade, o próprio palácio real estava em perigo. Contudo, no fim fica um raio de esperança porque haverá alguns resistentes aos infortúnios descritos, que se fizerem renascer os verdadeiros valores permitirão que

---

<sup>90</sup> W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, fig. 6, última página do livro; L. M. ARAÚJO, *O Clero do Deus Amon no Antigo Egípto*, p. 214.

<sup>91</sup> A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 93.

<sup>92</sup> J. A. WILSON, «Egyptian Oracles and Prophecies», p. 441.

<sup>93</sup> R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe and Other Ancient Egyptian Poems*, p. 166.

a esperança renasça. Mas para que a felicidade regresse é necessário que o rei esteja consciente dos seus deveres.

É um texto que faz a denúncia das condições sociais e políticas de determinada época com um ar de resistência patriótica, numa tentativa de dar força a um rei aparentemente enfraquecido, mas sempre protegido pelos deuses. Acompanha-se uma organização textual devidamente escalonada: primeiro o desespero perante a destruição e o caos de uma verdadeira revolução social, depois o desejo do regresso do equilíbrio perdido e, por fim, a visão de um futuro normalizado.

.....  
.....  
os guardiões da porta [disseram]: «Vamos e pilhemos»;  
os pasteleiros [deixaram de fabricar o pão];  
.....  
os lavadores (de minério) recusam-se a transportar a sua carga.  
.....  
os passarinhos formaram companhias (para lutar);  
.....  
os habitantes do Delta andam com escudos;  
os cervejeiros [deixaram de fabricar a cerveja]; ..... está triste;  
um homem olha o seu filho como um inimigo;  
confunde-se .....contra outro,  
«Vinde com força!» é uma mensagem .....  
..... destinadas para ti no tempo de Hórus, na era da Enéade;  
.....  
O homem virtuoso caminha com tristeza por causa das transformações no país.  
Agora que ..... caminha .....

.....  
Os habitantes do deserto transformaram-se em egípcios por todo o lado.

\* \* \*

Na verdade, o rosto está pálido .....  
.....esta .....  
..... o que os antepassados predisseram  
chegou até .....  
[Na verdade, ninguém] escapa .....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
..... sobre a terra cheia de quadrilhas;

um homem vai lavrar armado com o seu escudo.

Na verdade, aquele que é dócil diz: «O meu coração sofre .....»;  
é a agressividade o que existe no homem.

Na verdade, os rostos estão pálidos e o arqueiro está pronto.

Os malfeitores estão por todo o lado e já não existe o homem do passado!

Na verdade, o saqueador rouba em todo o lado;  
aquele que é servo apanha o que encontra.

Na verdade, face à inundaçãõ do Nilo eles não estão preparados para ela.

Cada homem diz: «Nós não compreendemos o que aconteceu por todo o país.»

Na verdade, as mulheres estão estéreis e não conseguem engravidar;  
Khnun não fabrica mais por causa do estado do país.

Na verdade, os pobres tornaram-se senhores opulentos;  
aquele que não podia fazer para si um par de sandálias possui (agora) todas  
[as coisas.

Na verdade, os dependentes têm o coração triste;  
os grandes já não confraternizam com o povo quando ele celebra.

Na verdade, a violência é uma praga que está por todo o país,  
o sangue está por todo o lado;  
a morte não escasseia e a mortalha chama  
antes de se aproximarem dela.

Na verdade, muitos mortos são sepultados no rio.

A corrente é uma sepultura; de facto, as águas transformaram-se num túmulo.

Na verdade, os opulentos lamentam-se e os pobres rejubilam.

Todas as cidades dizem: «Vamos eliminar os poderosos de entre nós.»

Na verdade, a espécie humana é como as íbis negras, a imundice está por  
[todo o país;

de facto, ninguém se veste de branco nestes tempos.

Na verdade, a terra gira como uma roda de oleiro;  
o ladrão possui todas as riquezas, o [homem rico] é o saqueador.

Na verdade, os homens honrados estão como .....

O homem comum está aterrorizado: «O que posso fazer?»

Na verdade, o rio é sangue  
e bebem dele afastando-se da sua qualidade de homens, sedentos de água.

Na verdade, as portas, as colunas e as paredes ardem;

(mas) as paredes do palácio real, v. p. s., estão firmes e duráveis.

Na verdade, o barco do Sul naufragou;

as cidades são destruídas e o Alto Egito transformou-se num planalto seco.

Na verdade, os crocodilos estão saciados com o peixe que têm capturado, (pois) os homens vão até eles de livre vontade. Isto é a destruição deste país!

Diz-se: «Não caminhes aqui. Vê, é uma armadilha!

Vê, nós debatemo-nos na nassa como os peixes!»

O homem assustado não sabe o que diz por causa do terror no seu coração.

Na verdade, os homens são poucos.

Aquele que atira o seu irmão ao chão está por todo o lado;

a palavra daquele (que) conhece as coisas foge sem demora.

Na verdade, ao filho de um homem não será reconhecido o seu nome e a criança da sua mulher tornar-se-á filho da sua dependente.

Na verdade, o deserto estende-se a todo o país; as províncias estão destruídas.

Os estrangeiros vêm para o Egito.

Na verdade, [os estrangeiros] chegaram

e, de facto, não há Egípcios em nenhum lugar.

Na verdade, o ouro, o lápis-lazúli, a prata, a turquesa,

a cornalina, a ametista, a pedra *ibebet* e todas .....

estão atadas com fios ao pescoço das dependentes,

(enquanto) as grandes damas erram pelo país. As donas de casa dizem:

«Pudéssemos nós ter alguma coisa para comer!»

Na verdade, a vida é uma abominação para os corações das mulheres da elite,

os seus corpos são dignos de pena nos andrajos,

os seus corações cedem por causa da sua condição .....

Na verdade, as caixas de ébano foram quebradas,

as madeiras preciosas e magníficas foram transformadas em camas

.....delas.

Na verdade, os construtores de pirâmides transformam-se em lavradores.

Aqueles que estão na barca sagrada estão oprimidos ...

Nos dias de hoje não se pode navegar para Biblos.

Como faremos agora, para (obter) a madeira de cedro para as nossas múmias, com que produtos os sacerdotes puros os enterram

e com que óleos embalsamarão os grandes, se eles vêm de tão longe quanto Creta?

Eles não virão mais: o ouro foi destruído  
e acabaram-se os materiais para todos os trabalhos.  
Pilharam os bens do palácio real, v. p. s.  
Como é importante quando os oasianos vêm com as suas oferendas para os  
[festivais:  
esteiras de junco e peles (de animais), juntamente com plantas *redemet* frescas  
e pássaros gordos,  
por (terem) consciência de que criavam a riqueza.  
Na verdade, Elefantina e Tinis, autoridades do Alto Egípcio,  
não pagavam (impostos) por causa da revolta.  
Estão destruídas as vagens de alfarroba, o carvão de lenha, os frutos *irtiu*,  
a madeira *maau*, a madeira *nut* e os vimes  
(para) o trabalho dos artífices. As necessidades põem fim ao palácio.  
Para que serve uma casa do tesouro sem as suas receitas?  
Feliz fica o coração do rei  
quando vêm até ele os presentes!  
Então cada país estrangeiro poderá dizer:  
«Ele é a nossa água! Ele é a nossa prosperidade!»  
(Mas) o que podeis fazer acerca disto se tudo está em ruínas?  
Na verdade, (até) o riso está (uma) ruína! Não o fazemos mais.  
Só há gemidos espalhados pelo país, misturados com lamentações.  
Na verdade, aquele que nada possuía (agora) é possuidor;  
aqueles que eram egípcios tornaram-se estrangeiros e puseram-se a caminho.  
Na verdade, o cabelo diminuiu sobre todos;  
não se distingue mais o filho de um homem (de bem) do daquele que não era nada.  
Na verdade, eles ficaram surdos por causa do barulho.  
Nenhuma voz pode ser justa nos anos de barulho.  
Não há fim para o barulho!  
Na verdade, grandes e pequenos dizem: «Quero morrer»;  
as criancinhas dizem: «Ele nunca (me) devia ter dado a vida».  
Na verdade, as crianças dos grandes foram atiradas contra as paredes;  
as crianças de colo foram abandonadas nas terras altas.  
Na verdade, os que estavam nos locais de embalsamamento foram abandonados  
[nas terras altas;



os segredos dos embalsamadores caíram por causa disso.

Na verdade, aquilo que víamos ontem está arruinado;

a terra está abandonada à sua debilidade,

como o linho quando é cortado.

Na verdade, não se pode ocultar todo o Delta,

a segura terra do Baixo Egito está cheia de caminhos que (os invasores)

[podem percorrer.

«Na realidade, o que podemos fazer? A fuga tornou-se impossível em todo o lado!»

E também dizem: «O caminho para o lugar dos segredos,

vejam, tanto está na posse daqueles que o ignoram como dos que o conhecem!»

Os estrangeiros estão peritos nos trabalhos (das terras pantanosas) do Delta.

Na verdade, os servidores são postos a moer os cereais

e aqueles que vestem linho fino são espancados como malfeitores.

Aqueles que não vêem o dia saem sem restrições.

Aquelas que estão na cama dos seus maridos

deixam-nas dormir em tábuas continuamente!

Se eu digo: «É pesado para mim, por causa das pranchas carregadas de mirra, carregá-las mais os jarros cheios de grãos.»

Assim, elas não conhecerão o palanquim

e o camareiro faltar-lhes-á.

Não há remédio para isto!

As grandes damas sofrem como as dependentes.

As mulheres músicas estão nos quartos no interior das salas de tecelagem

e o que elas cantavam para Meret passaram a ser cantos fúnebres.

Os contadores (de histórias) estão a moer cereais.

Na verdade, o que sai da boca das dependentes é poderoso;

o discurso das senhoras

é fastidioso para as dependentes.

Na verdade, as árvores são destruídas, os (seus) ramos desnudados,

(pois) os dependentes abandonam a casa do seu senhor.

As pessoas dirão quando ouvirem isto:

«O futuro de abundância para as crianças está destruído.»

(Já) não há comida misturada com figos entalhados de sicómoro.

Agora, qual é o sabor disso hoje?

Na verdade, os grandes têm fome e sofrem  
(enquanto) servem os seus servidores ... .. por causa das lamentações.

Na verdade, o homem de cabeça quente diz:

«Se eu soubesse onde o deus está,  
então eu agiria por ele!»

Na verdade, o bem está por todo o país só em nome,  
pois o que eles fazem é o mal que eles (próprios) estabeleceram.

Na verdade, o combatente luta pelos seus bens;  
o ladrão tudo o que tem é roubado.

Na verdade, todos os animais têm os seus corações a chorar;  
o gado geme por causa do estado do país.

Na verdade, as crianças dos grandes foram atiradas contra as paredes;  
as crianças de colo foram abandonadas nas terras altas.

Khnum lamenta-se porque está cansado.

Na verdade, o terror mata!

O homem temeroso opõe-se: ajam contra os vossos inimigos.

Agora, os homens de baixo nível usam poucas imagens divinas e amuletos.

Está a servir Khenti e o homem que ele despedaçou?

Está a matar em abundância para o Leão imolando?

Está a fazer libações para Ptah?

Os materiais foram aceites? Porque razão vós dais para ele?

A miséria não o consegue alcançar com o que vós fazeis por ele?

Na verdade, os servidores governam ... .. por todo o país.

O poderoso envia (a sua mensagem) para todo o lado.

Um homem espanca o seu irmão, (o filho) da sua mãe.

Como é que isto aconteceu? Eu digo que foi o sofrimento!

Na verdade, os caminhos estão vigiados e as estradas guardadas.

Sentam-se nos arbustos até que venha o viajante nocturno,  
de modo a apanhar-lhe a sua carga.

O que ele carrega é roubado e ele espancado à paulada  
e morto injustamente.

Na verdade, aquilo que víamos ontem está arruinado;

a terra está abandonada à sua debilidade,

como o linho quando é cortado.

Os homens de baixo nível saem e movimentam-se por causa da aflição.

Os ourives ..... .. isto ... ..

Oxalá isto possa ser o fim da espécie humana, não se conceberá mais, nem  
[se nascerá!

Então, a terra em barulho silenciar-se-á e não haverá mais distúrbios.

Na verdade, (comem-se) pastos,

que se ingerem com água,

pois não se encontram mais grãos, vegetais ou aves.

Roubam-se (até) os frutos da boca dos porcos;

não se dirá mais: «Isto é mais agradável para ti do que para mim», por causa  
[da fome.

Na verdade, os cereais foram destruídos por todo o lado;

despidos da (sua) roupa e de grãos com óleo.

E todos dizem: «Não há nada».

Os armazéns estão vazios e os seus guardas estendidos no chão.

Será isto uma forte ajuda para o meu coração?

Eu estou completamente acabado.

Pudesse eu levantar a minha voz neste momento

e isso salvar-me-ia do sofrimento que isto provoca.

Na verdade, a câmara sagrada foi privada dos seus escritos

e o lugar dos segredos foi revelado.

Na verdade, as fórmulas mágicas foram reveladas;

presságios e encantamentos tornaram-se ineficazes por serem repetidos pelo povo.

Na verdade, os escritórios foram abertos, os seus inventários foram levados

e as pessoas que eram servos tornaram-se senhores de servos.

Na verdade, os escribas são mortos e os seus escritos levados.

Ah, como foi má para mim a miséria desta época!

Na verdade, aos escribas dos cadastros destroem-lhes os escritos;

os víveres do Egipto são (agora) uma propriedade comum.

Na verdade, as leis da câmara do conselho são deitadas fora

e, de facto, caminham sobre elas nos lugares públicos;

os miseráveis partem-nas nas ruas.

Na verdade, o miserável atinge o braço da Enéade;

o procedimento da «Casa dos Trinta» foi revelado.

Na verdade, a «Câmara do Grande Conselho» é um lugar de entrada livre e os miseráveis vão e vêm das «Grandes Casas».

Na verdade, as crianças dos grandes são atiradas para as ruas; o sábio diz «É assim!», o ignorante diz «Não é!» e aquilo de ele não saber nada é agradável para ele.

Na verdade, aqueles que estavam nos locais de embalsamamento foram [abandonados nas terras altas; os segredos dos embalsamadores foram desvendados por causa disso.

\* \* \*

Olhem, de facto o fogo há muito que se eleva, ele arde erguendo-se contra os inimigos do país.

Olhem, de facto foram feitas coisas que nunca tinham acontecido antes: o rei foi roubado por miseráveis.

Olhem, aquele que foi enterrado como um falcão está (agora) num féretro [de madeira; o que a pirâmide ocultava está vazio.

Olhem, de facto, além disso, o país foi privado da realeza, por alguns homens que ignoram conselhos.

Olhem, de facto, aventuraram-se em rebelar-se contra a *iaRET*, o poder de Ré que pacifica as Duas Terras.

Olhem, os segredos do país, cujos limites são desconhecidos, foram divulgados; o palácio foi rapidamente derrubado.

Olhem, o Egipto pôs-se a verter água; aquele que deitava água na terra conduziu o poderoso à miséria.

Olhem, o espírito da serpente foi tirado do seu covil; os segredos dos reis das Duas Terras foram desvendados.

Olhem, o palácio tem medo da miséria e o senhor lutará firmemente sem oposição.

Olhem, o país está em dificuldades sob o domínio de quadrilhas; ao homem corajoso, o cobarde roubou as suas propriedades.

Olhem, o espírito da serpente está na água como os mortos;

aquele que nem um sarcófago podia fazer é (agora) senhor de um túmulo.  
Olhem, os senhores dos lugares de embalsamamento foram expulsos para  
[las terras altas;  
aquele que nem um caixão podia fazer é (agora) senhor de um tesouro.  
Olhem, de facto, para as transformações do povo!  
Aquele que não podia construir uma (simples) sala tem (agora) todas as paredes.  
Olhem, os tribunais foram reprimidos em todo o país;  
aquele que (antes) era reprimido está (agora) nas casas reais.  
Olhem, as grandes damas estão em jangadas e os grandes estão no armazém.  
Aquele que nem num quarto podia dormir é (agora) senhor de uma cama.  
Olhem, um senhor de posses passa a noite sequioso;  
aquele que pedia restos para si é (agora) um senhor de taças a transbordar.  
Olhem, os senhores que tinham boas roupas (agora andam) com farrapos;  
aquele que não podia tecer para si (agora) é senhor de linho fino.  
Olhem, aquele que não podia construir para si próprio um barco,  
(agora) é senhor de uma frota;  
os antigos proprietários olham para eles que não são mais seus.  
Olhem, aquele que não tinha a sua sombra (agora) é senhor de uma sombra;  
os senhores da sombra estão (agora) sujeitos à rajada de vento da tempestade.  
Olhem, aquele que ignorava a lira (agora) é senhor de uma harpa;  
aquele que não cantava para si próprio (agora) exalta Meret.  
Olhem, os senhores que tinham jarras de oferendas de bronze  
(agora) nem um deles tem uma jarra adornada.  
Olhem, aquele que dormia sem mulher porque não tinha, encontrou a  
[abundância;  
aquele que não era visto (agora) levanta-se porque é importante.  
Olhem, aquele que não tinha bens (agora) é senhor de riquezas  
e o grande favorece-o.  
Olhem, os pobres sem terra tornaram-se ricos  
e o senhor com posses (passou a ser) aquele que nada tem.  
Olhem, os cozinheiros tornaram-se senhores dos copeiros;  
aquele que era um mensageiro (agora) manda outro.  
Olhem, aquele que não tinha pão (agora) é senhor de um celeiro;  
o seu armazém está cheio dos bens de outro.

Olhem, aquele a quem caíram os cabelos e que não tinha o seu próprio óleo, tornou-se senhor de jarros de mirra doce.

Olhem, aquela que não tinha uma caixa (agora) é senhora de um cofre; aquela que via o seu rosto na água (agora) é senhora de um espelho.

Olhem, de facto olhem!

Um homem é feliz quando come a sua comida:

«Consome o teu bem alegremente

e sem entraves!»

É excelente quando um homem come a sua comida.

O deus ordena-o para aquele que o glorifica.

[meia linha em branco]

[Olhem, de facto,] aquele que ignorava o seu deus (agora) faz-lhe oferendas.  
com incenso de outro  
e sem o seu conhecimento.

Olhem, as mulheres ricas e as grandes damas, senhoras de grandes riquezas, dão as suas crianças por uma cama.

Olhem, de facto, um homem ..... uma grande dama como esposa  
o pai dela protegia-o (agora) um indigente pode matá-lo.

Olhem, as crianças dos magistrados estão em andrajos.

Os bezerros das suas vacas ..... para os ladrões.

Olhem, os dependentes reais espancam o gado  
e os miseráveis tornam-se ladrões.

Olhem, aquele que nunca abateu (gado) para si (agora) mata touros;  
aquele que nunca controlou a boca contempla (agora) todo o tipo de alimentos  
[escolhidos.

Olhem, os dependentes reais matam gansos  
e dão-nos aos deuses em vez dos touros de cornos largos

Olhem, as dependentes ..... de oferecer aves;  
as grandes damas [espaço em branco]

Olhem, as grandes damas estão a fugir de uma só vez;  
os seus corações lançam-se ao chão com medo da morte.

Olhem, os chefes do país fogem;  
eles não têm ocupação porque lhes falta um senhor que os elogie.

Olhem, os senhores que tinham camas (agora) estão no chão;

aquele que passava a noite na imundice, pois (agora) prepararam-lhe um  
[tapete de pele.

Olhem, as grandes damas padecem de fome,  
os dependentes reais estão saciados com o que foi preparado para elas.

Olhem, nenhuma oficina está no seu lugar,  
como uma manada dispersa sem o seu vaqueiro.

Olhem, os touros tresmalham-se sem ninguém que cuide deles;  
cada homem agarra (os touros) para si e marca-o a fogo com o seu nome.

Olhem, um homem é morto ao lado do seu irmão;  
ele cai enquanto o irmão protege o seu corpo.

Olhem, aquele que não tinha uma junta de bois sua (agora) é senhor de  
[uma manada.

Aquele que não encontrava por si próprio bois para lavrar (agora) é senhor  
[de gado.

Olhem, aquele que não tinha grãos seus (agora) é senhor de celeiros;  
aquele que tinha que ir buscar grãos (agora) garante a sua distribuição.

Olhem, aquele que não tinha dependentes (agora) é senhor de servos.  
Aquele que era um grande (agora) ele próprio faz as suas mensagens.

Olhem, os homens poderosos da terra não são mais informados  
do estado das pessoas comuns caídas em ruína!

Olhem, todos os artesão estão sem trabalhar;  
os inimigos do país esvaziaram-no de trabalho artesanal.

Olhem, aquele que fazia o registo da colheita (agora) não sabe nada disso.  
Aquele que não podia trabalhar para si próprio .....

..... acontece, mas já não pode ser anunciada.

O escriba, com os seus braços parados, está em casa.

\* \* \*

Está destruído ..... seu ..... naquele tempo.

Um homem vê o irmão como inimigo;  
o homem fraco traz a calma em vez da cólera.

.....  
..... a porta do medo, não .....  
.....

os pobres ..... e o dia não nasce por causa disso.

Destruído está ..... a comida deles!

..... medo do seu terror;

o homem comum pergunta ..... um mensageiro.

Este não é .....o momento.

Apoderam-se dele carregado com os seus bens,

..... apropriam-se ..... passa-se à sua porta

..... do lado de fora dos muros da oficina

são as habitações quem têm falcões e abutres;

.....fazer brilhar.

O homem comum está vigilante? O dia nascerá sobre ele, sem ele ter medo disso.

Eles correm pelas margens,

encharcando a roupa que é uma mortalha dentro de casa;

eles fazem tendas como os estrangeiros.

Destruí o envio de mensagens pelos servidores

fiéis aos seus senhores, sem medo.

Olha, num grupo de cinco que falam há um homem a quem dizem:

«Vai pela estrada que conheces; nós chegámos.»

O Baixo Egipto chora.

No armazém real é «eu acedo e trago» para todos.

O palácio, v. p. s.,

na sua totalidade desconhece os seus rendimentos.

Pertencem-lhe a cevada e o trigo, as aves e os peixes;

pertencem-lhe as roupas brancas de linho e o linho fino, o cobre e o óleo;

pertencem-lhe os tapetes e as esteiras, os lótus e os fardos,

todos os bons produtos que ele produzia.

Se o aprovisionamento foi destruído no palácio, v. p. s.,

sem estar vazio de ... .. este.

Destruí os inimigos da magnífica residência real

com esplêndidos magistrados

..... com ele como .....

Aquele que dirige a cidade passeia sem uma escolta para si.

Destruí os inimigos da magnífica residência real

com esplêndidos .....



Destruí os inimigos desta magnífica residência real  
com numerosas leis.....

.....  
Destruí os inimigos desta magnífica residência real

.....  
Destruí os inimigos desta magnífica residência real  
..... não podemos manter-nos de pé .....

Destruí os inimigos desta magnífica residência real,  
de numerosos escritórios.

Na verdade .....

\* \* \*

Lembrem-se de irrigar .....

alguém que sofre do seu corpo

o respeito de ..... relativamente ao seu deus,

protege a (sua) boca .....

cujas crianças testemunham grandes espancamentos.

Lembrem-se de enriquecer o celeiro, sair perfumando com incenso,

de oferecer água num jarro logo ao amanhecer.

Lembrem-se (de trazer) gansos cinzentos gordos, gansos de cabeça branca

[e gansos do Nilo

(para) fazer boas oferendas aos deuses.

Lembrem-se do natrão mastigado, da preparação dos pães brancos

por um homem no dia da purificação da cabeça.

Lembrem-se de erguer mastros de bandeiras e de esculpir mesas de oferendas,

enquanto o sacerdote purifica os santuários,

o templo é emplastrado (de branco) como leite,

perfuma-se o horizonte e perpetuam-se as oferendas de pão.

Lembrem-se da observância das regras, da ordem correcta das datas (dos rituais),

de impedir que alguém entre para o serviço do sacerdócio com o corpo impuro:

fazer isto será errado e destrói o coração .....

o primeiro dia da eternidade, os meses foram contados e os anos conhecidos.

Lembrem-se de sacrificar bois .....

..... do melhor das vossas planícies.

Lembrem-se de ir purificar o homem que vos invocou,  
de pôr gansos cinzentos no fogo .....  
..... mensagem, jarro ..... de suprimir ...  
das margens dos canais de irrigação .....  
.....  
..... das mulheres.  
.....roupa  
.....

\* \* \*

.....  
fazer adorações .....  
..... para vos agradar.  
.....para sortilégio da humanidade.  
Faz vir ..... de Ré, ordenar .....  
..... respeitá-lo na viagem para o Ocidente para .....  
ser pouco ..... ao lado dos deuses.  
Olhem, porque procura ele dar forma à humanidade  
sem distinguir o homem tímido do homem violento?  
Se ele for despejar água fria sobre as chamas,  
dizem: «Ele é o pastor de todos;  
o mal não existe no seu coração.»  
O seu rebanho é pequeno, mas ele passa o dia ocupado com ele  
e há fogo nos seus corações.  
Ah! Se ele tivesse percebido as suas qualidades na primeira geração!  
Então ele poderia ter batido estacas, estendido o seu braço contra ele  
e destruído o seu sémen e a sua hereditariedade.  
(Mas como) o seu nascimento foi desejado a tristeza aparece  
e a miséria está por todo o lado.  
Assim foi! E não acabará (enquanto) os deuses não estiverem entre eles.  
A semente virá das mulheres da espécie humana;  
não será encontrada num caminho!  
Por causa disso os combates aparecerão  
e aquele que pune o mal é (agora) o seu criador.

Não há piloto nas suas horas!  
Onde está ele hoje?  
Estará neste momento a dormir?  
Olhem, o seu poder não se vê!  
Mas se nós estivéssemos tristes eu não te encontraria  
e ninguém me teria chamado em vão para ser agressivo contra eles!  
O coração está destruído!  
Agora o assunto está na boca de toda a gente  
e hoje o medo deles é maior do que de milhões de humanos.  
Não se vê ..... para os inimigos;  
..... tumultos no seu salão de entrada para o templo,  
aqueles que presidem ..... choram.  
.....  
Aquilo ..... que fez o caos; as suas palavras .....  
A terra não caiu .....  
as imagens arderam  
e os seus túmulos foram destruídos.  
Aquele que guarda .....  
Ele vê o dia ..... todos .....  
Ele nunca completou a separação entre o céu e a terra,  
e o medo está em todos os rostos.  
Se ele faz isto quando nos alcança, quem nos protegerá contra isto  
se tu nos repudiares e fores embora?  
Hu, Sia e Maat estão contigo,  
(mas) foi o caos que tu espalhaste através da terra  
juntamente com o barulho do tumulto.  
Olhem, um homem agride outro homem;  
eles transgridem o que tu ordenaste.  
Se três homens caminharem por uma estrada,  
só dois homens poderão ser encontrados:  
a maioria mata a minoria.  
Deverá um pastor amar a morte?  
Sendo assim, poderás ordenar que se faça isso.  
Isto é, na verdade, a substituição do amor: um odeia o outro.

São poucas as suas formas por todo o lado!  
Enquanto tu agias (assim) criaste isto! Tu falaste mentira.  
A terra encheu-se de ervas daninhas que destruíram a humanidade.  
Não se pode pensar que isto seja viver!  
Todos estes anos têm sido um estado de guerra:  
pode matar-se um homem debaixo do seu próprio tecto.  
Ele tem que estar atento à porta da sua casa.  
Se ele for forte pode salvar-se. Isto é a sua vida!  
Eles enviam emboscadas (mesmo) contra pessoas comuns!  
Ele irá pelos caminhos até ter a inundaçãõ à vista!  
Eles submergem o caminho e ele fica em perigo.  
O que ele carrega é roubado, ele é espancado à paulada  
e morto injustamente.  
Se tu pudesses provar um pouco desta miséria!  
Então tu poderias dizer .....

.....  
..... entre  
outro numa muralha de .....

.....  
..... quente para a humanidade ..... anos  
..... fazer um discurso .....

.....  
.....

\* \* \*

De qualquer modo é tão bom (quando) os barcos sobem o rio,  
.....  
..... os rouba.  
De qualquer modo, é tão bom (quando) .....

.....  
De qualquer modo é tão bom (quando) puxamos a rede  
e prendemos os pássaros ao anoitecer.  
De qualquer modo é tão bom (quando) ..... a dignidade está nelas.  
As estradas foram feitas para andar.

De qualquer modo é tão bom (quando) as mãos dos homens  
constroem pirâmides,  
cavam canais e fazem plantações de sicómoros para os deuses.  
De qualquer modo é tão bom (quando) as pessoas se embriagam;  
quando elas bebem as suas bebidas os seus corações ficam felizes!  
De qualquer modo é tão bom (quando) a alegria está na boca (dos homens)  
e os notáveis dos distritos se mantêm de pé  
e contemplam a alegria das suas casas,  
vestidos de linho fino, a frente purificada  
e solidamente estabelecidos no interior.  
De qualquer modo é tão bom (quando) as camas estão preparadas  
e os apoios de cabeça dos senhores estão firmes na sua robustez;  
(quando) a necessidade de cada homem é satisfeita com um leito de madeira  
[à sombra

e uma porta se fecha sobre aquele que dorme nos arbustos.

De qualquer modo é tão bom (quando) o linho fino é aberto  
no dia de Ano Novo;

..... sobre as margens,

o linho fino é aberto e as roupas de linho (estendidas) no chão.

Os responsáveis pelas roupas .....

.....

..... as árvores, os homens comuns .....

.....

.....

.....

.....

.....

\* \* \*

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....acções de pilhagem

.....

.....dando a volta a isso como os Asiáticos

.....

..... dele (?), relativamente aos seu comportamento

eles chegaram ao fim por eles próprios.

Ninguém encontrará quem esteja destinado a levantar-se e a proteger isto dos Líbios e dos Asiáticos.

Cada homem combate pela sua irmã e pela sua própria protecção.

São os Núbios? Possamos nós fazer a vossa protecção

com numerosos guerreiros para repelir os estrangeiros!

Será por causa dos Líbios? Possamos nós fazê-los recuar!

Os Medjaiu estão satisfeitos com o Egipto.

Como pode, então, qualquer homem matar o seu irmão?

As tropas que nós próprios comandámos tornaram-se archeiros prontos a destruir(-nos)!

Isto deu origem a que déssemos conhecimento aos Asiáticos do estado do país!

Agora, todos os estrangeiros estão com medo dele!

A experiência do povo permite dizer:

«O Egipto não pode desaparecer!

Ele é forte por causa dos seus limites».

..... para vos dizer alguns anos mais tarde .....

Por causa da sua própria destruição

é o momento de preservar as suas casas para viver;

..... aí para alimentar as suas crianças.

Existe .....transformar-vos .....

Então as tropas disseram .....

.....

.....

.....

.....

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

.....eles fizeram .....

.....  
resina, folhas de lótus, grãos *arit* .....

.....  
pela abundância de provisões .....

\* \* \*

Foi o que disse Ipu-uer

quando respondeu à majestade do senhor de tudo:

«..... toda a criação.

De facto, ignorar isso é agradar ao coração.

Tu fizeste o que agradava aos seus corações

e mantiveste vivas as pessoas com eles,

mas elas (continuam) a esconder as suas faces

com medo do futuro!»

Era uma vez um homem idoso que estava quase a morrer

e o seu filho era muito novo e não tinha a sua sabedoria.

Ele começou a desabitua-lo da comida ..... forte ração de mulher (?).

Ele não podia abrir a boca para falar convosco:

vós conduziste-o à morte.

Chorar .....caminhar.....





## 6. DIÁLOGO DE UM DESESPERADO COM O SEU *BA*

Este texto representa a introspecção de um homem que se debate entre as opções de continuar a viver ou morrer, assumindo o homem a defesa da morte e o *ba* a defesa da vida. É o nascimento do «eu» interior. Não é um texto religioso. O homem, anónimo, está num dualismo – tão típico na cultura egípcia – em que procura uma saída pelo suicídio, sendo confrontado pela sua própria alma, se quisermos, consciência, que o tenta dissuadir de levar avante os seus intentos. Nenhuma destas palavras é inteiramente correta para definir *ba*, um dos complexos princípios espirituais da personalidade humana ou divina que constituíam a totalidade espiritual de cada indivíduo, que, inclusive, compreendia uma componente física ao nível da personalidade e, até, do desejo sexual, através do qual a pessoa se manifestava em vida ou na morte. Por esta razão, manteremos a palavra original na tradução. Mas, uma vez que o homem fala consigo próprio, com o seu eu, embora redutoras, talvez nenhuma delas seja totalmente inusitada, tendo nós particular inclinação para a segunda.

O motivo da sua indecisão é o facto de estar completamente alienado pelo mundo que o rodeia e, principalmente, sem saber como encarar a morte e o que esperar depois dela. A própria morte era entendida pelos Egípcios de forma dualista, com respeito e temor. O seu *ba* discorda e opõe-se defendendo a vida e argumentando, de forma muito pragmática, que a morte é dolorosa. Há claramente uma inversão de papéis. Essa inversão e esse pragmatismo do *ba* surgem em coisas tão simples como o facto de o homem para se referir à morte optar por expressões como o «santificado Ocidente» e o *ba* preferir a palavra, nua e crua, «morte»;

ou o facto de para o homem a morte ser um porto de abrigo e para o *ba* um naufrágio. Os discursos do homem e do *ba* vão-se alternando desde um discurso de *ba* que desconhecemos, mas do qual temos a resposta do homem, até ao discurso final do *ba*, antes do cólofon. Temos três intervenções do homem e quatro do *ba*, sendo que a primeira é incompreensível. Por fim, quando poderíamos prever o triunfo da vida sobre a morte, o *ba* concorda com o homem num discurso onde, pela primeira vez em todo o texto é utilizada a palavra «nós».

## Primeiro discurso do *ba*

... .. vós, para dizer ... ..  
... .. As suas línguas não podem ser parciais!  
Isso pode ser uma retribuição ... desonesta!  
As suas línguas não podem ser parciais!»

## Primeiro discurso do homem

Eu abri a minha boca para responder ao que o meu *ba* dissera:  
«Isto hoje é demais para mim! O meu *ba* discorda de mim!  
Isso agora é um grande exagero! Isso é como que ignorar-me!  
O meu *ba* não deve partir. Deve permanecer firme comigo nisto.  
... .. (?).  
Não ... .. Ele ... ..  
no meu corpo como uma armadilha de corda.  
Isso não acontecerá por seu intermédio  
se ele partir no dia da morte!

Vejam, o meu *ba* está a enganar-me! Eu não devo ouvi-lo.  
Arrasta-me para a morte antes de (eu) lá chegar!  
Lança-(me) ao fogo para que eu me queime!  
... .. seu semelhante ... .. (?).  
Ele tem que estar perto de mim no dia da morte!  
Ele deve ficar deste lado  
como «o que reza» faz, na verdade.  
É ele quem deve ir à frente, uma vez que ele foi a sua própria origem!

O meu *ba* foi ignorante ao minimizar o sofrimento relativamente à vida!  
Deténs-me em relação à morte e eu (ainda) não cheguei lá!  
Faz com que me seja agradável o Ocidente! Isto é difícil?  
A vida é um estado transitório;  
(só) as árvores caem!

Esmaga o mal e acaba com a minha miséria!

Possa Tot, aquele que apazigua os deuses, julgar-me!

Possa Khonsu, aquele que escreve verdade, defender-me!

Possa Ré, aquele que controla a barca sagrada, ouvir o meu discurso!

Possa Isdés, na sala sagrada, defender-me!

Para que o meu sofrimento seja (mais) forte, ele aumentou o peso sobre mim!

Será agradável aos deuses protegerem os segredos do meu corpo!»

### **Segundo discurso do *ba***

Ao que o meu *ba* me disse:

«Tu não és um homem? Na verdade, tu estás vivo.

O que ganhas em ponderar

sobre a vida como um homem rico?»

### **Segundo discurso do homem**

Eu disse: «Eu ainda não morri!

De facto, se te escapares, não te importará!

Todos os criminosos dizem: “Eu vou agarrar-te com firmeza!”

Além disso, quando estiveres morto, o teu nome estará vivo

e aquele será um lugar tranquilo,

atractivo para o coração.

O Ocidente é o cais ... .. viagem à vista!

Se o meu *ba* me ouvir sem maldade,

com o seu coração de acordo com o meu, será bem sucedido.

Eu farei com que alcance o Ocidente como alguém que está na sua pirâmide

e de cujo enterro era esperado um sobrevivente.

Eu farei uma cobertura para o teu cadáver

e tu farás inveja a (qualquer) outro *ba* cansado.  
Eu farei uma cobertura, assim serás aquele que não tem frio,  
e farás inveja a (qualquer) outro *ba* que seja quente.  
Irei beber água nos remoinhos da margem do rio (onde) farei aparecer sombra  
e tu farás inveja a (qualquer) outro *ba* com sede.  
Mas se tu me impedes de morrer desta maneira,  
não irás encontrar um lugar onde descansar no Ocidente!

Sê paciente, meu *ba*, meu irmão,  
até o meu herdeiro chegar,  
aquele que fará oferendas, que permanecerá no túmulo no dia do enterro  
e preparará a cama na necrópole.»

### **Terceiro discurso do *ba***

O meu *ba* abriu a sua boca para responder ao que eu dissera:  
«Se pensares no funeral será doloroso!  
Isso provoca as lágrimas fazendo do homem um miserável!  
Isso é como tirar um homem de sua casa  
e abandoná(-lo) no deserto!  
Não voltarás a erguer-te para ver o sol!

Aqueles que constroem em granito,  
que levantam bons túmulos de excelente construção,  
quando os construtores se tornam deuses,  
as suas mesas de oferendas estão vazias como a morte  
dos que morrem nos bancos de areia sem haver um sobrevivente,  
quando as águas e o sol já se apropriaram do seu fim,  
e os peixes e as margens da água falam com eles!  
Ouve-me! Olha, é bom para as pessoas ouvir!  
Abraça um dia feliz e esquece as preocupações!

Um homem do povo lavra a sua parcela de terra.

Carrega a colheita destinada à sua subsistência num barco e reboca a embarcação.  
O seu dia de festa aproxima-se e ele vê aparecer a escuridão de uma tempestade  
vinda do norte.

Ele aguardou no barco  
até ao pôr-do-sol.  
Então saiu com a mulher e a criança  
e passaram um mau bocado num lago repleto de crocodilos  
durante a noite por causa dos crocodilos.  
Quando finalmente se sentou,  
quebrou o silêncio  
e disse: “Eu não choro aquela mãe,  
para quem não há regresso do Ocidente  
para outra (permanência) na terra!  
Eu preocupo-me com os seus filhos apertados no ovo,  
que viram o rosto de Khenti antes de terem nascido!”

Um homem do povo pergunta pela refeição da noite.  
A mulher diz-lhe:  
“É .....para .....  
..... o jantar.”  
Ele saiu para o exterior  
para vociferar por um momento.  
Quando voltou para casa estava como (qualquer) outro (homem):  
a mulher argumentava e ele não a ouvia.  
Ao queixar-se, destruiu o espírito da família.»

### **Terceiro discurso do homem**

Abri a minha boca para responder ao que o meu *ba* dissera:  
Olha, o meu nome é detestado por tua causa,  
mais do que o cheiro dos abutres  
nos dias de Chemu quando o céu está quente.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,  
    mais do que o cheiro de uma pescaria  
        num dia de pesca em que o céu está quente.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,  
    mais do que o cheiro dos patos,  
        mais do que um abrigo de juncos cheio de aves aquáticas.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,  
    mais do que o cheiro dos pescadores,  
        mais do que as enseadas dos pântanos onde pescam.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,  
    mais do que o cheiro dos crocodilos,  
        mais do que estar sentado na borda de um rio cheio de crocodilos.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,  
    mais do que aquela mulher  
        cujas mentiras são denunciadas ao seu marido.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,  
    mais do que uma criança saudável  
        de quem se diz ser de alguém que lhe tem ódio.

Olha, o meu nome é detestado por tua causa,  
    mais do que o cais de um crocodilo  
        que planeia o ataque contemplando as suas costas.

Com quem posso falar hoje?  
    Com os irmãos é mau  
        e os amigos de hoje não amam.

Com quem posso falar hoje?  
    Os corações são gananciosos,  
        cada homem apropria-se dos bens do seu igual.

[Com quem posso falar hoje?]  
    A piedade pereceu,  
        a violência tomou conta de toda a gente.

Com quem posso falar hoje?  
    Há satisfação em relação ao mal,  
        o bem foi atirado ao chão por todo o lado.

Com quem posso falar hoje?

Aquele que enfurece um homem com a sua má conduta,  
escarnece de toda a gente com o seu mau comportamento.

Com quem posso falar hoje?

Eles pilham,  
cada homem rouba o seu igual.

Com quem posso falar hoje?

O malfeitor é um amigo íntimo,  
o irmão fará com que (qualquer) acontecimento se torne adverso.

Com quem posso falar hoje?

O passado não é lembrado,  
ninguém ajuda aquele que antes o ajudou.

Com quem posso falar hoje?

Com os irmãos é mau,  
os estranhos têm que se alcançar para mostrarem afecto.

Com quem posso falar hoje?

Os rostos estão inexpressivos,  
cada homem está cabisbaixo em relação aos seus irmãos.

Com quem posso falar hoje?

A ganância está nos corações,  
não há nenhum coração humano que seja de confiança.

Com quem posso falar hoje?

Não há homens justos,  
a terra foi abandonada aos malfeitores.

Com quem posso falar hoje?

Se falta um amigo íntimo  
regressa-se como um desconhecido para se lamentar.

Com quem posso falar hoje?

Não há ninguém que esteja satisfeito,  
aquele com quem se caminhava não existe mais.

Com quem posso falar hoje?

Estou sobrecarregado pela miséria,  
por falta de um amigo íntimo.

Com quem posso falar hoje?



Vagabundeio errático pela terra  
e não há fim para isso.

A morte está ao meu lado hoje  
[como] a cura para um homem doente,  
como sair em liberdade depois de estar detido.

A morte está ao meu lado hoje  
como a fragrância da mirra,  
como estar sentado sob um toldo num dia de vento.

A morte está ao meu lado hoje  
como a fragrância do lótus,  
como estar sentado na margem embriagado.

A morte está ao meu lado hoje  
como um caminho muito trilhado,  
como um homem que chega a casa depois de uma expedição.

A morte está ao meu lado hoje  
como o céu límpido,  
como um homem que descobre o que antes ignorava.

A morte está ao meu lado hoje  
como um homem desejoso de ver a sua casa,  
depois de longos anos em cativeiro.

De facto, aquele que está no Além é um deus vivo  
que pune as más acções daquele que as faz.

De facto, aquele que está (no Além) deve manter-se firme na barca sagrada,  
distribuindo aos templos alimentos cuidadosamente aí escolhidos.

De facto, aquele que está (no Além) é um sábio sem oposição  
ao apelar a Ré quando fala.»

#### **Quarto discurso do *ba***

Ao que o meu *ba* me disse:

«Atira as lamentações para trás das costas!

Deixa isso para mim, meu irmão!

Possas tu fazer oferendas no incensário

e maneres-te com vida de acordo com o que disseste!

Ama-me aqui e põe de lado o Ocidente!

Quando for desejável que alcances o Ocidente, então o teu corpo juntar-se-á  
[à terra

e eu pousarei logo após tu morreres.

Então alcançaremos o cais juntos.

### **Cólofon**

E acabou, do princípio ao fim,  
como o que se encontrou na escritura.

## 7. AS PROFECIAS DE NEFERTI

Através do expediente literário antes referido a propósito de Khufu, vamos agora ao encontro do fundador da IV dinastia, Seneferu, que procura combater o tédio escutando Neferti, um sacerdote de Heliópolis seguidor de Bastet, de quem os seus mais próximos colaboradores lhe confidenciaram ser capaz de o distrair com a sua oratória. Ao encontrar-se na presença do rei, Neferti pergunta-lhe se pretende que ele lhe fale do passado ou do futuro e o soberano escolhe o futuro. De facto, acabamos por constatar que este «futuro» é «passado», não encontrando aqui o conceito de profecia tal e qual ela se desenvolveu entre os Hebreus.

O autor, através da personagem, fala de acontecimentos que em relação ao momento do relato estão no futuro, mas que em relação ao momento do registo literário pertencem ao passado e, portanto, são do conhecimento do «artesão» literário. O final atribulado do Império Antigo, o Primeiro Período Intermediário, época de anarquia, revolução social e invasão estrangeira é mais uma vez exposto, porventura com a finalidade de o contrapor ao esforço unificador e pacificador de Amenemhat I. Até porque, por momentos, futuro e presente parecem misturar-se e o narrador parece participar na acção. Depois, os acontecimentos sucedem-se numa exposição clara e elucidativa. Os Asiáticos invadem o Delta, os Beduínos saqueiam o país de lés-a-lés. Esvaziado das suas riquezas o Egipto verá todos os bens necessários ao bem-estar desaparecerem e enfrentará uma crise manufactureira porque ninguém trabalhará. Os ricos tornam-se pobres e os pobres tornam-se ricos. Há quem use a violência com qualquer pessoa e não hesite em matar o

próprio pai, sem que isso perturbe ou surpreenda, com cada um a viver apenas para si mesmo. Os próprios elementos da natureza virar-se-ão contra os Egípcios: o Nilo secará e os barcos já não poderão deslocar-se, os ventos do norte e do sul confrontar-se-ão e o próprio sol morrerá, uma predição que do ponto de vista religioso é apocalíptica. Contudo, estas calamidades parecem extremamente localizadas, sendo reservadas apenas à parte oriental do Delta, mais particularmente a Heliópolis, a Bubástis e parte este do Egípto.

Segundo o sacerdote, esta situação só teria fim quando aparecesse um rei que conseguisse pôr cobro a tudo isto e restaurar e defender o país. Por isso não acaba o seu relato sem profetizar o nascimento desse homem. Esse nascimento acontecerá no Sul, onde o salvador assumirá a coroa real e partirá para libertar o país da anarquia e, sobretudo, dos invasores, contra quem construirá os Inebu-heka (*inbw-hk3*), os «Muros do Rei», para impedir o regresso dos Asiáticos e que Sinuhe atravessará (R 42). Amenemhat I, vizir de Mentuhotep IV, último soberano da XI dinastia tebana, será esse rei, que fundará uma nova capital a cerca de 32 km de Mênfis, Iti-tai, o «Soberano das Duas Terras», ainda por localizar.

## O rei manda chamar Neferti

Isto aconteceu (quando) o rei do Alto e do Baixo Egito Seneferu, justo de voz, era um excelente rei em toda a terra.

Num desses dias,

os magistrados da corte entraram no palácio, v. p. s., para saudar o rei e saíram depois de terem feito as saudações, como era o seu hábito diário.

Sua majestade, v. p. s., disse ao tesoureiro que estava ao seu lado:

«Vai, traz-me os magistrados da corte que vieram ao palácio e saíram daqui depois das saudações de hoje.»

Eles foram conduzidos até ao rei imediatamente, e deitaram-se sobre o ventre

na presença de sua majestade, v. p. s., outra vez.

Sua majestade, v. p. s., disse-lhes:

«Companheiros, vede! Fiz com que vos chamassem para vos fazer procurar para mim um dos vossos filhos que seja sábio, um dos vossos irmãos que seja excelente, um dos vossos amigos que tenha realizado um nobre feito, que me possa dizer algumas belas palavras, frases escolhidas

com as quais a minha majestade se possa alegrar ao escutá-las.»

Eles continuavam deitados sobre o seu ventre

na presença de sua majestade, v. p. s., outra vez.

Então, diante de sua majestade, v. p. s. disseram:

«Há um sacerdote leitor chefe de Bastet,

soberano, nosso senhor,

cujo nome é Neferti.

É um indivíduo de braço forte,

um escriba com excelentes dedos.

É um homem rico que tem mais bens do que qualquer dos seus iguais.

Que ele seja trazido para sua majestade ver!»

Sua majestade, v. p. s., disse:

«Ide! Tragam-mo!»

E ele foi conduzido até ele imediatamente.

## **O pedido do rei**

Deitou-se sobre o seu ventre  
diante de sua majestade, v. p. s.,  
e sua majestade, v. p. s., disse:  
«Vem, peço-te Neferti, meu amigo!  
Diz-me algumas belas palavras,  
frases escolhidas,  
para entreter a minha majestade ao escutá-las.»

O sacerdote leitor Neferti disse:

«Acerca do que aconteceu  
ou acerca do que acontecerá,  
soberano, v. p. s., meu senhor?»

Sua majestade, v. p. s., disse:

«Do que acontecerá.

Na verdade o hoje já aconteceu, passa sobre ele.»

Então estendeu a mão para uma caixa de material de escrita,  
retirou um rolo de papiro para si e uma paleta,  
e preparou-se para escrever  
o que o sacerdote leitor Neferti ia dizer,  
(como) sábio do Este  
que pertence a Bastet logo que ela se ergue,  
(como) nativo da província de Heliópolis.

## **Ruína do país perante a indiferença geral**

Preocupando-se com o que iria acontecer no país  
e evocando a condição do Este,  
quando os Asiáticos avançassem com as suas espadas curvas,

e aterrorizassem os corações daqueles que estivessem a fazer as colheitas,  
e se apropriassem dos animais de tiro com que estiverem a lavar,  
disse: «Desperta coração  
e chora por este país onde começaste!  
O silêncio é inebriante!  
Olha! Há qualquer coisa que é preciso dizer acerca disto, com respeito.  
Olha então! O grande está lançado por terra  
no país onde começaste.

Não te aborreças! Olha, os factos estão diante de ti!  
Possas tu levantar-te contra o que está diante de ti!  
Olha então, os grandes estão satisfeitos com o (estado do) país!  
O que foi feito nunca antes tinha sido feito!  
Ré (deverá) começar a recriar!  
O país será totalmente arruinado e nada cresce e prospera!  
Nem mesmo o negro das unhas a que se tinha direito!

Este país está destruído. Ninguém se preocupe com ele.  
Ninguém fala. Ninguém se lamenta.  
O que acontecerá a este país?  
O disco solar está encoberto  
e não brilhará para que os homens o possam ver.  
Não viveremos se as nuvens o esconderem  
e se isso acontecer todas as pessoas ficarão paralisadas por causa da sua  
[ausência.

Eu falarei do que estiver diante do meu rosto  
e não profetizarei o que não ocorreu ainda.

Sim, (com) o rio do Egipto seco  
pode-se atravessar a água a pé.  
Nós vamos procurar água  
para os barcos poderem navegar,  
(porque) o seu curso secou:  
onde era a margem há água  
e onde havia água está seco.

O vento do sul opor-se-á ao vento do norte:  
não existirá mais céu de um único vento.

### **Os estrangeiros no Egípto**

Pássaros estranhos nidificarão  
nas terras pantanosas do Delta,  
fazendo os seus ninhos próximo dos humanos,  
porque os homens permitirão a sua aproximação devido (à sua) debilidade.

Verdadeiramente será destruído aquilo que é bom,  
os viveiros de peixe  
onde se encontravam prontos a estripar,  
brilhando no meio dos (outros) peixes e dos pássaros.  
Todos os lugares de felicidade desaparecerão,  
derrubados pelo país em desgraça;  
por causa daqueles alimentos  
os Asiáticos prevalecerão sobre a terra.  
Os inimigos aparecerão do Este.  
Os Asiáticos descerão ao Egípto.  
Falta-nos uma fortaleza: o inimigo está perto  
e não será ouvido pela guarda.  
A progressão será feita de noite,  
a fortaleza será invadida  
e a sonolência dos meus olhos será repelida  
enquanto permaneço deitado a dizer: “Eu estou acordado!”

Os animais selvagens virão beber aos rios do Egípto;  
eles refrescar-se-ão nas suas margens  
na ausência de alguém que os faça fugir.  
Esta terra será conquistada e ocupada  
sem se saber o quando emergirá o que vai acontecer,  
oculto de acordo com o que se costuma dizer:  
“Quando ver e ouvir falham, o mudo domina”.



## **Divisões civis e familiares**

Eu mostro-te uma terra trespassada pelo sofrimento:  
o que nunca tinha acontecido, aconteceu.  
As armas de guerra serão empunhadas  
e o país viverá em desordem.

Serão fabricadas flechas em cobre  
e mendigado pão ensanguentado;  
riremos com um riso de dor,  
ninguém chorará por causa da morte,  
ninguém passará a noite em jejum por causa da morte.  
Cada homem só pensará em si próprio.  
Não serão feitas cerimónias fúnebres neste dia:  
o pensamento afastar-se-á delas totalmente.  
Um homem ficará sentado no seu canto,  
enquanto nas suas costas um homem mata outro.  
Eu mostro-te um filho como inimigo,  
um irmão como adversário,  
um homem que mata o seu próprio pai.

## **Desordem total**

Cada boca estará cheia de: “Eu quero!”  
Tudo aquilo que é bom desaparecerá.  
Será a ruína do país. As leis serão feitas contra ele.  
Haverá destruição por causa do que foi feito  
e desolação por causa do que encontrámos.  
O que foi feito nunca antes tinha sido feito:  
os bens de um homem foram-lhe tirados e dados ao que é estrangeiro.  
Eu mostro-te o proprietário a lamentar-se  
e o estrangeiro satisfeito.  
Aquele que nunca fez nada acumula para si;

aquele que trabalhava está sem nada.  
Dão-se as coisas com relutância  
(apenas) para calar a boca daquele que fala.  
A um discurso responde-se agitando um bastão no ar  
e fala-se em matar quem discursa!

As palavras expressas são para o coração como fogo!

Ninguém tolera aquilo que é dito.  
O país está na penúria mas são numerosos os seus administradores.  
Ele está destruído mas são elevados os seus impostos!  
A quantidade de grão é pequena mas a medida é grande  
e mede-se em excesso!  
O próprio Ré separar-se-á da espécie humana!  
Ele erguer-se-á quando for a hora,  
mas ninguém saberá que o meio-dia chegou,  
ninguém distinguirá a sua sombra,  
nenhum rosto se iluminará ao vê(-lo).  
Os olhos não derramarão lágrimas  
enquanto ele estiver no céu como a lua.  
Não será desviado do seu percurso habitual,  
mas os seus raios no rosto  
são um acontecimento do passado.

Eu mostro-te uma terra em sofrimento:

o que era fraco é agora um senhor poderoso;  
aquele que devíamos saudar recebe saudações.  
Eu mostro-te o pior daquilo que predomina:  
aquele que vinha no fim agora dirige uma geração.  
Vivemos na necrópole.  
O pobre tornar-se-á rico  
e o poderoso [recolher-se-á] para sobreviver.  
Os pobres comem o pão  
e os dependentes exultam.  
Deixará de existir a província de Heliópolis na terra,  
lugar de nascimento de cada deus.

## **Anúncio da vinda de um rei salvador**

Um rei virá do Sul,  
Ameni, justo de voz, é o seu nome.  
Será filho de uma mulher da Núbia,  
e nascerá no Alto Egípto.  
Ele receberá a coroa branca,  
ele erguerá a coroa vermelha,  
ele unirá as duas coroas,  
ele satisfará os dois senhores, Hórus e Set,  
com o que eles desejarem,  
com “aquele-que-anda-à-volta-no-campo” em punho e o “remo” em movimento.  
Os homens do seu tempo ficarão contentes.  
O filho de um homem gerará o seu nome  
para todo o sempre.  
Aqueles que percorrerem o caminho do mal e planearem rebelar-se,  
acabarão por se calar por temor a ele.  
Os Asiáticos cairão chacinados por ele;  
os Líbios tombarão por causa da sua chama;  
os rebeldes tomarão o seu conselho  
e as pessoas descontentes respeitá-lo-ão.  
A *iaret* que está na sua cabeça  
é para pacificar as pessoas descontentes.

Construir-se-ão os Muros do Rei, v. p. s.,  
não permitindo que os Asiáticos desçam ao Egípto.  
Eles pedirão água do modo habitual  
para darem de beber ao seu gado.  
Maat regressará ao seu lugar  
e o mal será atirado fora.  
Alegre-se aquele que vir isto  
e aquele que estiver ao serviço do rei.  
Um ritualista far-me-á uma libação  
quando vir acontecer o que eu disse.»

## **Cólofon**

E acabou em paz pelo escriba ...

## 8. AS LAMENTAÇÕES DE KHAKHEPERRÉSENEB

Estamos perante uma introspecção: Khakheperréseneb, sacerdote de Heliópolis, fala consigo próprio, com o seu coração, ou melhor, com a sua consciência. Não sem antes demonstrar satisfação pela qualidade e ineditismo do seu discurso, saudosos de tempos passados, interroga o seu coração e pede-lhe para que seja corajoso face ao mundo que os rodeia. Lembrando a tradição, não deixa de reconhecer que vive num tempo onde o passado não se repete, marcando com clareza a ruptura entre o presente e o passado, e opondo-se à ideologia dominante da perenidade da elite dominante e dos seus monumentos. Aliás, como conclui, a tradição não fornece conceitos apropriados para explicar nem o presente nem o futuro, uma questão que entre nós contraria do mesmo modo todos aqueles que ainda pensam que o Egipto faraónico foi constituído por mais de 3000 anos estáticos.

Este texto é a subversão da ideia monolítica de permanente retorno à «primeira vez», percepcionando-se uma rutura com a ordem tradicional em nome de um novo conceito de história, que manifesta expressamente nas linhas 2 e 3 do *verso*: «aquele que dava ordens é um dos que recebe ordens». Esta inversão de situações não é exclusiva. Pelo contrário, ela está presente em parte dos textos do Império Médio, como já vimos em o *Conto do Camponês Eloquente* (B 145), em o *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba* (114-115), em *As Admoestações de Ipu-uer* (7, 11-12) e em *As Profecias de Neferti* (55).

Graças à resistência do seu coração, isto é, à sua força de vontade, passou por uma série de provações, partilhando com ele, seu único e

verdadeiro amigo, sem restrições, o sofrimento. Daí o epíteto de «Aquele que vive», por ter sobrevivido a tanto mal-estar. Como o próprio Khakheperréseneb diz na sexta linha do *recto*, foi espectador de tempos difíceis e, com base nessa experiência, descreve uma sociedade que ao trocar *maat* por *isefet* entrou num estado catastrófico. Não é uma perspectiva pessoal mas colectiva, conforme nos apercebemos pelas várias referências a todo o país. Depois de descrever esse caos e de aliviar a sua consciência pondo para cima do seu coração a necessidade de denunciar a situação, o texto acaba abruptamente, desconhecendo-se qualquer tipo de resposta do coração, como por exemplo em *Diálogo de um Desesperado com o seu Ba*, ficando a ideia de que apenas tivemos contacto com parte de um texto mais completo. Contudo, é um texto que pretende apresentar-se simplesmente como um trabalho literário e, aparentemente, sem qualquer intenção política, como foi o caso, por exemplo, do *Conto do Camponês Eloquente*, mas onde foi, ainda que ficcionada, criada uma audiência que permite supor ter sido um texto destinado a audiências reais com fins doutrinários. Em todo o caso, há a descrição de uma terra em desordem e de tempos conturbados, que fazem lembrar o Primeiro Período Intermediário, com a particularidade de serem a visão de alguém que hoje poderíamos apelidar de «revolucionário».

Conforme se pode confirmar na Bibliografia inserida no final do volume, ao contrário da maioria dos restantes textos, a principal fonte de *As Lamentações de Khakheperréseneb* não é um papiro mas a *Tabuinha B.M. 5645*.

Colecção de palavras, conjunto de conhecimentos.  
resultado da investigação numa forma habilidosa de discurso,  
realizada pelo sacerdote de Iunu,  
o filho de Seni, Khakheperréseneb chamado Ankhu,  
ele diz: «Possa eu ter palavras desconhecidas,  
frases estranhas  
com palavras novas que nunca tenham sido pronunciadas,  
sem quaisquer repetições,  
um discurso nunca transmitido de viva voz  
proferido pelos antepassados.  
Eu faço sair do meu corpo o que está nele,  
em ruptura com todo o (homem) que tenha falado,  
porque o que foi dito pode ser repetido.  
E o que foi dito foi (bem) dito!  
Não há nenhum exagero nas palavras dos antepassados  
e o que está nelas é apreciado pelos seus sucessores.

Aquele que está a falar não deve falar para falar aquele que deverá falar  
a fim de que um outro possa encontrar de que falar.  
Não um contador de histórias depois delas acontecerem,  
porque isso já foi há muito tempo.  
Não um contador do que deverá ser dito,  
(isso) é procurar o sofrimento,  
é mentir,  
(e assim) ninguém lembrará o seu nome a outros.  
Eu disse isto de acordo com o que vi,  
desde a primeira geração até às que virão depois.  
Elas devem imitar o passado.  
Se só eu souber o que outros ignoram,  
o que é silenciado não é repetido.  
Então eu digo-o e o meu coração responder-me-á.  
Eu elucidá-lo-ei em relação ao meu sofrimento,  
a fim de transferir para ele a pesada carga que trago às costas,  
Falarei da minha dor,

expressar-lhe-ei o meu sofrimento na sua dependência  
e direi «ah!» com entusiasmo.

Segundo mês de Chemu, dia 28.

Sou eu quem pensa no que aconteceu,  
nas coisas que ocorreram em toda a parte da terra.  
Aconteceram transformações.  
As semelhanças com o ano anterior já não existem.  
Cada ano é mais opressivo do que o anterior.  
A turbulência da terra aumenta a (sua) destruição,  
ela transforma-se num [deserto?].  
*Maat* foi lançada fora;  
*isefet* está no interior da sala do conselho.  
Os planos dos deuses são transgredidos;  
as suas ordens são negligenciadas.  
A terra está na miséria,  
há lamentos por todo o lado.  
As cidades e as províncias estão desoladas,  
toda a gente está submetida de igual modo ao mal.  
Viramos as costas ao respeito,  
os senhores do silêncio estão perturbados.  
Em cada madrugada o sol levanta-se,  
o rosto contrai-se por causa do que aconteceu  
e eu falo contra eles.  
Oprimem os meus braços  
e eu aflijo-me no coração.  
É penoso guardar silêncio a este respeito.  
Um outro coração ficaria prostrado,  
mas o bravo coração que está num lugar de sofrimento  
é irmão do seu senhor.  
Possa eu ter um coração que saiba sofrer!  
Então eu farei dele um lugar de repouso.  
Ele está carregado de lamentações



e eu afastá-lo-ei do meu sofrimento».

Ele diz ao seu coração:

«Vem, meu coração, que eu falo-te!

Possas tu responder às minhas palavras,

possas tu explicar-me o que se passa na terra,

(onde) os que brilham são derrubados!

Eu penso no que aconteceu.

A miséria instalou-se no dia de hoje

e pela manhã (ainda) não se foi embora.

Toda a gente está silenciosa quanto a isto.

A terra inteira encontra-se numa grande agitação.

Ninguém está vazio de mal.

Toda a gente faz o mesmo.

Os corações estão tristes.

Aquele que dava ordens agora recebe ordens

e os corações dos dois estão felizes.

Uma pessoa levanta-se sujeita a isto diariamente

e os corações não rejeitam isto.

Os hábitos de ontem são como os de hoje

porque transgrediram, de facto, muito.

O rosto (dos homens permanece) imperturbável.

Não há ninguém que compreenda uma sabedoria,

nem nenhum homem (suficientemente) zangado para falar.

Uma pessoa levanta-se todos os dias para sofrer.

Longa e pesada é a minha doença.

O miserável não tem forças para (se proteger a) si próprio

Ou daquele que é mais poderoso do que ele.

É doloroso (guardar) silêncio em relação ao que se ouve.

É miserável responder a quem é ignorante.

Rejeitar um discurso provoca inimizade.

O coração não aceita a verdade.

Ninguém é tolerante (com) as notícias correntes.

Todo o homem gosta das suas (próprias) palavras.

Cada um fixa-se na (sua) desonestidade.

A rectidão abandonou os discursos.

Eu falo contigo, meu coração, possas tu responder-me!

Um coração agressivo não pode ser silenciado!

Olha, as necessidades do dependente são as mesmas das do senhor!

É muita a carga sobre ti!»

## 9. INSTRUÇÃO DE AMENEMHAT I AO SEU FILHO SENUSERET

Depois de se apresentar como rei morto do Egípto, Amenemhat I declara o seu filho Senuseret senhor universal do Egípto, dando assim lugar ao rei Senuseret I. Igualando-se a ele, dá-lhe conselhos para que a sua governação seja eficaz e tranquila. Aconselha-lhe prudência nos seus relacionamentos para poder dormir com tranquilidade, evitando dar demasiada confiança aos que vivem mais próximo de si. Expondo os seus actos e elogiando o seu próprio desempenho para tornar o Egípto grande e pacífico, relata a forma como foi morto num momento em que Senuseret estava longe. É aqui que esta instrução se cruza com a *História de Sinuhe*, que se inicia exactamente com esta morte e é a causa da fuga de Sinuhe pela Síria-Palestina até ao Retenu Superior. Amenemhat descreve o seu próprio assassinato, implicando mesmo na conspiração contra si os seus mais próximos servidores, provavelmente do harém real, uma vez que Sinuhe era um servidor do harém real onde, aparentemente, tudo se teria passado, podendo ter chegado a envolver a própria família do seu vizir, que se chamava Antefiker<sup>94</sup>.

Depois de afirmar que viajará da melhor maneira possível no Além partindo de uma maravilhosa morada tumular, Amenemhat diz ficar vigilante em relação não só à actuação do filho, mas também em relação à actuação dos que o rodeiam. Acaba legitimando a transição do poder para Senuseret, dando a entender que poderá ter havido mesmo o que

---

<sup>94</sup> R. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 203.

alguns egiptólogos acreditam ter acontecido, uma corregência de cerca de dez anos entre Amenemhat I e o seu filho Senuseret I, incitando-o a terminar o que ele iniciara.

Muitos pensam que poderá ter sido o próprio Senuseret I que encomendou esta instrução a Kheti, como propaganda para o legitimar aos olhos dos súbditos que o contestavam, sendo por isso muito provável que o autor real da obra tenha vivido muito próximo da época, ou tenha mesmo sido contemporâneo destes dois reis. Sabendo-se no próprio texto que o faraó estava morto, o facto de ele surgir a falar com o seu filho tem sido entendido que o enquadramento literário utilizado simula uma aparição em sonho.

## I

### Princípio da instrução

feita pela majestade do rei do Alto e do Baixo Egíto, Sehetepibré,  
o filho de Ré, Amenemhat, justo de voz.

Ele fala revelando a verdade  
ao seu filho, o senhor do universo.

Ele diz aparecendo como um deus:

«Ouve o que eu te vou dizer  
e quando reinares no país,  
quando governares o Egíto,  
poderás agir (como) eu com grande perfeição.

## II

Sê prudente em relação aos dependentes que não se manifestam:  
todos os homens dirigem o seu coração em direcção ao seu medo.

Não te aproximes deles sozinho.

Não confies num irmão. Não reconheças amigos.

Não cries intimidades porque elas não dão garantias.

## III

Tu deves adormecer de consciência tranquila,

porque para um homem não há servidores  
no dia do seu infortúnio.

Eu dei (esmola) ao pobre e existência (social) ao órfão;

eu fiz com que aquele que não tinha uma finalidade existisse.

## IV

Aquele que comeu os meus alimentos fez uma acusação;

aquele a quem estendi os braços serviu-se disso para atemorizar os outros;  
aqueles que em minha casa vestiam o meu linho fino olharam para mim

[como para um vegetal];

aqueles que se ungiam com a minha mirra derramaram água no meu celeiro.

## V

Minhas imagens vivas, meus herdeiros entre os homens,  
façam-me um canto fúnebre que nunca tenha sido ouvido em nenhum lugar.  
A grandeza do combate (ainda) não foi vista.  
Na verdade, quando alguém combate numa arena e esquece o passado,  
a bondade não será vantajosa para aquele que ignora o que devia saber.

## VI

Depois do jantar, (já) a noite tinha chegado,  
eu tive um momento de tranquilidade.  
Estendi-me sobre a minha cama (porque) estava cansado  
e o meu coração começou a cair na sonolência.  
Foi então que brandiram contra mim as armas que me deviam proteger  
e eu reagi como a cobra do deserto.

## VII

Eu despertei para o combate pondo-me alerta  
e constatei que era um ataque da guarnição.  
Se eu tivesse agarrado rapidamente nas armas que tinham na mão,  
eu teria feito recuar os cobardes em pânico.  
Mas ninguém é um homem forte durante a noite, ninguém pode lutar sozinho!  
Não existirá procedimento de sucesso sem um protector.

## VIII

Olha, a traição aconteceu quando tu não estavas ao pé de mim,  
antes da corte saber que eu te fizera florescer,  
e antes de eu estar sentado junto de ti para te ensinar a governar.  
Já que eu desconhecia isto, eu não levei a melhor sobre isto.  
O meu coração negligenciou os servidores.

## **IX**

Alguma vez as mulheres comandaram tropas?  
Alguma vez os desordeiros causaram tumultos no interior do palácio?  
Alguma vez comigo se transgrediu a lei para salvar a terra?  
Alguma vez enganámos os camponeses em relação às suas produções?  
Nenhum mal me aconteceu desde o meu nascimento.  
Nunca tinha acontecido uma coisa semelhante numa acção de bravura.

## **X**

Eu viajei até Elefantina e voltei para os pântanos do Delta.  
Eu detive-me nos confins do país e observei o seu interior.  
Eu alcancei os limites do poder  
através do meu poderoso braço e das minhas manifestações.

## **XI**

Fui eu o criador dos cereais, o amado de Nepri.  
Hapi honra-me em cada entrada (de um vale).  
Comigo ninguém teve fome nem sede enquanto governei.  
Puderam viver descansados com o que eu fiz e falar de mim.  
Tudo o que eu decretei estava no seu lugar.

## **XII**

Eu dominei leões e capturei crocodilos.  
Eu subjuguiei os Núbios e capturei os Medjaiu.  
Eu fiz os Asiáticos andarem de gatas.

## **XIII**

Eu fiz uma casa adornada a ouro,  
com os tectos em lápis-lazúli,  
as paredes de prata e o chão de sicómoro,  
as duas portas de cobre com os ferrolhos de bronze,

feita para sempre, preparada para a eternidade.

Eu sei tudo isto como «senhor do universo».

#### XIV

Na verdade, numerosas calúnias estão nas ruas,  
o sábio diz «É assim!», o ignorante diz «Está bem!»  
porque ele não pode saber se está privado de ti.  
Meu filho Senuseret, v. p. s.,  
as minhas pernas partem mas o meu coração fica contigo  
e os meus olhos observam-te.  
Nascidos numa hora de felicidade,  
ao lado da humanidade eles prestam-te homenagem.

#### XV

Olha! Eu comecei e quero assegurar que tu conclus.  
Foi para ti que eu conduzi o que estava no meu coração.  
Tu tens o encargo de conservar a coroa branca, a divina progenitura!  
O selo está no seu lugar, segundo o que eu comecei para ti.  
Há alegria na barca de Ré.  
Tu ascendes à realeza criada antes de mim,  
(mas) não como eu me fiz alguém excelente!  
Edifica os teus monumentos! Assegura uma renda para o teu poço tumular!  
Luta para saberes o que me aconteceu!  
Porque não há ninguém que eu amasse como tu junto à minha majestade,  
[v. p. s.].

#### Cólofon

Isto é o seu fim, perfeito e em harmonia.  
Isto é para o *ka* dos favoritos, maravilhosamente bons,  
o escriba do tesouro Kagabuat  
e o escriba do tesouro Hori.  
O escriba Ininana, ano 1, primeiro mês de Peret, dia 20.



## 10. INSTRUÇÃO LEALISTA

Um pai, claramente da elite privilegiada, dirige-se aos filhos. As catorze estrofes da instrução dividem-se em duas metades cuja charneira está na nona estrofe. Na primeira parte, um homem de porte aristocrático diz aos filhos quais as vantagens e as desvantagens de se ser fiel, leal, ao faraó, o que determina o nome da própria instrução; na segunda, o objecto da sua atenção são os dependentes, isto é, todos aqueles que lhes são subalternos, e a sua utilidade, ou melhor, a sua indispensabilidade.

É uma temática de submissão ao senhor do Egipto, ao faraó todo-poderoso. É evidente que este título, tal como todos os outros, não é uma herança do passado, não surge no próprio texto, pelo contrário, é-lhe atribuído modernamente pelos actuais tradutores. Embora seja uma composição literária do Império Médio escrita em médio egípcio, só chegou até nós graças a várias cópias manuscritas do Império Novo.

Contudo, uma das mais importantes fontes deste texto não é um papiro mas uma estela, a *Estela de Sehetepibré*. Das catorze estâncias que o compõem, as seis primeiras surgem em escrita hieroglífica nessa estela encontrada no templo de Osíris em Abido, actualmente no Museu Egípcio do Cairo. Foi mandada gravar por um homem chamado Sehetepibré, um substituto do chefe do tesouro no tempo da Amenemhat III, sexto e antepenúltimo rei da XII dinastia. Em contrapartida, as frases finais da estância catorze aparecem numa outra estela igualmente originária de Abido, mas actualmente em Berlim (*Berlim 7311*), da responsabilidade de um homem chamado Rehuankh, um «íntimo do rei» nos reinados de

Neferhotep I e Sebekhotep IV, respectivamente antepenúltimo e penúltimo rei da XIII dinastia, já no Segundo Período Intermediário e cerca de cem anos depois de Amenemhat III.

Tal como em outros textos, também neste se desconhece o autor, mas existem duas indicações indirectas de que possa ter sido escrito, ou mandado escrever, pelo vizir Mentuhotep, um alto funcionário de Senuseret I, segundo rei da XII dinastia. Uma delas é o facto de algumas partes do texto e o próprio desenho da estela de Sehetepibré aparecerem na grande estela do referido vizir Mentuhotep (Museu Egípcio, *Cairo CG 20539*); a outra reside nos títulos preservados em alguns dos manuscritos antes do nome desaparecido corresponderem aos de um alto funcionário do início da XII dinastia, perfeitamente possível de coincidir com o Mentuhotep a que nos temos vindo a referir: vizir e tesoureiro, respectivamente, primeiro e segundo cargos da administração egípcia. Por tudo isto é de crer que o arquétipo desta obra tenha tido origem no tempo dos primeiros reis da XII dinastia. Em abono desta ideia, os temas centrais da primeira parte desta instrução, a glorificação do rei e a propaganda da lealdade ao soberano, são característicos da literatura do princípio da XII dinastia como forma de reforçar a autoridade do monarca, perdida durante o Primeiro Período Intermediário. Integra-se também nesse espírito a temática da segunda parte, o modo de tratar os dependentes, pois os conselhos dados à nobreza nesse sentido reflectem um período de pouca abundância e instabilidade da mão-de-obra, em virtude das guerras e fomes que se seguiram ao final do Império Antigo.

## I

Princípio da instrução

feita pelo membro da elite e governador,

pai divino, amado do deus,

superior dos segredos da casa real, v. p. s.,

chefe do país inteiro,

sacerdote *sem*, administrador do *chendjit*.

... ..

Ele [diz] como instrução dos seus filhos:

«Eu vou dizer (uma coisa) importante e fazer com que vós (a) escuteis.

Eu vou fazer com que vós tenhais um (bom) comportamento para sempre,

um método de vida com sucesso

(para) ter uma vida em paz.

## II

Adorai o rei Nimaatré,

que ele viva eternamente no interior do vosso corpo!

Confraternizai com sua majestade no vosso coração!

Propagai o seu terror diariamente!

Suscitai para ele louvores em relação a cada momento!

É Sia que está nos corações:

os seus olhos exploram cada ser!

É Ré, vivemos sob a sua governação:

aquele que está sob a sua sombra terá grandes posses!

É Ré, graças aos raios de quem vemos:

ele ilumina as Duas Terras mais do que o disco solar!

## III

O seu ardor queima mais do que a chama do fogo.

No seu momento ele é mais ardente do que o (próprio) fogo.

Ele faz florescer mais do que a inundaçào.

Ele encheu as Duas Terras de força e de vida.  
Os narizes gelam quando ele se encoleriza  
(mas) quando ele está calmo até se respira o ar.  
Ele dá alimentos a quem o segue  
e assegura uma renda a quem o segue.  
Aqueles a quem ele favorece estão destinados à abundância,  
aqueles que forem seus inimigos não terão (nada).  
O ..... do rei está destinado a ser venerado,  
..... os seus inimigos.

#### IV

É o seu poder que combate por ele.  
O (seu) terror ... faz com que ... respeito por ele.  
Olhar por cima .....  
..... encontra-se acima do amanhecer da sua perfeição.  
Ele revela a forma .....  
..... seu coração.  
É a vida para quem lhe presta adoração.  
Os seus inimigos são submetidos .....  
Os cadáveres .....

#### V

O rei é um *ka*, a sua palavra é o alimento.  
Aquele que ele cria existirá.  
Ele é o herdeiro de cada deus,  
o protector da sua criação.  
Eles reprimem os seus inimigos por ele.  
Agora, sua majestade, v. p. s.,  
está no seu palácio, v. p. s.  
Ele é Atum porque une pescoços:  
a sua protecção está por detrás daquele que permite o seu poder.  
Ele é Khnum para todos os corpos,  
o criador que cria a humanidade.

Ele é Bastet que protege as Duas Terras:  
aquele que o adorar terá a protecção do seu braço.  
É Sekhmet contra quem transgride as suas ordens:  
aquele a quem ele tiver aversão está destinado à miséria.

## VI

Combatei em seu nome.  
Mostrai respeito pela sua vida.  
Evitai (qualquer) momento de maldade:  
um partidário do rei terá estatuto de venerável.  
(Mas) não haverá um túmulo para quem se revoltar contra sua majestade:  
o seu cadáver será lançado à água.  
Não vos oponhais às recompensas que ele der.  
Aclamai a deusa do Baixo Egípto e adorai a coroa branca.  
Prestai homenagem àquele que usa a coroa dupla.  
Se fizerdes isto será bom para vós.  
Constatá-lo-eis na eternidade:  
aquele que está na terra sem problemas,  
atravessa a vida em paz!

## VII

Entrai na terra que o rei dá!  
Repousai num lugar de eternidade.  
Uni-vos à caverna daquele que está aí eternamente,  
(com) a casa dos vossos filhos cheia de amor por vós  
e os vossos herdeiros estabelecidos nos vossos lugares.  
Imitai o meu exemplo! Não negligencieis as minhas palavras!  
Executai com eficiência as instruções que eu fiz.

## VIII

Então, podereis transmitti-(las) aos vossos filhos.  
A palavra ensina desde o tempo do deus.

Eu sou um dignitário que merece ser ouvido,  
de cujos conhecimentos o seu senhor se inteirou.  
Não ultrapassem os limites do meu exemplo!  
Não sejam diferentes do meu modelo!  
Evitem momentos de inércia.  
Um filho que escuta não terá (qualquer) maldade.  
Não terão todos os nossos planos sucesso com ele?

## IX

Vós ireis elogiá-las [as instruções] daqui a uns anos,  
(pois) a sua solidez permitirá chegar a bom porto.  
Outra forma de desenvolver os vossos corações  
– de facto com benefício para os vossos servidores –  
é ocuparem-se dos homens, reunir os vossos dependentes,  
e (assim) manterem os servidores (prontos) para actuarem.  
São os homens que produzem o que existe!  
Vive-se do que há nos seus braços!  
De facto, se faltar isso a pobreza prevalecerá!

## X

São as profissões que produzem os alimentos.  
Aquele que tem a sua casa vazia com as fundações em risco,  
o ruído delas restabelece (a segurança) das paredes?  
É senhor de muita gente, aquele que dorme até amanhecer,  
(mas) não há sono para o homem solitário.  
Não se pode mandar um leão em missão!  
Nenhuma manada se deixa aprisionar por um muro!  
O seu grito é como o de quem tem sede junto de um poço!  
... .. como os pássaros *raimiu!*

## XI

Deseja-se a inundação e ela aparece,  
nenhum campo cultivado se cria por si próprio!

Os touros que são do boieiro (?) são grandes:  
é aquele que os encerra que conduz os touros.  
É ... .. que faz acostar ... ..  
... .. gado miúdo em tão grande quantidade que não tem fim.  
As profissões ... .. do deus.  
Quanto àquele que está abastecido em relação a isso, está vigilante!  
Não oprimas de impostos o lavrador:  
(mostra) afecto por ele e encontrará-lo-ás no ano seguinte.  
Se ele está vivo tens os seus braços,  
se tu o oprimires então ele planeará ser vagabundo.

## XII

Fixa os impostos de acordo com a cevada do Alto Egipto,  
... .. no coração do deus!  
As riquezas daquele que pratica o mal não se conservam;  
os seus filhos não encontrarão a prosperidade.  
Aquele que causa aflição provoca o fim da sua (própria) vida;  
ele não terá filhos que lhe sejam devotados.  
Os dependentes não o respeitarão;  
não haverá herdeiros para o impulsivo.  
O respeito é grande por aquele que é senhor daquilo que é seu;  
vociferar é um mal do coração.

## XIII

O malvado destrói o chão da sua casa;  
uma cidade é fundada pelo homem que é amado.  
A paciência é o monumento de um homem;  
o silêncio é eficaz para ... ..  
... .. que prevê contrariedades;  
aquele que tem uma autoridade poderosa regressa.  
Ao misericordioso a vaca produz para ele;  
o mau pastor tem o seu rebanho reduzido.

## XIV

Combatei pelos homens de todas as maneiras.

Eles são um rebanho útil ao seu senhor.

Vivemos graças a eles.

Eles (também) são bastante úteis para a vida póstuma.

Vejam ... ..

Vigiai os vossos sacerdotes funerários.

Se o filho for negligente a estabilidade será assegurada pelo sacerdote puro!

É agradável aquele a quem chamamos herdeiro!

Instala o dignitário defunto e invoca o seu nome.

... .. glorificado e traz as oferendas de alimentos,

porque é (mais) útil para quem faz do que para aquele para quem é feito:

é o defunto que protege aquele que fica sobre a terra.

## Cólofon

... em paz,

pelo escriba do serviço sacerdotal da casa de Amon ... Hori,

escriba filho daquele que pratica uma acção,

escriba do ...



## 11. INSTRUÇÃO DE KHETI

O tema é recorrente no Egito faraônico: a profissão de escriba superioriza-se a todas as outras. Numa viagem para sul, não é claro se através do Nilo ou não, o pai, um homem com o nome de Kheti, filho de Duauf, escriba mas, aparentemente, sem qualquer título de prestígio, leva o filho Pepi de sua casa para a casa real, com a finalidade deste ingressar e frequentar a escola de escribas. Pelo caminho vai-lhe falando de uma série de profissões cuja prática é inferior à de escriba. São 18 profissões, entre as quais, fundidor, barbeiro, oleiro, carpinteiro, jardineiro, agricultor ou pescador. Retratando-as de forma bastante realista, diminui-as com algumas tiradas satíricas em relação à profissão de escriba, que começa por considerar a melhor das profissões logo na introdução. Mas isso é só na primeira parte do texto, uma vez que há uma segunda parte onde dá ao filho uma série de conselhos para ser um bom aluno e um bom profissional. Na conclusão afirma que cada um deve aceitar o que o destino lhe reservou, sob pena de ir contra os deuses e a ordem natural das coisas, isto é, *maat*.

Mas este pai preocupado com a instrução do filho, pode até ter sido um escriba de nomeada, se for o mesmo Kheti cujo baixo-relevo e nome aparecem na célebre lista de escribas gravada na parede de um túmulo da XIX dinastia, em Sakara, na companhia de nomes como Imhotep, Kaires, Khakheperréseneb e Ipu-uer<sup>95</sup>, como já referimos a propósito

---

<sup>95</sup> W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, fig. 6, última página do livro.

deste último. Será o mesmo «Kheti, o primeiro deles (todos)», do poema que imortaliza os escritores, onde se nomeiam oito considerados «sem igual», registado no *Papiro Chester Beatty IV* (c. 1200 a.C.), entre os quais Imhotep, Kaires e Khakheperréseneb, acompanhados de Hordedef, Neferti, Ptahemdjehuti e Ptahhotep<sup>96</sup>? Caso seja o mesmo, é provável que até possa ter sido autor de materiais escolares, como o presente texto, e um pedagogo da sua época. Se assim fosse, também já não seria estranho que levasse o filho para a escola do palácio real, a Casa Grande, *per-aá*, e não para uma das muitas Casas de Vida, *per-ankh*, as escolas que funcionavam nos grandes templos por todo o Egípto.

---

<sup>96</sup> *Papiro Chester Beatty IV* (BM ESA 10684), verso, da coluna 2, linha 5, à coluna 3, linha 11.

## I

### Princípio da instrução

feita por um homem de Tjaret,  
chamado Kheti, filho de Duauf,  
ao seu filho chamado Pepi,  
quando viajavam em direcção ao sul para a residência real,  
para o pôr na escola de escribas,  
com os filhos dos magistrados,  
a elite da residência real.

## II

### Então ele disse-lhe:

«Eu vi muitos espancamentos.  
Dirige o teu interesse para a escrita.  
Eu vi (como se) salvam (pessoas) através do seu trabalho!  
Olha, não há nada melhor do que a escrita!  
É como ser levado pela água!  
Lê até ao fim o livro Kemit  
e aí encontrarás estas palavras:  
“Quanto ao escriba, seja qual for a sua posição na residência real,  
ele nunca será insignificante aí”.

## III

Ele põe a sua sabedoria ao serviço de outro,  
não ficará ele satisfeito?  
Eu nunca vi (outras) funções como esta,  
em que se pode dizer esta frase acerca dela:  
eu vou fazer com que tu ames mais a escrita do que a tua mãe.  
Eu vou fazer com que a sua beleza penetre em ti.  
É maior do que qualquer outra profissão,  
não há outra como ela no país de que se possa falar.  
(O escriba) começa a florescer (ainda) na infância;

ele será felicitado  
e enviado em missão,  
ele não regressará sem se vestir com um saiote.

#### IV

Eu nunca vi um escultor em missão  
ou um ourives ser enviado em missão!  
Mas eu vi o fundidor no seu trabalho,  
na boca da sua fornalha,  
os seus dedos são como os excrementos dos crocodilos,  
o seu fedor é como o dos ovos dos peixes.

#### V

Cada artesão ao usar a enxó  
cansa-se mais do que aqueles que trabalham nas corveias.  
Os seus campos são a madeira,  
a sua ocupação (as ferramentas de) bronze.  
A noite não o furta ao trabalho:  
depois dos seus braços produzirem em excesso,  
à noite ele acende uma candeia.

#### VI

Os joalheiros procuram obter a perfeição  
em todo o tipo de pedra preciosa dura.  
Quando ele acaba (o trabalho) esplêndido,  
os seus braços estão arruinados por causa do cansaço.  
Ele senta-se sobre os alimentos de Ré  
com os joelhos e as costas retorcidos.

#### VII

O barbeiro barbeia mesmo até ao anoitecer.  
Ele está completamente absorvido.

Abrindo caminho com o seu ombro  
ele vai de rua em rua  
à procura de alguém para barbear.  
Ele mantém os seus braços activos para encher a sua barriga,  
como uma abelha que come de acordo com o seu trabalho.

## VIII

Aquele que apanha canas vai para norte para os pântanos do Delta  
para apanhar setas para si.  
Depois dos seus braços produzirem em excesso,  
depois dos mosquitos o terem chacinado  
e das moscas o terem afligido bastante,  
ele fica em pedaços por tudo isso.

## IX

O oleiro está sob a terra  
enquanto permanece em pé entre os vivos.  
Ele destrói mais os prados do que um suíno,  
para cozer aí debaixo os seus moldes.  
As suas roupas estão rijas e pesadas,  
a sua touca é um farrapo  
e (assim) o ar entra no seu nariz  
e desencadeia logo altas temperaturas num ser são.  
Ele faz um pilão dos seus pés,  
amassando ele próprio o barro.  
Ele destrói o pátio de qualquer casa  
e torna irregulares os lugares públicos.

## X

Vou falar-te igualmente do construtor de muros.  
A (sua) experiência é dolorosa.  
Ele está lá fora ao vento  
a trabalhar em tanga.

Uma touca de cordas por tecer  
cai-lhe pelas costas.  
Os seus braços sofrem com a sua eficácia  
ao misturar todas as suas imundices.  
Ele come o pão com os seus dedos,  
mas para se lavar só tem um momento.

## XI

É vil o carpinteiro precisar de todas as suas forças  
para ultrapassar a (instalação da) cobertura de uma sala,  
uma sala de dez cúbitos por seis cúbitos.  
Passa o mês a instalar a cobertura.  
Depois de aplicada madeira (?) com cordas  
todo o trabalho fica feito.  
Quanto à comida que ele leva para casa,  
não há mesmo nada a distribuir pelos seus filhos.

## XII

O jardineiro transporta uma canga  
e os seus ombros serão usados permanentemente até à velhice.  
Há um grande inchaço no seu pescoço  
que cria gordura.  
Ele passa a manhã a regar os legumes  
e à tardinha rega os coentros,  
depois de ter passado o dia  
mal do seu inchaço.  
(Isto) acontecerá até ele morrer,  
mais envelhecido do que em qualquer (outro) ofício.

## XIII

O agricultor está sempre a lamentar-se  
levantando a sua voz mais alto do que a do corvo.  
Os seus dedos estão inchados

de carregar tudo sob os excessos dos ventos.  
Ele está muito cansado quando vai trabalhar para os pântanos  
e viverá (sempre) em farrapos.  
É tão forte como os leões!  
Os hipopótamos ficam aflitos com ele!  
O seu trabalho difícil (sente-o) na sua residência  
ao chegar aí (vindo) dos campos inundados.  
Quando chega a casa à noite  
os seus movimentos tolhem-no com força.

#### XIV

O tecedor de esteiras de junco no interior da sala de tecelagem  
tem uma posição pior do que uma mulher (no parto).  
Com os seus joelhos contra o estômago  
não consegue respirar (nenhum) ar.  
Se ele estiver um dia sem tecer  
é castigado com cinquenta chicotadas.  
Ele tem que dar provisões aos porteiros  
para poder ver a luz do dia.

#### XV

Do fabricante de flechas há que ter pena  
quando sai para o deserto:  
ele dá mais aos seus burros  
do que o trabalho deles lhe dá a ele.  
Ele dá demasiado ao homem do campo  
que lhe aponta o caminho (certo).  
Ele vem daí dos campos inundados  
e quando chega a casa à noite  
os seus movimentos entorpecem-no com força.

## XVI

### O mensageiro vai para o estrangeiro

depois de ter legado aquilo que é útil aos seus filhos,  
temendo os leões e os Asiáticos.

Ele só se conhece a si próprio quando está no Egipto,  
ele chega aí aos prados

e alcança a sua casa à tardinha

quebrado pela caminhada.

(Enquanto) as suas casas forem de pano e de tijolo  
ele não regressará feliz.

## XVII

### Quanto ao fogueiro, os seus dedos estão putrefactos

e cheiram como os cadáveres.

Cada um dos seus olhos está miserável

e não pode libertar-se dessa condição.

Ele passa o dia a cortar canas

e tem as suas roupas horríveis.

## XVIII

### O fabricante de sandálias é completamente miserável,

eternamente submerso nos seus utensílios.

A sua prosperidade é a prosperidade dos cadáveres,  
mas o que ele morde é apenas a sua pele.

## XIX

### O lavador lava na margem do rio

e está ao alcance dos crocodilos.

“Pai, sai da água vivo!”

dizem o filho e a filha!

Não é uma profissão que te satisfaça;

é uma profissão distinta de todas as outras!



A porcaria mistura-se na sua comida;  
nenhuma parte dele está limpa.  
Dão-lhe (até) uma tanga de mulher  
que estava com a menstruação;  
ele chora sendo toda a vida um indigente  
e carregando com isso.  
Dizem-lhe: “Eis a roupa suja, vem aqui!  
(Pega-lhe) pela borda e mergulha-a tu próprio.”

## XX

O passarinho aflige-se muito  
para encontrar um lugar para caçar.  
Se um bando de pássaros passa no céu sobre ele,  
diz: “Se eu tivesse uma rede!”  
Como o deus não permite que isso aconteça,  
ele aflige-se com os seus próprios planos.

## XXI

Do mesmo modo, vou falar-te acerca do pescador.  
Ele aflige-se mais do que em qualquer outra profissão.  
Ele não tem trabalho a não ser no rio,  
misturado com os crocodilos.  
(Mesmo) quando é inteiramente recompensado,  
ele lamenta-se.  
Ele nunca diz: “Eis um crocodilo à espera”.  
O medo cegou-o.  
Quando sai da água em boas condições  
ele diz que foi o poder do deus.  
Olha, não há nenhuma profissão livre de patrões  
excepto a de escriba: ele é o (seu próprio) patrão.

## XXII

Mas se tu sabes escrever

isso será melhor para ti

do que as profissões de que te falei.

Olha! Um subordinado é sempre um subordinado!

Ninguém pode dizer que um agricultor é um homem (livre);

não é um guardião para ti.

Olha, isto foi feito viajando para sul em direcção à residência real!

Olha, isto foi feito por amor a ti!

É benéfico para ti um dia na escola:

é para a eternidade, o seu trabalho é uma montanha.

Apressa-te! Apressa-te! Eu quero que aprendas.

Eu quero que desejes pôr em movimento uma rebelião.

## XXIII

Eu vou dizer-te igualmente outras palavras

para te instruíres no conhecimento.

(Tais) como: se te detiveres num lugar onde alguém luta

não te aproximes ... .. da agitação com um tijolo.

Se alguém pegar num tijolo precipitadamente,

ninguém sabe como opor-se ao calor (do momento).

Testemunhar junto dos juízes

(permite) ponderar uma resposta favorável.

## XXIV

Se caminhares atrás de altos dignitários

não te aproximes muito, como quem sabe o que lhe convém.

Se tu entrares e o senhor da casa estiver em casa,

com os seus braços estendidos para outro que chegou antes de ti,

tu sentar-te-ás com a mão na boca.

Não peças nada na sua presença,

mas interage com ele quando fores interpelado.

Evita fixar a mesa.

## XXV

Sê ponderado e muito respeitador.

Não fales de assuntos secretos.

Aquele que dissimula os sentimentos é um autêntico escudo.

Não digas palavras irreflectidas

quando estás sentado com alguém que é irritável.

## XXVI

Se tu saíres da escola

depois do meio-dia,

para andar para baixo e para cima na rua,

prepara-te para as consequências disso.

## XXVII

Se um alto dignitário te mandar em missão,

ó! fala como ele falaria!

Não omitas nem acrescentes nada quanto a isso!

Aquele que deita abaixo desvia-se;

ele não tem um nome que dure.

Aquele que mostrar fidelidade com todo o seu bom exemplo,

nada lhe será escondido

e não será feita distinção em relação a cada situação.

## XXVIII

Não digas mentiras contra a mãe dele.

O alto dignitário não gosta disso!

Mesmo que depois aconteça algo nesse sentido,

os seus braços serão naturais e o seu coração misericordioso.  
Não se acrescenta isso com um desafio!  
É vil para o ventre se tu lhe obedeceres!  
Se ficares satisfeito com três pães  
ingeridos com dois jarros de cerveja,  
não haverá obstáculos para o ventre poder lutar por isso.  
Se um outro se sacia não permaneças.  
Evita fixar a mesa.

## **XXIX**

Olha! Tu enviarás multidões  
e ouvirás os discursos dos altos dignitários.  
Então, tu adquirirás a maneira de ser dos filhos dos homens,  
ao seguires os seus passos.  
Um escriba é respeitado segundo a forma como ouve;  
aquele que escuta transforma-se num valor forte para o coração.  
Tu não deves falar por falar.  
Apressa-te quando te puseres em marcha,  
sem deixares de pensar.  
Associa-te a alguém mais importante do que tu:  
os amigos de um homem são o seu exército.

## **XXX**

Olha! Renenet pôs-te no caminho do deus.  
A Renenet do escriba está sobre o seu ombro  
no dia do seu nascimento.  
Ele chegará à sala de audiências  
e o tribunal enviar-lhe-á gente.  
Olha, nenhum escriba terá falta de comida  
ou de bens do palácio real, v.p.s.!  
Meskhenet fará florescer o escriba  
e pô-lo-á à frente do tribunal.

Agradece ao teu pai e à tua mãe  
que te deram vida!  
Olha, isto que eu fiz para ti  
é também para as gerações futuras!

### **Cólofon**

Isto é o seu fim, perfeito e em harmonia.

(Página deixada propositadamente em branco)

## 12. HINOS A SENUSERET III

Inicialmente temos a titulação oficial do rei Senuseret III completa, seguida da afirmação: «ele tomou posse das Duas Terras em triunfo». O primeiro hino apresenta o rei como protector do Egipto; o segundo mostra as razões pelas quais o rei causa alegria ao seu povo; o terceiro apresenta o rei como amparo do Egipto; o quarto mostra a chegada do rei junto do seu povo; e os quinto e sexto desejam vida eterna ao rei.

Embora mantenhamos a nomenclatura tradicional de seis hinos, levantamos a questão de os dois últimos hinos poderem ser entendidos não como hinos, mas como uma conclusão ou agradecimento, uma vez que são diferentes em tamanho, arrumação e inexistência de anáfora. São dez linhas muito incompletas: além de faltar a primeira linha toda, falta metade de cada uma das restantes linhas, sendo os hinos separados exatamente ao meio. As primeiras cinco linhas dirigem-se aos ofertantes e as últimas cinco aparentam um elogio final a Senuseret III. Nenhum deles apresenta a estrutura dos anteriores hinos, sobretudo os hinos dois, três e quatro, encabeçados por uma anáfora antes da primeira frase e com o dobro do número de linhas. Na primeira página, o primeiro hino é composto por onze colunas em que a primeira apresenta a titulação do rei, portanto, contemplando também dez «linhas verticais».

Sabe-se muito pouco sobre a apresentação dos hinos, mas sabemos que podiam ser entoados por cantores profissionais e por um coro, geralmente acompanhados de harpa ou, então, simplesmente recitados por

sacerdotes. Assim podiam ser relacionados com o culto mas não eram considerados textos sagrados. Na décima linha da segunda página surge um refrão que julgamos que não seria para ser repetido após cada verso do segundo hino<sup>97</sup>, mas sim no final dos hinos dois, três e quatro, os que têm anáfora. Não faz muito sentido que uma operação que deva começar nove linhas antes, só seja instruída no final do local do início da execução! Ou então seria apenas uma indicação para uma resposta em coro, ou para uma entoação direccionada para determinado sítio por parte do oficiante, o que se afasta do nosso entendimento da ideia de refrão que aqui está expressamente referido.

---

<sup>97</sup> M. PATANÉ, «La structure de l'hymne a Sésostris», em *BSEG* 8, pp. 61-65.



Hórus: Divino de formas; as Duas Senhoras: Divino de nascimento;  
Hórus de Ouro: Que vem à existência; rei do Alto e do Baixo Egito, Khakauré;  
o filho de Ré, Senuseret, ele tomou posse das Duas Terras em triunfo.

### **Primeiro hino**

Saudações a ti Khakauré,  
nosso Hórus, divino de formas!  
Que protege o país e alarga as fronteiras,  
que submete os países estrangeiros com a sua coroa dupla.  
Que mantém unidas as Duas Terras com as suas mãos,  
que ... .. os países estrangeiros com os seus braços.  
Que mata os estrangeiros sem um golpe de clava,  
que lança a flecha sem puxar a corda do arco.  
Que reprime com o seu terror as tribos na sua própria terra,  
o seu temor destrói os Nove Arcos.  
Que provoca com o seu massacre a morte a milhares de inimigos,  
que ... .. para invadir a sua fronteira.  
Que lança a flecha como Sekhmet  
e faz cair milhares quando ignoram o seu poder.  
A língua de sua majestade reprime a Núbia,  
os seus discursos fazem fugir os Asiáticos.  
Único e vigoroso que mantém a salvo as suas fronteiras,  
que nunca permite que os seus servos se cansem.  
Que deixa a elite dormir até amanhecer,  
com as suas tropas a vigiar o sono deles,  
o seu coração protege-os.  
As suas ordens estabeleceram as suas fronteiras,  
as suas palavras uniram as Duas Margens.

## Segundo hino

Como se alegram os deuses,  
por teres feito florescer as suas oferendas!  
Como se alegram os teus herdeiros,  
por teres marcado as suas fronteiras!  
Como se alegram os teus antepassados,  
por teres aumentado a sua parte!  
Como se alegram os Egípcios com o teu poderoso braço,  
por teres protegido as suas tradições!  
Como se alegra a elite com a tua governação,  
a tua força conduziu-os à sua riqueza!  
Como se alegram as Duas Margens com a tua terribilidade,  
tu aumentaste os seus bens!  
Como se alegram as tropas que recrutaste,  
por lhes teres permitido o sucesso!  
Como se alegram os teus veneráveis,  
por lhes teres permitido o rejuvenescimento!  
Como se alegram as Duas Terras com o teu poder,  
por teres protegido as suas muralhas!

Refrão: Hórus que aumentaste a sua fronteira, possas tu repetir eternamente!

## Terceiro hino

Como é grande o senhor para a sua cidade:  
ele é Ré, todos os outros homens são pequenos!  
Como é grande o senhor para a sua cidade:  
de facto ele é um canal que retém a inundação!  
Como é grande o senhor para a sua cidade:  
de facto ele é um lugar fresco que permite a todo o homem dormir até  
[amanhecer!]

Como é grande o senhor para a sua cidade:

de facto ele é uma muralha de bronze do Sinai!

Como é grande o senhor para a sua cidade:

de facto ele é um abrigo e não se pode evitar a sua ajuda!

Como é grande o senhor para a sua cidade:

de facto ele é uma segurança que salva o tímido das mãos do seu inimigo!

Como é grande o senhor para a sua cidade:

de facto ele é a sombra em Akhet e o fresco em Chemu!

Como é grande o senhor para a sua cidade:

de facto ele é um recanto quente e seco na estação de Peret!

Como é grande o senhor para a sua cidade:

de facto ele é a montanha que impede a tempestade na época das  
[tormentas!

Como é grande o senhor para a sua cidade:

de facto ele é Sekhmet contra os inimigos que pisam a sua fronteira!

#### **Quarto hino**

Ele veio até nós tomar posse do Alto Egipto,

a coroa dupla uniu-se na sua cabeça.

Ele veio e unificou as Duas Terras,

ele associou o junco e a abelha.

Ele veio e governou a Terra Negra,

ele pôs a Terra Vermelha sob seu controlo.

Ele veio e protegeu as Duas Terras,

ele pacificou as Duas Margens.

Ele veio e deu vida à Terra Negra,

ele eliminou as suas necessidades.

Ele veio e fez viver a elite,

ele fez respirar o povo.

Ele veio e esmagou os países estrangeiros,

ele derrotou as tribos que ignoraram o seu temor.

Ele veio e combateu na sua fronteira,

ele salvou-a de ser roubada.

Ele veio e os seus braços ... .. a honra,  
que trouxe até nós o seu poder.  
Ele veio e ... .. as nossas crianças  
e podemos enterrar os nossos anciãos no ... ..

### **Quinto hino**

Amai Khakauré, que vive perpetuamente na eternidade ...  
Ele ordena que dêem os vossos alimentos e ajuda ... ..  
É o nosso guardião que sabe como fazer respirar e equipa ... ..  
Retribuí-lhe com vida e autoridade por milhões de anos ... ..

### **Sexto hino**

Glorificação de Khakauré, que vive perpetuamente na eternidade ... ..  
Levanta o braço o capitão da barca sagrada ... ..  
Ornamentada com electro para ... ..  
... as Duas Margens para ... ..  
... o caminho ... ..

## **BIBLIOGRAFIA**

(Página deixada propositadamente em branco)

## FONTES

### Khufu e os Magos

*Papiro Berlim 3033 (Papiro Westcar).*

BLACKMAN, A. M., *The Story of King Kheops and the Magicians. Transcribed from Papyrus Westcar (Berlin Papyrus 3033)*, Whistoble: J. V. Books (obra póstuma publicada por W. V. Davies), 1988.

ERMAN, A., *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I (einleitung und commentar), Berlim: Königliche Museen zu Berlin, Mittheilungen aus den orientalischen Sammlungen, vols. V e VI, 1890.

ERMAN, A., *Die Märchen des Papyrus Westcar*, II (glossar, palaeographische bemerkungen und feststellung des textes), Berlim: Königliche Museen zu Berlin, Mittheilungen aus den orientalischen Sammlungen, vols. V e VI, 1890.

SETHE, K., «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops», em *Ägyptische Lesestücke zum Gebrauch im akademischen Unterricht. Texte des Mittleren Reiches*, Leipzig: Georg Olms, 1924, 26-36.

### História de Sinuhe

*Papiro Berlim 10499 ou Papiro Ramesseum A (R).*

*Papiro Berlim 3022 (B).*

BLACKMAN A. M., «The Story of Sinuhe», em *Middle-Egyptian Stories*, Bruxelas: Bibliotheca Aegyptiaca, II, 1972, 1-41.

GARDINER, A. H., «Die Erzählung des Sinuhe und die Hirtengeschichte», em A. Erman, *Literarische Texte des Mittleren Reiches, Hieratische Papyrus aus den Königlichen Museen zu Berlin*, II, Leipzig: J. C. Hinrichs, 1909. Tradução (pp. 9-15), transcrição em hieróglifos (pl. 1a-16a) e 16 páginas com fotografias dos papiros.

MASPERO, G., *Les Mémoires de Sinoubât*, t. I, Cairo: Bibliothèque d'Étude, 1908.

SETHE, K., «Die Lebensgeschichte des Sinuhe», em *Ägyptische Lesestücke zum Gebrauch im akademischen Unterricht. Texte des Mittleren Reiches*, Leipzig: Georg Olms, 1924, 3-36.

## Conto do Náufrago

*Papiro 1115.*

BLACKMAN A. M., «The Story of the Shipwrecked Sailor», em *Middle-Egyptian Stories*, Bruxelas: Bibliotheca Aegyptiaca, II, 1972, 41-48.

GOLÉNISCHEFF, W., *Les papyrus biératiques, n<sup>os</sup> 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, São Petersburgo: 1913, planches 1-8 en phototypie, avec transcription en hiéroglyphes.

## Conto do Camponês Eloquente

*Papiro Amberst I* – Fragmentos A-E de B1 (A).

*Papiro Amberst II* – Fragmentos F-G de B2 (A).

*Papiro Berlim 3023* (B1).

*Papiro Berlim 3025* (B2).

*Papiro Berlim 10499* ou *Papiro Ramesseum A* (R).

*Papiro BM 10274* ou *Papiro Butler* (recto) (Bt).

PARKINSON, R. B., *The Tale of the Eloquent Peasant*, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1991.

SETHE, K., «Die Geschichte vom beredten Bauern», em *Ägyptische Lesestücke zum Gebrauch im akademischen Unterricht. Texte des Mittleren Reiches*, Leipzig: Georg Olms, 1924, 17-25.

SUYS, E., *Étude sur le conte du fellah plaideur*, Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1933.

VOGELANG, F e GARDINER, A. H., «Die Klagen des Bauern», em A. Erman, *Literarische Texte des Mittleren Reiches, Hieratische Papyrus aus den Königlichen Museen zu Berlin*, I, Leipzig: J. C. Hinrichs, 1908. Tradução (pp. 9-15), transcrição em hieróglifos (pl. 1a-24a) e 24 páginas com fotografias dos papiros.

## As Admoestações de Ipu-uer

*Papiro Leiden 344 recto* (página sete).

GARDINER, A. H., *The admonitions of an Egyptian Sage from a hieratic papyrus in Leiden (Pap. Leiden 344 recto)*, Leipzig: J. C. Hinrich, 1909. Reedição: Hildesheim, Zurique, Nova Iorque: Georg Olms Verlag, 1990.

ENMARCH, R., *The Dialogue of Ipuwer and the Lord of All*, Oxford: Griffith Institute, 2005.



## **Diálogo de um Desesperado com o seu *Ba***

*Papiro Berlim 3024.*

BARTA, W., *Das Gespräch eines Mannes mit seinem Ba (Papyrus Berlin 3024)*, MÄS 18, Berlin: Verlag Bruno Hessling, 1969.

ERMAN, A., *Gespräch eines Lebensmüden mit seiner Seele*, Berlin: APAW, 1896.

FAULKNER, R. O., «The Man who was tire of life», em *JEA*, 42 (1956), 21-40.

GOEDICKE, H., *The Report about the Dispute of a Man with His Ba*, Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1970.

SETHE, K., «Aus dem Bericht des Lebensmüden über den Streit mit seiner Seele», em *Ägyptische Lesestücke zum Gebrauch im akademischen Unterricht. Texte des Mittleren Reiches*, Leipzig: Georg Olms, 1924, 26-36.

## **As Profecias de Neferti**

*Papiro 1116B recto.*

GOLÉNISCHEFF, W. *Les papyrus hiératiques*, n<sup>os</sup> 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Petersbourg, São Petersburgo: 1913, planches 23-25 en phototypie, avec transcription en hiéroglyphes.

HELCK, W. *Die Prophezeiung des Nfrtj*, Wiesbaden: Otto Harrowitz, 1970.

## **As Lamentações de Khakheperréseneb**

*Tabuinha B.M. 5645.*

GARDINER, A. H., *The admonitions of an Egyptian Sage*, Leipzig: J. C. Hinrich, 1909: transcription with translation and commentary.

KADISH, G. E., «British Museum writing board 5645: the complaints of Kha-Kheper-Re-Senebu», em *JEA* 59 (1973), 77-90, pl. XXXII-XXXIII, com reprodução fotográfica da tabuinha.

## **Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret**

*Papiro Millingen.*

*Papiro Sallier I.*

*Papiro Sallier II.*

GRIFFITH, F. Li., «The Millingen Papyrus», em *ZÄS* 34 (1896), 35-51.

- HELCK, W., *Der Text der «Lehre Amenembets I für seinen Sobn»*, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1969.
- LOPEZ, J., «Le Papyrus Millingen», em *RdE* 15 (1963), 29-33 and pls. 4-8.
- MASPERO, G., *Les enseignements d'Amenembat I<sup>er</sup> à son fils Sanouasrit I<sup>er</sup>*, Cairo: Bibliothèque d'Étude, 1914.
- VOLTEN, A., «Zwei altägyptische politische Schriften», *Analecta Aegyptiaca*, 4, Copenhaga: 1945, 104-128.

### **Instrução Lealista**

*Estela de Sebetepibré.*

*Papiro Louvre E 4864.*

*Tabuinha Carnarvon II* (Cairo JE 43261D).

*Papiro Amberst XII + XIII.*

*Papiro UC 32781 (Papiro Rifeb de Posener)*

G. POSENER, *L'Enseignement Loyaliste*, Genève: Librairie Droz, 1976.

### **Instrução de Kheti**

*Papiro Sallier II.*

BRUNNER, H., *Die Lehre des Cheti, Sobnes des Duaf*, Ägyptologische Forschungen, 13, Glückstadt: 1944.

HELCK, W., *Die Lehre des dw3-htjj*, teil I, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970.

– *Die Lehre des dw3-htjj*, teil II, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970.

### **Hinos ao rei Senuseret III**

*Papiro UC 32157* (anterior *Papiro Kabun LVI*).

F. LL. GRIFFITH (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kabun and Gurob (principally of the Middle Kingdom)*, Londres: Bernard Quaritch, 1898.

SETHE, K., «Hymnen auf König Sesostris III», em *Ägyptische Lesestücke zum Gebrauch im akademischen Unterricht. Texte des Mittleren Reiches*, Leipzig: Georg Olms, 1924, 65-67.

## GRAMÁTICAS, DICIONÁRIOS, GLOSSÁRIOS E LÉXICOS HIEROGLÍFICOS

- ALLEN, J. P., *Middle Egyptian. An Introduction to the Language and Culture of Hieroglyphs*, Cambridge: Cambridge University Press, 1ª ed., 2000.
- BETRÒ M. C., *Geroglifici. 580 Segni per Capire l'Antico Egitto*, Milão: Mondadori, 1998.
- ČERNÝ, J. e GROLL, S. I., *A Late Egyptian Grammar*, Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1993.
- COLLIER, M., *Hieroglyphs 2*, Edimburgo: School for Scribes, 1995.
- COLLIER, M. e MANLEY, B., *How to Read Egyptian hieroglyphs*, Londres: British Museum Press, 1999.
- CUNHA C. e LINDLEY CINTRA, L. F., *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.
- DEPUYDT, L. *Catalogue of Coordinates and Satellites of the Middle Egyptian Verb*, Lovaina: Uitgeverij Peeters, 1996.
- FAULKNER, R. O., *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 1996.
- GARDINER, A., *Egyptian Grammar*, Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum, 3ª ed., 1994.
- GOEDICKE, H., *Old Hieratic Paleography*, Baltimore: Halgo, 1988.
- HOUAISS, A. et al., *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Lisboa: Círculo de Leitores, Lisboa, 2002.
- JONES, D., *A Glossary of Ancient Egyptian Nautical Titles and Terms*, Londres, Nova Iorque: Kegan Paul International, 1988.
- LEFEBVRE, G., *Grammaire de l'Égyptien Classique*, Cairo: IFAO, 2ª ed., 1955.
- LOPRIENO, A., *Ancient Egyptian – A Linguistic introduction*, Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MARTÍN VALENTÍN, F. J., *Gramática Egípcia*, Madrid: Alderabán Ediciones, 1999.
- MENU, B., *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner S. A., 1997.
- *Petit Lexique de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner S. A., 1997.
- NEVEU, F., *La Langue des Ramsès. Grammaire du néo-égyptien*, Paris: Éditions Khéops, 1996.
- NUR EL-DIN, A., *The Ancient Egyptian Language*, Alexandria: Bibliotheca Alexandrina, 2007.
- PADRÓ, J., *La Lengua de Sinuhé. Gramática del egipcio clásico*, Barcelona: Crítica, 2007.
- SÁNCHEZ RODRÍGUEZ, A., *Diccionario de Jeroglíficos Egipcios*, Madrid: Alderabán Ediciones, 2000.
- SCHUMANN-ANTELME, R. e ROSSINI, S., *Lecture illustrée des hiéroglyphes. L'écriture sacrée de l'Égypte*, Paris: Éditions du Rocher, 1998.

## BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

### Khufu e os Magos

- BLACKMAN A. M., «Some philological and other notes», em *JEA* 13 (1927), 187-190.
- «Some notes on the Story of Sinuhe and other Egyptian Texts», em *JEA* 22 (1936), 35-44.
- ERMAN, A., *Die Märchen des Papyrus Westcar*, I (einleitung und commentar), Berlin: Königliche Museen zu Berlin, Mittheilungen aus den orientalischen Sammlungen, vols. V e VI, 1890.
- MANNICHE, L., *How Djadja-em-Ankb saved the day*, Nova Iorque: Thomas Y. Crowell Company, 1976.
- MATHIEU, B., «Les contes du Papyrus Westcar. Une interprétation», em *Egypte* 15 (1999), 29-40.
- PIEHL, K., «Quelques passages du Papyrus Westcar», em *Sphinx* 1 (1897), 71-80.
- QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 77-89.
- SETHE, K., «Aus den Wundererzählungen vom Hofe des Königs Cheops», em *Erläuterungen zu den ägyptischen Lesestücken*, Leipzig: 1927, 32-45.
- SCHULER, F., *Conte des Deux Frères suivi de Le Mari Trompé*, Paris: Librairie José Corti – Collection Merveilleux (5), 1999.

### História de Sinuhe

- BAINES, J., «Interpreting Sinuhe», em *JEA* 68 (1982), 31-44
- BARNES, J. W. B., «Sinuhe's Message to the king: a replay to a recent article», em *JEA* 53 (1967), 6-14.
- «Some Readings and Interpretations in sundry Egyptian Texts», em *JEA* 58 (1972), 159-166.
- BÁRTA, M., *Sinuhe, the Bible, and the Patriarchs*, Praga: Set Out - Roman Míšek, 2003.
- BERG, D., «Note on Sinuhe B 5-7», em *GM* 79 (1984), 11-13.
- BLACKMAN, A. M., «Notes on certain passages in various Middle Egyptian Texts», em *JEA* 16 (1930), 63-72.
- «Some notes on the Story of Sinuhe and other Egyptian Texts», em *JEA* 22 (1936), 35-44.
- CLÈRE, J. J., «Sinouhé en Syrie (notes sur B28-30 et B30-31)», em F. Cumont *et al* (ed.), *Mélanges Syriens offerts à René Dussaud par ses amis et élèves*, Paris: 1939, 829-840.
- COLIN, G., «Dans une proximité lointaine” ou “En allant et venant?”», em *RdE* 46 (1995), 203-204.
- DAVIES, W. V., «The meaning of *nyswt* as “javelins” confirmed», em *JEA* 59 (1973), 224.
- «Reading in the Story of Sinuhe and other Egyptian Texts», em *JEA* 61 (1975), 45-53.
- DE BUCK, A. «Some New Interpretations in Sinuhe», em *Studies Presented to F. Ll. Griffith*, Londres: 1932, 57-60.

- «A note on Sinuhe B, 71-72», em *JEA* 25 (1939), 100.
- DERCHAIN, P., «La réception de Sinouhé à la cour de Sésostri I<sup>er</sup>», em *RdE* 22 (1970), 79-83.
- «Sinouhé et Ammounech», em *GM* 87 (1985), 7-13.
- DONADONI, S., «Sinuhe nella corregenza di Sesostri», em *SCO* 15 (1966), 275-277.
- FAULKNER, R. O., «“Liaison” n between -n and wi», em *JEA* 64 (1978), 129.
- FISCHER, H. G., «“Milk in everything cooked” (Sinuhe B91-92)», em *Varia. Egyptian Studies*, I, Nova York: The Metropolitan Museum of Art, 1976, 97-99.
- FISCHER-ELFERT, H.-W., «The Hero of Retjenu – An execration Figure (Sinuhe B 109-113)», em *JEA* 82 (1996), 198-199.
- FOSTER, J. L., «Sinuhe: The Ancient Egyptian Genre of Narrative Verse», em *JNES* 39, n° 2 (1980), 89-117.
- «The *sdm.f* and *sdm.n.f.* forms in the tale of Sinuhe», em *RdE* 33 (1981), 27-52.
- «Cleaning up Sinuhe», em *JSSEA* XII (1982), 81-85.
- GARDINER, A. H., *Notes on the Story of Sinuhe*, Paris: Librairie Honoré Champion, Editeur, 1916.
- GILBERT, P., *La poésie égyptienne*, Bruxelles, Fondation Égyptologique Reine Elisabeth, 1949.
- GILULA, M., «Sinuhe B 255», em *JNES* 35, n° 1 (1976), 25-28.
- GOEDICKE, H., «The Route of Sinuhe’s Flight », em *JEA* 43 (1957), 77-85.
- «Sinuhe’s Replay to the King’s Letter», em *JEA* 51 (1965), 29-47.
- «Sinuhe’s Duel» em *JARCE* 21 (1984), 197-201.
- «The Riddle of Sinuhe’s Flight», em *RdE* 35 (1984), 95-103.
- «Three Passages in the Story of Sinuhe», em *JARCE* 23 (1986), 167-174.
- «Sinuhe’s self-realization (Sinuhe B 113-127)», em *ZÄS* 117 (1990), 129-139.
- «Where did Sinuhe stay in “Asia” (B 29-31)», em *CdE* 67 (1992), 28-40.
- GORDON, C. H., «The Marriage and Death of Sinuhe», em *Love and Death in the Ancient Near East. Essays in Honour of M. H. Pope, H. von J. H. Marks und R. M. Good*; Guilford: Four Quarters Pub. Co., 1987, 43-44.
- GREEN, M., «The Syrian and Lebanese Topographical Data in the Story of Sinuhe», em *CdE* 58 (1983), 38-59.
- «The word *ngʒw* in Sinuhe B13», em *GM* 70 (1984), 27-29.
- GREIG, G. S., «The *sdm.f.* and *sdm.n.f.* in the Story of Sinuhe and the Theory of the Nominal (Emphatic) Verbs», em *Studies in Egyptology. Presented to Miriam Lichtheim*, vol. I, Jerusalem: S. Israelit-Groll, 1990, 264-348.
- JEQUIER, G., «Quelques passages de Sinouhit», em *RT* 39 (1921), 15-19.
- LE GUILLOUX, P., *Les aventures de Sinouhé*, Angers: Cahiers de l’Association angevine d’Égyptologie *Isis*, n° 4, 2002.
- LUINO, P., *La véritable histoire de Sinouhé*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 2001.
- MALAISE, M., «La traduction de Sinuhe B160», em *GM* 10 (1974), 29-34.
- MASPERO, G., «Sinouhit. Protocole du debut», em *RT* 28 (1906), 61.
- «Sinouhit, l. 134-135», em *RT* 28 (1906), 72.
- «Sinouhit, l. 246-247», em *RT* 30 (1908), 64-65.

- MELTZER, E. S., «*sḏm.f.*, *sḏm.n.f.*, and Verbs of Motion in Sinuhe: Some Reflections», em *JARCE* 28 (1991), 133-138.
- MONTET, P., «Sur quelques passages des “Mémoires de Sinouhit”», em *RevEg* 2 (1921), 56-69.
- PATANÉ, M., «Quelques remarques sur Sinuhe», em *BSEG* 13 (1989), 131-133.
- PURDY, S., «Sinuhe and the Question of Literary Types», em *ZÄS* 104 (1977), 112-127.
- QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 58-70.
- RAINEY, A. F., «The World of Sinuhe», em *IOS* 2 (1972), 369-408.
- RODES, M., «Sinhue B 255», em *JNES* 32, n° 4 (1973), 485-486.
- ROSENVASSER, A., «A new duplicate Text of the Story of Sinuhe», em *JEA* 20 (1934), 47-50.
- SIMPSON, W.R., «Sinuhe», em *LÄ* V, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1984, col. 950-955.
- TOBIN, V. A., «The Secret of Sinuhe», em *JARCE* 32 (1995), 161-178.
- VANDERSLEYEN, C., «Sinouhé B 221», em *RdE* 26 (1974), 117-121.
- WEILL, R., «Sinouit et Byblos», em *Sphinx* 11 (1908), 201-205.
- YOYOTTE, J. «A propos du panthéon de Sinouhé (B 205-212)», em *Kemi* 17 (1964), 69-73.
- ZIVIE, A.-P., «Les carriers et la Butte de Yak», em *RdE* 29 (1977), 151-162.

## Conto do Naufrago

- BAINES, J., «Interpreting the Story of the Shipwrecked Sailor», em *JEA* 76 (1990), 55-72.
- BLACKMAN, A. M., «Some notes on the Story of Sinuhe and other Egyptian Texts», em *JEA* 22 (1936), 35-44.
- BRYAN, B., «The Hero of the “Shipwrecked Sailor”», em *Sarapis* 5, n° 1, (1979), 3-13.
- DÉVAUD, E., «Le Conte du Naufragé», em *RT* 38 (1916-17), 188-209.
- DOCHNIAK, C. C. «A Note on Shipwrecked Sailor 135-38», em *GM* 142 (1994), 69-71.
- ERMAN, A., «Die Geschichte des Schiffbrüchigen», em *ZÄS* 43 (1906), 1-26.
- FOSTER, J. L., «The Shipwrecked sailor: prose or verse?», em *SAK* 15 (1988), 69-109.
- GARDINER, A. H., «Notes on the Tale of the Shipwrecked Sailor», em *ZÄS* 45 (1909), 60-66.
- GOEDICKE, H., «The Snake in the Story of the Shipwrecked Sailor», em *GM* 39 (1980), 27-31
- GOLÉNISCHEFF, W., *Le conte du naufragé*, Bibliothèque d'Étude, 2, Cairo: IFAO, 1912.
- IGNATOV, S., «Some notes on the Shipwrecked Sailor», em *JEA* 80 (1994), 195-198.
- KUTH, D., «Zur Interpretation der Geschichte des Schiffbrüchigen», em *SAK* 14 (1987), 167-179.
- LAPIDUS, M., *La quête de l'île merveilleuse (le conte du naufragé)*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1995.
- LE GUILLOUX, P., *Le Conte du Naufragé (Papyrus Ermitage 1115)*, Angers: Cahiers de l'Association angevine d'Égyptologie Isis, n° 1, 1996.
- LOPRIENO, A., «The Sign of Literature in the Shipwrecked Sailor», em *OLA* 39 (1991), 209-217.
- MASPERO, G. «Notes sur le Conte du Naufragé», em *RT* 29 (1907), 106-109.

- QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 71-76.
- RADOMSKA, B., «Die Insel des Schiffbrüchigen – eine Halbinsel?», *GM* 99, Göttingen: Universität Göttingen, 1987, pp. 27-30.
- SIMPSON, W. K., «Schiffbrüchiger», em *LÄ* V, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1984, col. 620-622.
- VANDERSLEYEN, C. «En relisant le Naufragé», em S. Israelit-Groll (ed.), *Studies in Egyptology Presented to Miriam Lichtheim*, II, Jerusalém: Magnes Press, Hebrew University, 1990, 1019-1024.
- VIKENTIEV, V., «The metrical scheme of the “Shipwrecked Sailor”», em *BIFAO* 35 (1934), pp.1-40.
- «A propos des «sourcils» du roi-serpent», em *BFA* 4 (1936), 16.
- *Voyage vers l’Ile Lointaine*, Cairo: Imp. Naggiar, 1941.
- WAINWRIGHT, G.A., «Zeberged: the shipwrecked Sailor’s island», em *JEA* 32 (1946), 31-38.
- WESTENDORF, W., «Die Insel des Schiffbrüchigen – keine Halbinsel», em S. Israelit-Groll (ed.), *Studies in Egyptology Presented to Miriam Lichtheim*, II, Jerusalém: Magnes Press, Hebrew University, 1990, 1056-1064.

## Conto do Camponês Eloquent

- BLACKMAN A. M., «Some philological and other notes», em *JEA* 13 (1927), 187-190.
- «Some notes on the Story of Sinuhe and other Egyptian Texts», em *JEA* 22 (1936), 35-44.
- BERLEV, O., «The Date of the “Eloquent Peasant”», em Festschrift für Gerhard Fecht, Jürgen Osing e Günter Dreyer (eds.), *Form und Mass: Beiträge zur Literatur, Sprache und Kunst des alten Ägypten*, Wiesbaden, *ÄUAT* 12 (1987), 78-83.
- DAKIN, A. N., «Of the untranslatability of Maat and some questions about the *Tale or The Eloquent Peasant*» em C. J. Eyre, (ed.), *Proceedings of the Seventh International Congress of Egyptologists*, Lovaina: Ed. Peeters, 1998, 295-301.
- DERCHAIN, PH., «Éloquence et politique. L’opinion d’Akhtoy», em *RdE* 40 (1988), 37-47.
- DEVAUCHELLE, D., «Le paysan déraciné», em *CdE* 70 (1995), Bruxelas: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 34-40.
- FECHT, G., «Bauerngeschichte», em *LÄ* I, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1975, col. 638-651.
- GARDINER, «The Eloquent Peasant», em *JEA* 9 (1923), 5-25.
- «Notes as the Story of the Eloquent Peasant», em *PSBA* 35 (1913), 264-276.
- «Notes on the Story of the Eloquent Peasant», em *PSBA* 36 (1914), 15-23 e 69-74.
- GILULA, M., «Peasant B141-145», em *JEA* 64 (1978), 129-130.
- GOEDICKE, H., «Sinuhe’s foreigners wife», em *BSEG* 9-10 (1984-1985), 103-107.
- «Comments concerning the “Story of the Eloquent Peasant”», em *ZÄS* 125 (1998), 109-125.
- GOODWIN, C. W., «Lettre à F. Chabas sur un fragment hiératique se rattachant au papyrus de Berlin n° 11» em François Chabas, *Mélanges Égyptologiques*, II<sup>e</sup> série, Chalon-sur-Saône: J. Dejussien Editeur, 1864.
- HELCK, W., «Papyri Amherst», em *LÄ* IV, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1982, col. 673-674.
- «Papyri Ramesseum», em *LÄ* IV, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1982, col. 726-727.

- LE GUILLOUX, P., *Le conte du Paysan Éloquent. Texte hiéroglyphique, translittération et traduction commentée*, Cahiers de l'Association d'Égyptologie Isis, n° 2, Angers, 2002.
- LEPROHON, R. J., «The Wages of the Eloquent Peasant», em *NSSEA* 5, N° 1 (1974), 4-6.
- MÜLLEN, W. N., «The story of the Peasant», em *PSBA* 15 (1893), 343-344.
- NEWBERRY, P., *The Amberst Papyri: Being an Account of the Egyptian Papyri in the Collection of the Right Hon. Lord Amberst of Hackney*, Londres: Bernard Quaritch, 1899.
- PARKINSON, R. B., «The date of the "Tale of the Eloquent Peasant"», em *RdE* 42 (1991), 171-181.
- «Literary form and the Tale of the Eloquent Peasant», em *JEA* 78 (1992), 163-178.
- PERRY, E., *A critical Study of the Eloquent Peasant*. Dissertation: Johns Hopkins University, Ann Arbor: University Microfilms, Baltimore, 1986.
- QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 151-165.
- ROCCATI, A., «Plaidoyer pour le Paysan plaideur», em C. Cannuyer e J.-M. Kruchten, ed., *Individu, Société et Spiritualité dans l'Égypte pharaonique et copte (Mélanges égyptologiques offerts au Professeur Aristide Théodoridès)*, Ath., Bruxelles, Mons: 1993, 253-256.
- SHUPAK, N., «A New Source For The Study of The Judiciary and Law of Ancient Egypt: "The Tale of The Eloquent Peasant"», em *JNES* 51, n° 1 (1992), 1-18.
- SIMPSON, W. K., «Allusions to The Shipwrecked Sailor and The Peasant in a *Ramesside Text*», em *JAOS* 58 (1958), 50-51.
- «The political background of the Eloquent Peasant», em *GM* 120 (1991), pp. 95-99.
- VERNUS, P., «La date du Paysan Eloquent», em *Studies in Egyptology*. Presented to Miriam Lichtheim, Jerusalém: S. Israelit-Groll, 1990, 1033-1047.
- WENTE, E. F., «A Note on "The Eloquent Peasant" B1 13-15», em *JNES* 24 (1965), 105-109.

## As Admoestações de Ipu-uer

- FERMAT, A. e LAPIDUS, M., *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1999, pp. 11-55 e 85-195.
- HELCK, W., *Die «Admonitions» Pap. Leiden 1344 recto*, Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 1995.
- QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 140-150.
- WILSON, J. A., «Egyptian Oracles and Prophecies», em J. B. Pritchard (ed.), *Ancient Near Eastern Texts (ANET)*, Princeton: Princeton University Press, 1950 (XXI).

## Diálogo de um Desesperado com o seu Ba

- GARNOT, J. S. F., «La vie et la mort d'après un texte égyptien de la haute époque», em *RHR* 127 (1944), 18-29.
- MASPERO, G., «Un dialogue philosophique entre un égyptien et son âme», em *Causeries d'Égypte*, Paris, 1907, 125-131.



- MATHIEU, B., «Le dialogue d'un homme avec son âme», em *Egypte* 19 (2000), 17-36.
- PARKINSON, R. B., «Khakheperreseneb and Traditional Belles Lettres», em *Studies in Honor of W. K. Simpson*, vol. II, Boston: Museum of Fine Arts, 1996, 647-654.
- «The missing beginning of the “The Dialogue of a Man and his Ba”: P. Amherst III and the History of the Berlin Library», em *ZĀS* 130 (2003), 120-133.
- QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 130-134.
- RENAUD, O., *Le Dialogue du Désespéré avec son âme. Une interprétation littéraire*, Genève: Cahiers de la Société d'Égyptologie, vol. 1, 1991.
- SUYS, E., «Le dialogue du désespéré avec son âme», em *Orientalia* 1 (1932), 57-74.
- VIKENTIEV, V., *L'Énigme d'un Papyrus*, Cairo: IFAO, 1941.
- WEILL, R., «Le livre du “désespéré”, le sens, l'intention et la composition littéraire de l'ouvrage», em *BIFAO* 45 (1947), 89-154.
- WILLIAMS, R. J., «Reflections on the *Lebensmüde*», em *JEA* 48 (1962), 49-56.

## As Profecias de Neferti

- BARTA, VON W., «Zu einigen Textpassagen der Prophezeiung des Neferti», em *MDAIK* 27,1 (1971), 35-45.
- FERMAT, A. e LAPIDUS, M., *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1999, pp. 65-81 e 212-244.
- FOTI, L., «The history in the prophecies of Noferti: relationships between the Egyptian wisdom and prophecy literature», em *StudAeg* 2 (1976), 3-18.
- GARDINER, A. H., «New literary works from ancient Egypt», em *JEA* 1 (1914), 100-106.
- GOEDICKE, H., *The Protocol of Neferyt: the prophecy of Neferti*, Baltimore, Londres: The Johns Hopkins University Press, 1977.
- POSENER, G., «Papyrus Ermitage 1116 B recto, l. 17», em *RdE* 5 (1946), 255.
- QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 135-139.

## As Lamentações de Khakheperréseneb

- CHAPPAZ, J. L., «Un manifeste littéraire du Moyen Empire: Les lamentations de Kha-khéper-ré-séneb», em *BSEG* 2 (1979), 3-12.
- FERMAT, A. e LAPIDUS, M., *Les Prophéties de l'Égypte Ancienne*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1999, 57-63 e 196-211.
- OCKINGA, B., «The Burden of Khákheperrésonebu», em *JEA* 69 (1983), 88-95.
- PARKINSON, R. B., «Khakheperreseneb and Traditional Belles Lettres», em W. K. Simpson, R. E. Freed e P. der Manuelian (ed.), *Studies in Honor of William Kelly Simpson*, vol.

II, Boston: Boston Department of Ancient Egyptian, Nubian, and Ancient Near Eastern Art Museum of Fine Arts, 1996, 647-654.

QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 173-175.

VERNUS, P., *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, Paris: Librairie Honoré Champion Editeur, 1995, pp. 1-33.

## **Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret**

ANTHES, R., «The Legal Aspect of the Instruction of Amenemhet», em *JNES* 16-3 (1957), 176-191.

DE BUCK, A., «The Instruction of Amenemmes», em *IFAO, Mémoires* 66 (Mélange Maspero I - Orient Ancien), Cairo, 847-852.

FAULKNER, R. O., «Some notes on "The Teaching of Amenemmes I to his Son», em *Griffith Studies*, Londres, 1932, 69-73.

FOSTER, J. L., «The conclusion to the testament of Amenemmes, King of Egypt», em *JAE* 67 (1981), 36-47.

GARDINER, A. H., «The earliest manuscripts of the Instruction of Amenemmes I», em *IFAO, Mémoires* 66 (Mélanges Maspero I - Orient Ancien), 479-496.

GOEDICKE, H., «The Beginning of the Instruction of King Amenemhet», em *JARCE* 7 (1968), 15-21.

— «Amenemmes' vision (Teaching of Amenemhet I, section X)», em *Hathor* 5 (2002), 23-27.

MALININE, M., «Un fragment de l'Enseignement d'Amenemhat Ier [avec 1 planche]», em *BIFAO* 34 (1934), 63-74.

QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 127-129.

THÉRIAULT, C. A., «The Instruction of Amenemhet as Propaganda», em *JARCE* 30 (1993), 151-160.

## **Instrução Lealista**

LOPRIENO, A., «Loyalty to the King, to God, to oneself», em W. K. Simpson, R. E. Freed e P. der Manuelian (ed.), *Studies in Honor of William Kelly Simpson*, vol. II, Boston, Boston Department of Ancient Egyptian, Nubian, and Ancient Near Eastern Art, Museum of Fine Arts, 1996, 533-552.

QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 108-111.

## **Instrução de Kheti**

FISCHER-ELFERT, H. W., «Die Arbeit am Text: altägyptische Literaturwerke aus philologischer Perspektive», em A. Loprieno (ed.), *Ancient Egyptian Literature*, Leiden: E. J. Brill, 1996.

QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 121-126.

ROCCATI, A., «Note letterarie III. Riflessioni sulla Satira dei Mestieri», em *BSFE* 148 (2000), 5-17.

### Hinos ao rei Senuseret III

GOEDICKE, H., «Remarks on the Hymns to Sesostri III», em *JARCE* 7 (1968), 23-26.

PATANÉ, M., «La structure de l'hymne a Sesostri III (1)», em *BSEG* 8 (1983), 61-65.

QUIRKE, S., *Egyptian Literature 1800 BC. Questions and readings*, Londres: Golden House Publications, 2004, pp. 203-205.

### BIBLIOGRAFIA GERAL

Actas do colóquio *Entre Égypte et Grèce*, Paris: Cahiers de la villa «Kérylos», 1995.

ALDRED, C., *The Egyptians*, Londres: Thames and Hudson, 1987.

ALLEN, J. A., *Genesis in Egypt, The Philosophy of Ancient Egyptian Creation Accounts*, New Haven: Yale Egyptological Studies 2, 1988.

ANDREU, G., «Deux stèles de commissaires de police (*jmy-r šnt*) de la Première Période Intermédiaire», em *Mélanges Jacques Jean Clère*, Lille: Cahiers de Recherches de l'Institut de Papyrologie et d'Égyptologie de Lille (13), Université Charles de Gaulle, 1991, 17-23.

ANDREWS, C., *Egyptian Mummies*, Londres: British Museum Press, 1998.

— *The Rosetta Stone*, Londres: British Museum Press, 1998.

ANSELIN, A., «La Maât, images, hiéroglyphes et mots du pouvoir», em *Cahiers Caribéens d'Égyptologie* (2). *La Maât dans tous ses Etats*, Martinique, Editions Tyanaba, Février/Mars, 2001, 53-78.

ANTELME, R. S. e ROSSINI, S., *Dictionnaire illustré des dieux de l'Égypte*, Paris: Editions du Rocher, 2003.

ARAÚJO, L. M., «Motivos erotizantes e porno-concupiscentes no Antigo Egipto», em *Hathor* 2 (1990), 45-71.

— *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egipto*, Lisboa: Edições Colibri, 1995.

— *O Clero do Deus Amon no Antigo Egipto*, Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

— «Da teoria à prática: o exercício do poder real no Egipto faraónico», em *Clio*, vol. 5, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2000, 33-57.

— «A escrita das escritas: Introdução», em L. M. Araújo (coord.), *A Escrita das Escritas*, Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2000, 59-70.

— «As escritas egípcias: eternidade e quotidiano», em L. M. Araújo (coord.), *A Escrita das Escritas*, Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2000, 9-42.

— «O túmulo de Petosiris: expressão da confluência cultural greco-egípcia», em *Presença de Victor Jabouille*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 313-344.

- *Mitos e Lendas do Antigo Egípto*, Lisboa: Centralivros/Livros e Livros, 2005.
- *Arte Egípcia. Coleção Calouste Gulbenkian*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Museu Calouste Gulbenkian, 2006.
- *Os Grandes Faraós do Antigo Egíto*, Lisboa: Editora «A Esfera dos Livros», 2011.
- ARAÚJO, L. M. (dir.), *Dicionário do Antigo Egípto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
- ARISTÓTELES, *Política*, Lisboa: Veja Universidade/Ciências Sociais e Políticas, 1998.
- *Ética a Nicômacos*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- ASSAM, M. H., *Arte Egípcia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Museu Calouste Gulbenkian, 1991.
- ASSMANN, J., *Maât, l'Égypte pharaonique et l'idée de justice sociale*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1999.
- *Mort et au-delà dans l'Égypte ancienne*, Paris: Éditions du Rocher, 2003.
- AUFRÈRE, S. H. (ed.), *Encyclopédie religieuse de l'univers végétal. Croyances phytoreligieuses de l'Égypte ancienne*, Montpellier III: Orientalia Monspeliensia X, Université Paul Valéry, 1999.
- BAGNALL, R. S., *Reading Papyri, Writing Ancient History*, Londres, Nova Iorque: Routledge, 1995.
- BAINES, J., «Königsnamen und -titel», em *LÄ III*, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1980, cols. 540-556.
- «Restricted Knowledge, Hierarchy, and Decorum: Modern Perceptions and Ancient Institutions», em *JARCE XXVII* (1990), 1-23.
- «On Social and Ideological Characteristics of the Egyptian inner elite», Lisboa, fotocópias da comunicação apresentada no *1º Colóquio Internacional de Egíptologia «Os Faraós e a Elite Dirigente»*, 4 a 6 de Abril de 2001, 1-14.
- *Visual and written culture in Ancient Egypt*, Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BAINES, J. e MÁLEK, J., *Egípto, Deuses, Templos e Faraós*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1991.
- BARD, K. (ed.), *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*, Londres, Nova Iorque: Routledge, 1999.
- BARDINET, T., *Les Papyrus Médicaux de l'Égypte Pharaonique*, Mesnil-sur-l'Estrée: Éditions Fayard, 2001.
- *Dents et mâchoires dans les représentations religieuses et la pratique médicale de l'Égypte ancienne*, Roma: Editrice Pontificio Instituto Biblico, 1990.
- BARGUET, P., *Le Livre des Morts des anciens Egyptiens*, Paris: Les Éditions du Cerf, 1967.
- BAUM, N., *Arbres et arbustes de l'Égypte Ancienne*, Lovaina: Uitgeverij Peeters, 1988.
- BEAUX, N., «Le cabinet de curiosités de Thoutmosis III», em *OLA 36* (1990), 301-302.
- BECKERATH, J. von, «Königsnamen», em *LÄ III*, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1980, cols. 540-556.
- BELER, A. G., *A Mitologia Egípcia*, Lisboa: Gama Editora/Centralivros, 2001.
- *Os Faraós*, Lisboa: Gama Editora/Centralivros, 2001.
- BELL, B., «Climate and the History of Egypt: The Middle Kingdom», em *AJA 79* (1975), 223-269.
- BIYOGO, G., *Origine Égyptienne de la philosophie*, Paris: CIREF/ICAD, 2000.
- BLOTTIÈRE, A. e SAPPA, C., *Tableaux des oasis égyptiennes*, Paris: Editions Arthaud, 1999.

- BLUMENTHAL, E., «Die Literarische Verarbeitung der Übergangszeit Zwischen Altem und Mittlerem Reich», em A. Loprieno (ed.), *Ancient Egyptian Literature. History and Forms*, Leiden, Nova Iorque, Colónia: E. J. Brill, 1996, pp. 105-135.
- BOMHARD, A.-S. von, *Le Calendrier Égyptien. Une Œuvre d'Éternité*, Londres: Periplus, 1999.
- BONHÊME, M.-A. e FORGEAU, A., *Pharaon. Les Secrets du Pouvoir*, Paris: Armand Colin Éditeur, 1988.
- BONNARD, A., *A Civilização Grega*, Lisboa: Edições 70, 2007.
- BRAUDEL, F., *Memórias do Mediterrâneo. Pré-História e Antiguidade*, Lisboa: Terramar, 2001.
- BREWER, D. J. e FRIEDMAN, R. F., *Fish and Fishing in Ancient Egypt*, Cairo: The American University in Cairo Press, 1990.
- BRIER, B. e HOBBS H., *Daily Life of the Ancient Egyptians*, Westport (Connecticut), Londres: Greenwood Press, 1999.
- BRUGSCH, K. H., *Thesaurus Inscriptionum Aegyptiacarum. Altägyptische inschriften*, I/II, Graz: Akademische Druck-u. Verlagsanstalt, 1968.
- *Thesaurus Inscriptionum Aegyptiacarum. Altägyptische inschriften*, III/IV, Graz: Akademische Druck-u. Verlagsanstalt, 1968.
- *Thesaurus Inscriptionum Aegyptiacarum. Altägyptische inschriften*, V/VI, Graz: Akademische Druck- u. Verlagsanstalt, 1968.
- BUDGE, E. A. W., *The Gods of Egyptians*, vol. 1, Nova Iorque: Dover Publications, 1969.
- *The Gods of Egyptians*, vol. 2, Nova Iorque: Dover Publications, 1969.
- *O Livro Egípcio dos Mortos*, São Paulo: Editora Pensamento, 1999.
- *Legends of the Egyptian Gods. Hieroglyphic Texts and Translations*, Nova Iorque: Dover Publications, 1994.
- *Egyptian Tales and Legends. Pagan, Christian and Muslim*, Nova Iorque: Dover Publications, 2002.
- BURNET, R., *L'Égypte Ancienne à Travers les papyrus*, Paris: Pygmalion, 2003.
- CAMPAGNO, M., «Aspectos de un proceso de cambio: Estado emergente y religión en el valle del Nilo», em *Cahiers Caribéens d'Égyptologie (2). La Maât dans tous ses Etats*, Martinique: Editions Tyanaba, Février/Mars, 2001, 5-26.
- CANHÃO, T. F., «O meu caminho é bom». *O Conto do Camponês Eloquente. Texto hieroglífico, transliteração, tradução comentada e análise de uma fonte documental*, Lisboa, dissertação de mestrado em História das Civilizações Pré-Clássicas (Área de Egptologia), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003.
- «O Conto do Camponês Eloquente na Literatura do Antigo Egípto», em *Cadmo* 14 (2004), 125-143.
- «Datação e Temática do Conto do Camponês Eloquente», em *Cadmo* 15 (2005), 163-187.
- «O Conto do Camponês Eloquente», em *Cadmo* 16 (2006), 11-54.
- «O calendário egípcio: origem, estrutura e sobrevivências», em *Cultura* 28 (2006), 39-61.
- «Kom Ombo: o antigo domínio de Sobek» em J. A. Ramos, L. M. Araújo e A. R. dos Santos (ed.), *Arte Pré-Clássica*, Lisboa, Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 262-263.
- «Khuenanupu um camponês eloquente», em *Cadmo* 17 (2007), 81-112.
- «O grande intendente Rensi», em *Cadmo* 19 (2009), 25-45.

- «Eroticism and sensuality in *Papyrus Westcar*», em L. M. Araújo e J. C. Sales (eds.), *Actas do Segundo Congresso Internacional para Jovens Egiptólogos*, CD, ISBN 978-989-8068-07-1, Lisboa: Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009, pp. 567-585; ou em F. Caramelo (ed.), *Res Antiquitatis. Journal of Ancient History*, vol II (2011), Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores, pp. 83-101.
- «O rei Nebkauré Kheti», em *Cadmo* 20 (2010), 29-50.
- «A Música no Império Antigo e no Império Médio: evocações literárias e evidências artísticas», em *Cadmo* 21 (2011), 61-78.
- «A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização», em L. M. Araújo e J. C. Sales (eds.), *Novos trabalhos de Egiptologia Ibérica*, I, Lisboa: Instituto Oriental e Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, pp. 185-201.
- *O Conto do Naufrago. Um olhar sobre o Império Médio Egípcio. Análise histórico-filológica/ The Tale of the Shipwrecked Sailor. A Glance over Egypt's Middle Kingdom. A Historical-Philological Analysis*, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2012.
- CARREIRA, J. N., «Sabedoria evangélica no Antigo Egípcio», em *Cadmo* 2 (1992), 61-75.
- *Mito, Mundo e Monoteísmo*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994.
- *Filosofia Antes dos Gregos*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994.
- «Em busca da vida eterna: frustrações asiáticas e soluções egípcias», em *Cadmo* 4/5 (1994-95), 7-27.
- *Cantigas de Amor do Oriente Antigo*, Lisboa: Edições Cosmos, 1999.
- «O Egípcio, a Viagem e o Outro», em *Cadmo* 11 (2001), 15-31.
- «Cantos de Harpista», em *Dicionário do Antigo Egípcio*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 176-177.
- «Contos», em *Dicionário do Antigo Egípcio*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 217-227.
- «Instruções», em *Dicionário do Antigo Egípcio*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 447-448.
- «Lírica», em *Dicionário do Antigo Egípcio*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 499-509.
- «A narrativa na literatura do Antigo Egípcio», em *Cadmo* 14, (2004), 9-30.
- *Literatura do Antigo Egípcio*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 2005.
- CARRIER, C., *Le Livre des Morts de l'Égypte ancienne*, Paris: Cybele, 2009.
- CASTEL RONDA, E., *Egipto. Signos y Símbolos de lo Sagrado*, Madrid: Alderabán Ediciones, 1999.
- *Los Sacerdotes en el Antiguo Egípcio*, Madrid, Alderabán Ediciones, 1998.
- CERVELLÓ AUTUORI, J., «Monarchie pharaonique et royautés divines africaines», em *Cabiers Caribéens d'Égyptologie (2). La Maât dans tous ses Etats*, Martinique: Editions Tyanaba, Février/Mars, 2001, pp. 27-52.
- ČERNÝ, J., *Paper and Books in Ancient Egypt*, Chicago: Ares Publishers, 1985.
- CLAYTON, P. A., *Chronicle of the Pharaohs*, Londres: Thames and Hudson, 1994.
- *Crónicas dos Faraós*, Lisboa: Editorial Verbo, 2004.
- CLÈRE, J. J., «Histoire des XIe et XIIe Dynasties égyptiennes», em *Cabiers d'histoire mondiale 1.II.1* (1953-1954), Paris: Librairie des Méridiens, pp. 643-668.
- CLÈRE, J. J. e VANDIER, J., *Textes de la Première Période Intermédiaire et de la XI<sup>ème</sup> Dynastie*, Bruxelas: Edition de la Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1982.

- CLUTTON-BROCK, J., *História da domesticação dos mamíferos. Dos primórdios à actualidade*, Lisboa: Editora Replicação, 2002.
- CORREIA, C. C., «Metalurgia», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 566-567.
- COULON, L., «La rhétorique et ses fictions: pouvoir et duplicité du discours à travers la littérature égyptienne du Moyen et du Nouvel Empire», em *BIFAO* 99 (1999), 103-132.
- DAUMAS, F., *Les Dieux de l'Égypte*, Paris: Presses Universitaires de France, 1965.
- *La Civilisation de l'Égypte Pharaonique*, Paris: Editions Arthaud, 1987.
- DAVID, R., *The Pyramid Builders of Ancient Egypt. A modern investigation of pharaoh's workforce*, Londres e Nova Iorque: Routledge, 1996.
- DAVIS, W. V., *Egyptian Hieroglyphs*, Londres: British Museum Publications, 1987.
- DAVIES, V. e FRIEDMAN, R., *Egypt*, Londres: British Museum Press, 1998.
- DAWSON, R. W., UPHILL, E. P. e BIERBRIER, M. L. (Third revised edition), *Who Was Who in Egyptology*, Londres: The Egypt Exploration Society, 1995.
- DE BUCK, A., *Egyptian Readingbook*, Chicago (Illinois): Ares Publishers, 1982.
- DEFOSSEZ, M., «Note lexicographique sur le mot *Hwtf*», em *RdE* 38 (1987), 187-190.
- DELIA, R. D., *A study of the reign of Senwosret III*, Londres: Columbia University, 1980.
- DEMICHELIS, S., *Il Calendario delle feste di Montu (Papiro ieratico CGT 54021, verso)*, Turim: Catalogo del Museo Egizio di Torino, serie prima – monumenti e testi, vol X, 2002.
- DEPUYDT, L., *Catalogue of Coordinates and satellites of the Middle Egyptian Verb*, Lovaina: Uitgeverij Peeters, 1996.
- *Civil Calendar and Lunar Calendar in Ancient Egypt*, Lovaina: Peeters Publishers and Department of Oriental Studies, 1997.
- DESROCHES-NOBLECOURT, C., *Amours et Fureurs de la Lointaine. Clés pour la compréhension de symboles égyptiens*, Paris: Éditions Stock/Pernoud, 1997.
- *Le Secret des Temples de la Nubie*, Paris: Éditions Stock/Pernoud, 1999.
- *La Femme au Temps des Pharaons*, Paris: Éditions Stock/Pernoud, 2000.
- *Le Fabuleux Héritage de l'Égypte*, Paris: Éditions Télémaque, 2004.
- DIAS, G. C., «Os “Povos do Mar” e a “Idade obscura” no Médio Oriente Antigo», em *Ca-dmo* 1 (1991), 145-153.
- Dictionnaire de l'Égypte Ancienne*, Paris: Encyclopaedia Universalis et Albin Michel, 1998.
- DODSON, A. e HILSON, D., *The Complete Royal Families of Ancient Egypt*, Londres: Thames e Hudson, 2004.
- DONADONI, S., *Storia della Letteratura Egizianna Antica*, Milão: Edizione Nuova Accademia, 1957.
- *Arte Egizia*, Turim: Giulio Einaudi editore, 1982.
- *La Letteratura Egizia*, Milão: G. S. Sansoni e Edizioni Accademia, 1967.
- *L'Art Égyptien*, Paris: La Pochothèque - Le livre de poche, 1993.
- DONADONI, S. (dir.), *Testi Religiosi Egizi*, Turim: Unione Tipografico - Editrice Torinese, 1987.
- *O Homem Egípcio*, Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- DONADONI S. e BRESCIANI E., *Letteratura e Poesia dell'Antico Egitto*, Torino: Einaudi, 1969.



- DONADONI-ROVERI, A. M., LEOSPO, E. e ROCCATI, A., *Splendori dell'Antico Egitto*, Novara: Istituto Geografico De Agostini, S.p.A., 1997.
- DORET, É., *The narrative verbal system of Old and Middle Egyptian*, Genève: Patrick Gramer Éditeur, 1986.
- DUCROS, M. H., «Étude sur les balances égyptiennes», em *ASAE* 9 (1908), 32-53.  
— «Deuxième étude sur les balances égyptiennes», em *ASAE* 10 (1910), 240-253.
- DUNAND, F. e ZIVIE-COCHE, C., *Dieux et Hommes en Égypte*, Paris: Armand Colin Éditeur, 1991.
- ECO, U., *Os Limites da Interpretação*, Miraflores: Difel, 2004.  
— *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, Miraflores: Difel, 2005.
- ERMAN, A., *Die Literatur der Aegypter*, Leipzig: J. C. Hinrichs, 1923.  
— *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, Nova Iorque: Dover Publications, 1995. Original alemão, de 1923, traduzido para o inglês por A. M. Blackman em 1927.
- ERMAN, A. e RANKE, H., *La Civilisation Égyptienne*, Paris: Editions Payot e Rivages, 1994.
- EYRE, C. J., «Ordre et désordre dans la campagne égyptienne», em *Méditerranées* n° 6/7 (B. Menu, éd. *Égypte pharaonique: pouvoir, société*) (1996), Paris: Éditions L'Harmattan, 179-193.
- FARRINGTON, K., *La Vie dans l'Égypte Antique*, Paris: Les Éditions de l'Orxois, 1998.
- FAULKNER, R. O., «Egyptian Military Organization», em *JEA* 39 (1953), 32-47.  
— *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, Oxford: Oxford University Press, 1998  
— *The Ancient Egyptian Book of the Dead*, Londres: The British Museum Press, 2006.
- FAULKNER, R., GOELET, O. e ANDREWS, C., *The Egyptian Book of The Dead. The Book of Going Forth by Day. The first authentic presentation of the complete Papyrus of Ani. Featuring integrated text and full color images*, Cairo: The American University in Cairo Press, 1998.
- FAVRY, N., *Sésostris Ier et le Début de la XIIe Dynastie*, Paris: Pygmalion, Gérard Watelet, 2009.
- FECHT, G., «The Structural Principle of Ancient Egyptian Elevated language», em J. C. Moor e W. G. E. Watson, *Verse in Ancient Near Eastern Prose*, Neukirchen: Vluyn, 1993, 69-94.
- FISCHER, H. G., «A Scribe of the Army in a Saqqara Mastaba of the Early Fifth Dynasty», em *JNES* 18, n° 4 (1959), 233-272.  
— «The Nubian Mercenaries of Gebelein during the First Intermediate Period», em *Kush* 9 (1961), 44-80.  
— *Egyptian Studies II: the Orientation of Hieroglyphs. Part I. Reversals*, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 1977.  
— *L'Écriture et l'Art de l'Égypte ancienne*, Paris: PUF, 1986.  
— *Ancient Egyptian Calligraphy. A beginner's guide to writing hieroglyphs*, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 1988.  
— «The Origin of Egyptian Hieroglyphs», em *The Origins of Writing*, Lincoln: University or Nebraska Press, 1990, 59-76.  
— *Egyptian Tittles of the Middle Kingdom. A Supplement to Wm. Ward's Index*, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 1997.  
— *Egyptian Women of the Old Kingdom and of the Heracleopolitan period*, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 2000.



- FICHER-ELFERT, H.-W., «Zum bisherigen Textbestand der “Lehre eines Mannes an seinen Sohn” ein Zwischenbilanz», em *OrAnt* 27 (1988), 173-209.
- FIELDS, N., *Soldier of the Pharaoh. Middle Kingdom Egypt 2055-1650 BC*, Oxford: Osprey Publishing, 2007.
- FLETCHER, J., *Le Livre de la Sagesse Égyptienne*, Paris: Éditions Gründ, 2002.
- FORGEAU, A., «A memória do nome e a ordem faraônica», em A. Burguière *et all* (eds.), *História da Família*, 1º volume (Mundos longínquos, mundos antigos), Lisboa: Terramar, 1996.
- FORMAN, W. e QUIRKE, S., *Hieroglyphs and the Afterlife in Ancient Egypt*, Londres: British Museum Press, 1996.
- FOSTER, J. L., *Ancient Egyptian Literature. An Anthology*, Austin: University of Texas Press, 2001.
- FRANKFORT, H., *La Religión del Antiguo Egipto*, Barcelona: Editorial Laertes, 1998.
- FROIDEFOND, C., *Le mirage égyptien dans la littérature grecque d'Homero a Aristote*, Aix-en-Provence: Ophrys, 1971.
- GARDINER, A. H., «The Idiom *iT in*», em *JEA* 24 (1938), 124-125.  
— *La Civiltà Egizia*, Turim: Giulio Einaudi Editore, 1997.
- GIDDY, L., «Memphis and Saqqara during the late Old Kingdom», em *Études sur l'Ancien Empire et la Nécropole de Saqqara, dédiés à Jean-Phillipe Lauer*, Orientalia Monspeliensia IX, Université Paul Valéry, Montpellier III, 1997, 189-200.
- GOEDICKE, H., «Papyrus Anastasi VI 51-61», em *SAK* 14 (1987), 83-98.
- GOMES, P., *Filosofia Grega Pré-Socrática*, Lisboa: Guimaraes Editores, 1994.
- GOYON, J.-C., *Rê, Maât et Pharaon ou le Destin de l'Égypte Antique*, Lyon: Éditions A. C. V., 1998.
- GRANDET, P., *Contes de l'Égypte ancienne*, Paris: Hachette Littératures, 1998.  
— *Le Papyrus Harris I*, 3 vol., Cairo: IFAO, 1999.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [s.d.].
- GRIFFITH, F. LL., *The Inscriptions of Siût and Dêr Rîfeh*, Londres: Trübner and Co., 1889.  
— «Fragments of Old Egyptian Stories from the British Museum and Amherst Collections», em *PSBA* 14 (1892), 451-475.
- GRIFFITH, F. LL. (ed.), *The Petrie Papyri. Hieratic Papyri from Kahun and Gurob*, Londres: Bernard Quaritch, 1898.
- GRIMAL, N., *Histoire de l'Égypte Ancienne*, Paris: Librairie Arthème Fayard, 1988.
- GRIMAL, N. e MENU, B. (ed.), *Le Commerce en Égypte Ancienne*, Cairo: IFAO, 1998.
- GUILHOU, N., *La Vieillesse des Dieux*, Montpellier: Institut d'Égyptologie, Université Paul-Valéry, 1989.
- HAGEN, R.-M. e R., *Egipto: Pessoas – Deuses – Faraós*, Colónia: Taschen, 1999.
- HARRIS, J. R. (org.), *O Legado do Egipto*, Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- HART, G., *Mythes Égyptiens*, Paris: Éditions du Seuil, 1993.
- HAYES, W. C., *The Scepter of Egypt*, vol. I, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 1990.

- HERÓDOTO, *L'Égypte. Histoires, livre II*, Paris: Les Belles Lettres, 1997.
- *Histórias, livro III*, Lisboa: Edições 70, 1994.
- HÉRY, F.-X. e ENEL, T., *L'Égypte, Mère du Monde*, Gordes: Questions de – Albin Michel, n° 110, 1997.
- HICKMANN, H., *Musicologie pharaonique*, Baden-Baden, Bouxwiller: Éditions Valentin Koerner, 1987.
- HOBSON, C., *Exploring the World of the Pharaohs. A Complete Guide to Ancient Egypt*, Londres: Thames and Hudson, 1997.
- HORNUNG, E., *Les Dieux de l'Égypte. L'Un et le Multiple*, Paris: Flammarion, 1992.
- *L'esprit du temps des Pharaons*, Paris: Philippe Leband Éditeur, Éditions du Félin, 1996.
- «Time in the Egyptian Netherworld», em *Cadmo* 11 (2001), 7-14.
- *L'Égypte Ésotérique*, Paris: Éditions du Rocher, 2001.
- HOULIHAN, P. F., *The Birds of Ancient Egypt*, Warminster: Aris & Phillips, 1986.
- *The Animal World of the Pharaohs*, Cairo: The American University in Cairo Press, 1996.
- HOWARD, E., *Breve história da arte do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- HUSSON, G. e VALBELLE, D., *L'État et les Institutions en Égypte, des premiers pharaons aux empereurs*, Paris: Armand Colin, 1992.
- IKRAM, S. e DODSON, A., *The Mummy in Ancient Egypt. Equipping the Dead for Eternity*, Londres: Thames and Hudson, 1998.
- JACQ, C., *Lexique des verbes de mouvement dans les Textes des Pyramides et les Textes des Sarcophages*, Velaux: Institut Ramsès, s. d.
- *Initiation à l'Égyptologie*, Paris: Éditions La Maison de Vie, 1994.
- *A Sabedoria Viva do Antigo Egipto*, Venda Nova: Bertrand Editora, 1998.
- *Poder e Sabedoria no Antigo Egipto*, Lisboa: Editora Pergaminho, 1998.
- *As Egípcias*, Porto: Edições Asa, 1998.
- *O Egipto dos Grandes Faraós*, Porto: Edições Asa, 1999.
- *O Mundo Mágico do Antigo Egipto*, Porto: Edições Asa, 2000.
- JAMES, T. G. H., *An Introduction to Ancient Egypt*, Londres: British Museum Publications, 1979.
- JEAN, G., *L'Écriture Mémoire des Hommes*, Paris: Gallimard, 1987.
- JEFFREYS, D. G., *The Survey of Memphis*, Londres: The Egypt Exploration Society, 1985.
- «The Topography of Heliopolis and Memphis: Some Cognitive Aspects», em *Sonderdruck aus Stationen. Beiträge zur Kulturgeschichte Ägyptens*, Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1998, 63-71.
- JEFFREYS, D. G., MALEK, J. e SMITH, S., «The Survey of Memphis, 1982», em *JEA* 70 (1983), 23-32.
- JONES, D., *A Glossary of Ancient Egyptian Nautical Titles and Terms*, Londres, Nova Iorque: Kegan Paul International, 1988.
- *Boats*, Londres: British Museum Press, 1995.
- JOURDAN, F., «The papyrus and its origins», em *Cahiers Caribéens d'Égyptologie (2). La Maât dans tous ses Etats*, Martinique: Editions Tyanaba, Février/Mars, 2001, 97-106.

- KANAWATI, N., *The Tomb and its Significance in Ancient Egypt*, Guiza: Prisme Archaeological Series 3, 1987.
- KEES, H., *Ancient Egypt. A cultural Topography*, Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1977.
- KEIMER, L., «Sprachliches und Sachliches zu elkw, Frucht der Sykomore», *AcOr(C)* 6 (1928), 288-304.
- KEMP, B. J., *Ancient Egypt. Anatomy of a Civilization*, Londres, Nova Iorque: Routledge, 1999.
- KITCHEN, K. A., *Poetry of Ancient Egypt*, Jonsered: Paul Åströms förlag, 1999.
- «Punt and how to get there», em *Orientalia* 40 (1971), 184-207.
- «Punt», em *LÁ IV*, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1982, cols. 1198-1201.
- KRUCHTEN, J. - M., «Law», em *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, vol. 2, Oxford: Oxford University Press, 2000, 277-282.
- KUHRT, A., *El Oriente Próximo en la Antigüedad, I (c. 3000-330 a. C.)*, Barcelona: Crítica, 2000.
- LALOUETTE, C., *La Littérature Égyptienne*, Paris: Presses Universitaires de France, 1981.
- *Textes Sacrés et Profanes de l'Ancienne Égypte*, vol. I (Des Pharaons et des hommes), Paris: Gallimard, 1984.
- *Textes Sacrés et Profanes de l'Ancienne Égypte*, vol. II (Mythes, contes et poésies), Paris: Gallimard, 1987.
- *Contes et Récits de l'Égypte Ancienne*, Paris: Flammarion, 1995.
- LAFFONT, É., *Les Livres de Sagesses des Pharaons*, Paris: Éditions Gallimard, 1979.
- LAMY, L., *Egyptian Mysteries. New light on ancient knowledge*, Londres: Thames and Hudson, 1997.
- LARA PEINADO, F., *Diccionario Biográfico del Mundo Antiguo. Egipto y Próximo Oriente*, Madrid: Alderabán Ediciones, 1998
- LAUER, J.-PH., *Saqqara. The Royal Cemetery of Memphis*, Londres: Thames and Hudson, 1976.
- LECLANT, J., «Documents nouveaux et points de vue récents sur les Sagesses de l'Égypte ancienne», em *Les Sagesses du Proche-Orient Ancien, Colloque de Strasbourg (17-19 mai 1962)*, Paris: Presses Universitaires de France, 1963, 5-26.
- LECLANT, J. (dir.), *Dictionnaire de l'Antiquité*, Paris: PUF, 2005.
- LEFEBVRE, G., «Lait de vache et autres laits en Égypte», em *RdE* 12 (1960), 59-65.
- *Romans et Contes Égyptiens de l'époque pharaonique*, Paris: Libr. J. Maisonneuve, 1988.
- LEHNER, M., *The Complete Pyramids*, Londres: Thames and Hudson, 1997.
- LEPSIUS, C. R., *Denkmäler aus Aegypten und Aethiopien*, Berlin: Abth. VI, 1859.
- LÉVÊQUE, P., *As Primeiras Civilizações*, vol. I (Os Impérios do Bronze), Lisboa: Edições 70, 1987.
- *As Primeiras Civilizações*, vol. II (A Mesopotâmia/Os Hititas), Lisboa: Edições 70, 1987.
- *As Primeiras Civilizações*, vol. III (Os Indo-Europeus e Os Semitas), Lisboa: Edições 70, 1987.
- LICHTHEIM, M., *Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings. Vol. I - The Old and Middle Kingdoms*, Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 1975.

- *Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings. Vol. II - The New Kingdom*, Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 1976.
- *Maat in Egyptian Autobiographies and Related Studies*, Fribourg/Göttingen, Biblical Institut of the University of Fribourg, Fribourg: University Press Fribourg, Vandenhoeck & Ruprecht, *OBO* 120, 1992.
- *Moral Values in Ancient Egypt*, Fribourg/Göttingen, Biblical Institut of the University of Fribourg, Fribourg: University Press Fribourg, Vandenhoeck & Ruprecht, *OBO* 155, 1997.
- LIPINSKI, E., «Les Phéniciens et l'Alphabet», em *OrAnt* 27 (1988), 232-260.
- LORET, V., «La turquoise chez les anciens Egyptiens», em *Kêmi* 1 (1928), 99-114.
- *La Flore Pharaonique*, Hildesheim, Nova Iorque: Georg Olms Verlag, 1975.
- LOPES, M. H. T., *O Homem Egípcio e a sua Integração no Cosmos*, Lisboa: Editorial Teorema, 1989.
- «A problemática da nomeação no Antigo Egipto», em *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 9 (1996), Lisboa: Ed. Colibri, 11-15.
- «Les noms propres au Nouvel Empire», em *Proceedings of the Seventh International Congress of Egyptologists*, Lovaina: Orientalia Lovaniensia Analecta, 1998, 703-711.
- «A “ordem” de Maat: um mito de Estado», em *Actas do Colóquio «Mythologias – usos da palavra na Antiguidade»*, Cadernos de Filosofia (Instituto de Filosofia da Linguagem), Lisboa: Ed. Colibri, 2001, 1-9.
- LÓPEZ GRANDE, M. J., QUESADA SANZ, M. A. e MOLINERO POLO, M.A., *Excavaciones en Ichnasya el Medina (Heracleópolis Magna)*, vol. II, Madrid: Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales, 1995.
- LOPRIENO, A., «Toward a geography of Egyptian Literature», em *Cadmo* 10 (2000), 41-56.
- *La pensée et l'écriture. Pour une analyse sémiotique de la culture égyptienne*, Paris: Cybele, 2001.
- LOPRIENO, A. (ed.), *Ancient Egyptian Literature. History and Forms*, Leiden, Nova Iorque, Colónia: E. J. Brill, 1996.
- LORTON, D., «The internal history of the Herakleopolitan period», em *Discussions in Egyptology* 8, 1987, Oxford, 1-28.
- MALAISE, M., «Sésostris, Pharaon de légende et d'histoire», em *CdE* 41 (1966), 244-272.
- MÁLEK, J., *Egyptian Art*, Londres: Phaidon Press Limited, 1999.
- MANLEY, B., *Atlas Historique de l'Égypte ancienne*, Paris: Editions Autrement, 1998.
- MANNICHE, L., *Music and Musicians in Ancient Egypt*, Londres: British Museum Press, 1991.
- *Egyptian Luxuries. Fragrance, aromatherapy, and cosmetics in pharaonic times*, Cairo: The American University in Cairo Press, 1999.
- *An Ancient Egyptian Herbal*, Londres: British Museum Press, 1999.
- *Sexual life in Ancient Egypt*, Londres, Nova Iorque: Kegan Paul, 2002.
- MARQUES, R., *Breve História da Ética Ocidental*, Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2000.
- MASPERO, G., *Contes populaires de l'Égypte Ancienne*, Paris: Maisonneuve & Larose, 1998.
- MATHIEU, B., *Abréviations des Périodiques et Collections*, Cairo: IFAO, 2003.
- MEEKS, D., «Notes de lexicographie», em *RdE* 26 (1974), 52-65.
- MEEKS, D. e MEEKS, C. F., *Les Dieux Égyptiens*, Paris: Hachette, 1995.

- MENU, B., *Vivre en Egypte Ancienne*, Paris: Découvertes Texto/Gallimard, 1998.
- «Principes fondamentaux du droit égyptien», em *CdE LXX* (1995), 99-109.
- «Méthodes et Perspectives pour l'Histoire du Droit Égyptien Ancien», em *Akten des Vierten Internationalen Ägyptologen Kongresses, München 1985*, vol. 4, Hamburgo: Helmut Buske Verlag, 1991, pp. 233-237.
- *Égypte pharaonique. Nouvelles recherches sur l'histoire juridique, économique et sociale de l'ancienne Égypte*, Paris: L'Harmattan, 2004.
- MIDANT-REYNES, B., *Préhistoire de l'Égypte. Des premiers Hommes aux premiers Pharaons*, Paris: Armand Colin, 1992.
- MIOSI, F. T., «A possible reference to the non-calendar week», em *ZÄS* 101 (1974), 150-152.
- MOKHTAR, M. G., *Ibnâsya El-Medina (Herakleopolis Magna). Its importance and its role in pharaonic history*, Cairo: IFAO, 1983.
- MORENO GARCIA, J. C., *Études sur l'administration, le pouvoir et l'idéologie en Égypte, de l'Ancien au Moyen Empire*, Liège: Ægyptiaca Leodiensia 4, 1997.
- *Hwt et le milieu rural égyptien du III<sup>e</sup> millénaire. Economie, administration et organisation territoriale*, Paris: Librairie Honoré Champion, 1999.
- MORENZ, S., *La Religion Égyptienne*, Paris: Payot, 1977.
- Moringa Home Page* em <http://www.mobot.org/gradstudents/olson/moringahome.html> (consultado em 03-11-2004).
- MOURA, V. G., «Tradução literária e passagem do tempo», em *Diário de Notícias*, de 29 de Abril de 2009, quarta-feira, p. 54.
- NANTET, E., «Le Gouvernail Égyptien. Le Gouvernail Égyptien Constituait-il le "Vice originel de la Marine Antique?"», em *Égypte, Afrique & Orient*, 64 (2011), 21-28
- NDIGI, O., «La Maât égyptienne et le Mbok basaa – notes pour une étude comparée des fondements constitutionnels de deux civilisations africaines», em *Cabiers Caribéens d'Égyptologie (2). La Maât dans tous ses Etats*, Martinique: Editions Tyanaba, Février/Mars, 2001, 79-86.
- NEWBERRY, P., *The Amberst Papyri: Being an Account of the Egyptian Papyri in the Collection of the Right Hon. Lord Amberst of Hackney*, Londres, 1899.
- NUNN, J. F., *Ancient Egyptian Medicine*, Londres: British Museum Press, 1996.
- OBENGA, T., *La philosophie africaine de la période pharaonique (2780-330 a. C.)*, Paris: L'Harmattan, 1990.
- *L'Égypte, la Grèce et l'École d'Alexandrie*, Paris: L'Harmattan, 2005.
- OBSOMER, C., *Les campagnes de Sésostris dans Hérodote*, Bruxelles: Connaissance de l'Égypte Ancienne, 1989.
- O'CONNOR, D. e SILVERMAN D. P. (eds.), *Ancient Egyptian Kingship*, Leiden: E. J. Brill, 1995.
- PADRÓ, J., *Études historico-archéologiques sur Héracléopolis Magna: la nécropole de la muraille méridionale*, Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, 1999.
- *Historia del Egipto faraónico*, Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- PARRA ORTIZ, J. M., *Cuentos Egipcios*, Madrid: Alderabán Ediciones, 1998.
- *Le Sexe au Temps des Pharaons*, Bordéus: Culture Studs, 2006.
- PARKINSON, R. B., *Voices from Ancient Egypt, an Anthology of Middle Kingdom Writings*, Londres: British Museum Press, 1991.

- *The Tale of Sinube and Other Ancient Egyptian Poems (1940-1640 B.C.)*, Oxford: University Press, 1997.
- *Poetry and Culture in Middle Kingdom Egypt. A Dark Side to Perfection*, Londres, Nova Iorque: Continuum, 2002.
- PARKINSON, R. B. e QUIRKE S., *Papyrus*, Londres: British Museum Press, 1995.
- PÉREZ ARROYO, R., *La Música en la Era de las Pirámides*, Madrid: Editorial Centro de Estudios Egipcios, S. L., 2001.
- PÉREZ-DIE, M. C., «La necrópolis del Primer Periodo Intermedio de Heracleópolis Magna: estado de la cuestión», em *Hatbor* 3 (1991), 93-100.
- PÉREZ-DIE, M. C. e VERNUS, P., *Excavaciones en Ihnasya el Medina (Heracleópolis Magna)*, vol. I, Madrid: Ministerio de Cultura, Direccion General de Bellas Artes y Archivos, Instituto de Conservacion y restauracion de Bienes Culturales, 1992.
- PIACENTINI, P., *Les scribes dans la société égyptienne de l'Ancien Empire*, vol. I (Les premières dynasties. Les nécropoles memphites), Paris: Cybele, 2002.
- PINTO, C., *A Mulher e o Amor no Egípto Antigo*, Lisboa: Campo da Comunicação, 2007.
- PIRENNE, J., *Histoire des Institutions et du Droit Privé de l'Ancienne Égypte*, IV vol., Bruxelles: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1932.
- PLUTARCO, *Ísis e Osíris*, Lisboa: Fim de Século - Edições, Sociedade Unipessoal, 2001.
- POMEY, P., «Les Bateaux d'Ayn Soukhna. Les Plus Vieux Vestiges de Navires de Mer Actuellement Connus», em *Egypte, Afrique & Orient*, 64 (2011), 3-12.
- POSENER, G., *Littérature et politique dans l'Égypte de la XII<sup>e</sup> dynastie*, Paris: Librairie Honoré Champion, Éditeur, 1969.
- *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris: Fernand Hazan, 1998.
- POSTEL, L., *Protocole des souverains égyptiens et dogme monarchique au début du Moyen Empire. Des premiers Antef au début du règne d'Amenembat I*, Turnhout: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth/Brepols Publishers, 2004.
- PRÉLOT, M., *As Doutrinas Políticas*, Lisboa: Editorial Presença, 4 volumes, 1974.
- PRISSE D'AVENNES, E., *Atlas of Egyptian Art*, Cairo: Zeitouna Book, The American University in Cairo Press, 1997.
- QUIBELL J. E., *Excavations at Saqqara (1905-1906)*, Cairo: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1907.
- *Excavations at Saqqara (1911-1912). The Tomb of Hesy*, Cairo: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1913.
- *Excavations at Saqqara (1912-1914). Archaic Mastabas*, Cairo: Imprimerie de l'Institut Français d'Archéologie Orientale, 1923.
- QUIRKE, S., «The regular titles of the Late Middle Kingdom», em *RdE* 37 (1986), 107-130.
- QUIRKE, S. (ed.), *The Temple in Ancient Egypt. New discoveries and recent research*, Londres: British Museum Press, 1997.
- QUIRKE, S. e SPENCER, J., *British Museum. Le Livre de l'Ancienne Égypte*, Paris: Philippe Lebaud Éditeur, 1995.
- RACHET, G. e M. F., *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris: Librairie Larousse, 1968.
- REALE, G., *Introdução a Aristóteles*, Lisboa: Edições 70, 2001.

- REDFORD, D. B., *Egypt, Canaan and Israel in Ancient Times*, Princeton: Princeton University Press, 1992.
- REDFORD, D. B. (ed.), *The Ancient Gods Speak. A guide to Egyptian Religion*, Oxford: Oxford University Press, 2002
- REGO, E. C., *A «Sobrevivência» do Defunto no Império Médio. O Contributo das Mesas de Oferendas*, Lisboa, Dissertação de mestrado de História das Civilizações Pré-Clássicas apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (texto policopiado), 1996.
- REEVES, N., *Ancient Egypt. The Great Discoveries*, Londres: Thames and Hudson, 2001.
- RIDOLFI, F. F., *Vita Quotidiana nell'Antico Egitto*, Roma: Bardi Editore, 2000.
- RITTER, T., «On Particles in Middle Egyptian», em *LingAeg* 2 (1992), 127-137.
- ROBINS, G. e SHUTE, C., *The Rhind Mathematical Papyrus*, Londres: British Museum Press, 1998.
- RODRIGUES, T., «A população do Antigo Egipto: quantitativos e comportamentos demográficos», em *Hathor* 2 (1990), 23-37.
- ROSSI, R., *Os Egípcios. História, sociedade e Religião*, Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- SALES, J. C., *A Ideologia Real Académica e Egípcia*, Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- *As Divindades Egípcias*, Lisboa: Editorial Estampa, 1999.
- «As fórmulas protocolares egípcias ou formas e possibilidades do discurso de legitimação no antigo Egipto», em *Cadmo* 16 (2006), 101-24.
- «Concepção e percepção de tempo e de temporalidade no Egipto antigo», em *Cultura* 28 (2006), 19-37.
- *Estudos de Egiptologia. Temas e Problemáticas*, Lisboa: Livros Horizonte, 2007.
- *Poder e Iconografia no Antigo Egipto*, Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- SAUNERON, S., «L'Avis des Égyptiens sur la cuisine Soudanaise», em *Kush* 7 (1959), 63-69.
- SCHULZ, R e SEIDEL, M. (eds.), *Egipto. O Mundo dos Faraós*, Colónia: Könnemann, 2001.
- SCHWARZ, F. *Egipto Iniciático*, Lisboa: Ésquilo, 2007.
- SHAW, I. (ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford: Oxford University Press, 2003.
- SHAW, I. e NICHOLSON, P. T., *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Londres: British Museum Press, 1995.
- *Ancient Egyptian Materials and Technology*, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- SILVERMAN, D. P., *Interrogative Constructions with jn and jn-jw in Old and Middle Egyptian*, Malibu: Bibliotheca Aegyptia I, Undena Publications, 1980.
- *Au Cœur de l'Égypte Ancienne*, Paris: Larousse, 2001.
- SIMON-BOIDOT, Cl., «Accessoires de porteurs d'eau», em *BCLE* 9 (1995), 25-32.
- SIMPSON, W. K. (ed.), *The Literature of Ancient Egypt*, New Haven, Londres: Yale University Press, 1973.
- *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, New Haven: Yale Egyptological Studies 3, 1989.
- SMITH, S., *The Art and Architecture of Ancient Egypt*, New Haven, Londres: Yale University Press, 1998.
- SOULIÉ, D., *Villes et citadins au temps des pharaons*, Paris: Éditions Perrin, 2002.
- SOUSA, R. F., *Os Doces Versos. Poemas de Amor do Antigo Egipto*, Fafe: Labirinto, 2001.



- *A Simbólica do Coração no Antigo Egipto. Estudo de antropologia religiosa sobre a representação da consciência*, dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (texto policopiado), 2006.
- «A noção de coração no Egipto faraónico: uma síntese evolutiva», em *Percursos do Oriente Antigo*. Homenagem a José Nunes Carreira, Lisboa: Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004, 529-554.
- *Iniciação e Mistério no Antigo Egipto*, Lisboa: Ésquilo, 2009.
- *O Livro das Origens. A inscrição teológica da Pedra de Chabaka*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- *Em Busca da Imortalidade no Antigo Egipto. Viagem às Origens da civilização*, Lisboa: Ésquilo, 2012.
- STETTER, C., *The Secret Medicine of the Pharaohs*, Carol Stream (Illinois): Edition Q, 1993.
- STIERLIN, H., *The Pharaohs Master-builders*, Paris: Éditions Pierre du Terrail, 1995.
- STRUDWICK, N. and H., *Thebes in Egypt*, Nova Iorque: Cornell University Press, 1999.
- SWELIM, N., «Pyramid Research. From the Archaic to the Second Intermediate Period. List, Catalogues and Objectives», em *Hommage à Jean Leclant*, vol I (1993), Cairo: Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire, 337-349.
- TALLET, P., *Sésostris III et la fin de la XII<sup>e</sup> dynastie*, Paris: Éditions Flammarion, 2005.
- *La Cuisine des Pharaons*, Arles: Actes Sud, 2003.
- TAVARES, A. A., *Estudos da Alta Antiguidade*, Lisboa: Editorial Presença, 1983.
- *Impérios e Propaganda na Antiguidade*, Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- TAYLOR, J. H., *Death and the Afterlife in Ancient Egypt*, Londres: British Museum Press, 2001
- TEETER, E., *The Presentation of Maât. Ritual and Legitimacy in Ancient Egypt*, SAOC 57, Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, 1997.
- THEIMER, W., *História das Ideias Políticas*, Lisboa: Editora Arcádia, 1970.
- THÉODORIDÈS, A., *Vivre de Maât. Travaux sur le droit égyptien ancien*, première partie, Bruxelles, Lovaina: Société Belge d'Études Orientales, 1995.
- *Vivre de Maât. Travaux sur le droit égyptien ancien*, seconde partie, Bruxelles, Lovaina: Société Belge d'Études Orientales, 1995.
- *Individu, société et spiritualité dans l'Égypte pharaonique et copte*, Atenas, Bruxelles: Mons, 1993.
- TRAUNECKER, C., *Os Deuses do Egipto*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.
- TRIGGER, B. G., KEMP, B. J., O'CONNOR, D. e LLOYD, A. B., *Historia del Egipto Antiguo*, Barcelona: Crítica, 1997.
- TYLDESLEY, J., *Judgement of The Pharaoh. Crime and Punishment in Ancient Egypt*, Londres: Weidenfeld & Nicholson, 2000.
- UPHILL, E. P., «The Office *sd3wty bity*», em *JEA* 61 (1975), 250.
- *Egyptian Towns and Cities*, Buckinghamshire: Shire Publications Ltd., 2001.
- VALBELLE, D., *A Vida no Antigo Egipto*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990.
- *L'Égyptologie*, Paris: Presses Universitaires de France, 1991.
- *Histoire de l'État Pharaonique*, Paris: Presses Universitaires de France, 1998.



- VALDEZ, M. A., «O Conto do Naufrago. Três personagens à procura de intérprete», em *Cadmo* 14 (2004), 109-123.
- VALLOGIA, M., *Recherche sur les «messagers» (wpwtwy) dans les sources égyptiennes profanes*, Genève, Paris: Librairie Droz, 1976.
- VANDERSLEYEN, C., *L'Égypte et la Vallée du Nil Tomo II. De la fin de l'Ancien Empire à la fin du Nouvel Empire*, Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- *Ouadj our. Un autre aspect de la vallée du Nil* Bruxelles: Connaissance de l'Égypte Ancienne, 1999.
- VÁRIOS, *Mistérios e Descobertas no Antigo Egípto*, Cascais: Editora Pergaminho, 2001.
- *O Antigo Egípto. Os segredos do Alto Egípto*, Cascais: Editora Pergaminho, 2001.
- VARTAVAN, C. e AMORÓS, A. V., *Codex des restes végétaux de l'Égypte ancienne*, Londres: Triade Exploration, 1997.
- VERCOUTTER, J., *L'Égypte et la Vallée du Nil. Tome I. Des origines à la fin de l'Ancien Empire*, Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- *À la Recherche de l'Égypte Oubliée*, Paris: Gallimard, 1998.
- VERGOTE, J., «La notion de Dieu dans les livres de sagesse égyptiens», em *Les Sagesse du Proche-Orient Ancien, Colloque de Strasbourg (17-19 mai 1962)*, Paris: Presses Universitaires de France, 1963, 159-190.
- «Problèmes relatifs aux méthodes d'enseignement dans l'Égypte ancienne», em *Les Sagesse du Proche-Orient Ancien, Colloque de Strasbourg (17-19 mai 1962)*, Paris: Presses Universitaires de France, 1963, 191-207.
- VERNUS, P., *Atribis. Textes et documents relatifs à la géographie, aux cultes et à l'histoire d'une ville du Delta égyptien à l'époque pharaonique*, Cairo: IFAO, 1979.
- «Formes “emphatiques” en fonction non “emphatique” dans la protase d'un système corrélatif», em *GM* 43 (1981), 73-88.
- *Le Surnom au Moyen Empire*, Roma: Biblical Institute Press, 1986.
- «L'égypto-copte», em J. Perrot (dir.), *Les Langues dans le Monde Ancient et Moderne. Troisième Partie: Les Langues Chamito-Sémitiques*, Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1988.
- «Les espaces de l'écrit dans l'Égypte Pharaonique», em *BSFE* 119 (1990), 35-56.
- *Future at Issue. Tense, Mood and Aspect in Middle Egyptian: Studies in syntax and semantics*, New Haven: Yale University, 1990.
- «A propos de certains substantifs formées sur *mtr*», em *Hathor* 2 (1990), 17-22.
- «Les “decrets” royaux (*wḏ-nsw*): l'enoncé d'auctoritas comme genre», em *Akten des Vierten Internationalen Ägyptologen Kongresses, München 1985*, vol. 4, Hamburgo: Helmut Buske Verlag, 1991, pp. 239-246.
- *Chants d'Amour de l'Égypte Antique*, Paris: Imprimerie Nationale Éditions, 1992.
- *Affaires et Scandales sous les Ramsès*, Paris: Éditions Pygmalion/Gérard Watelet, 1993.
- *Essais sur la conscience de l'histoire dans l'Égypte Pharaonique*, Paris: Librairie Honoré Champion Editeur, 1995.
- *Les Parties du Discours en Moyen Égyptien*, Genève: Cahiers de la Société d'Égyptologie 5, 1997.
- *Sagesse de l'Égypte pharaonique*, Paris: Imprimerie Nationale Éditions, 2001.
- VERNUS, P. e YOYOTTE, J., *Dictionnaire des Pharaons*, Paris: Éditions Noësis, 1996.

- VERNUS, P. e LESSING, E., *Dieux de l'Égypte*, Paris: Imprimerie Nationale Éditions, 1998.
- VINSON, S., *Egyptian Boats and Ships*, Londres: Shire Publications Ltd, 1994.
- *The Nile Boatman at Work*, Mainz am Rhein: Münchner Universitätschriften, Philosophische Fakultät, *MÄS* 48, 1998.
- VIKENTIEV, V., «Le retour d'Ulysse du point de vue égyptologique et folklorique. Parallèles anciens et moyenâgeux», em *BIE* 29 (1948), 193-241.
- WALKER, J. H., *Studies in Ancient Egyptian Anatomical Terminology*, Warminster: Aris and Phillips, 1996
- WARD, W. A., *Index of Egyptian Administrative and Religious Titles of the Middle Kingdom*, Beirute: American University of Beirut, 1982.
- «The Biconsonantal Root \*bʒ and Remarks on Bilabial Interchange in Egyptian», em *ZÄS* 102 (1975), 60-67.
- WILDUNG, D., *L'Âge d'Or de l'Égypte*, Paris: Presses Universitaires de France, 1984.
- WILSON, H., *Povo dos Faraós*, Mem Martins: Lyon Edições, 2001.
- WILKINSON, A., *The Garden in Ancient Egypt*, Londres: Rubicon Press, 1998.
- WILKINSON, R. H., *Reading Egyptian Art. A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture*, Londres: Thames and Hudson, 1994.
- *Symbol & Magic in Egyptian Art*, Londres: Thames & Hudson, 1994
- *The Complete Temples of Ancient Egypt*, Londres: Thames & Hudson, 2000.
- WILLIAMS, R. J., «Literature as a Medium of Political Propaganda in Ancient Egypt», em W. S. McCullough, *The Seed of Wisdom. Essays in Honour of T. J. Meek*, Toronto: 1964, 14-30.
- ZANDEE, J., *Death as an Enemy, according to Ancient Egyptian Conceptions*, Leiden: E. J. Brill, 1960.
- ZAZZARO, C., «Les ancras de Mersa Gawasis», em *Egypte, Afrique & Orient*, 64 (2011), 13-20.

## ABREVIATURAS, SIGLAS E TÍTULOS UTILIZADOS

- AAWB* = *Abhandlungen der preussischen Akademie der Wissenschaften*, Berlim. Continuada pela *APAW*.
- AcOr(B)* = *Acta Orientalia. Acad. scientiar hungar.*, Akad. Kiadó, Budapeste.
- AcOr(C)* = *Acta Orientalia. Soc. orient. batava, danica, fennica, norvegica, suecica*, Lund, Copenhaga.
- AJA* = *American Journal of Archaeology*, Nova Iorque.
- APAW* = *Abhandlungen der deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*, Berlim. Kl. Continuação da *AAWB*.
- ÄUAT* = *Ägypten und Altes Testament, Festschrift für Gerhard Fecht, Jürgen Osing e Günter Dreyer (eds.)*, Wiesbaden.
- ASAE* = *Annales du Service de Antiquités de l'Égypte*, Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire, Cairo.
- BCLE* = *Bulletin du Cercle lyonnais d'Égyptologie Victor Loret*, Lyon.
- BFA* = *Bulletin of the Faculty of Arts*. University of Cairo, Cairo.
- BIE* = *Bulletin de l'Institute égyptien*, depois *Bulletin de l'Institute d'Égypte*, Cairo.
- BIFAO* = *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Orientale*, Cairo.
- BSEG* = *Bulletin de la Société d'Égyptologie*, Société d'Égyptologie, Genève.
- BSFE* = *Bulletin de la Société Française d'Égyptologie*, Société Française d'Égyptologie, Paris.
- Cadmo* = Revista de História Antiga. Revista fundada pelo Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa é actualmente uma revista do Centro de História da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- CabKarn* = *Cabiers de Karnak*. Centre franco-égyptien d'étude des temples de Karnak, Paris. Continuação da anterior revista Kêmi.
- CdE* = *Chronique d'Égypte*. Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, Bruxelas.
- CIREF* = *Centre d'information, de recherches et d'études francophones*, Paris.
- Clio* = Revista de História do Centro de História da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Cultura* = Revista de História e Teoria das Ideias do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- DE* = *Discussions in Egyptology*, A. Mibbi, Oxford.

*EAO* = *Egypte, Afrique & Orient*, Centre Vauclusien d'Égyptologie, Avinhão. Sigla actual da anterior revista *Egypte*.

*Egypte* = *Egypte. Afrique et Orient*. Centre Vauclusien d'Égyptologie, Avinhão. Continuação da revista *Egyptes*.

*Egyptes* = *Egyptes. Histoires et Cultures*. Centre Vauclusien d'Égyptologie, Avinhão. Continuada pela revista *Egypte*.

*GM* = *Göttinger Miszellen*. Universität Göttingen, Göttingen.

*Hathor* = *Hathor*, Estudos de Egíptologia. Associação Portuguesa de Egíptologia, Lisboa.

*ICAD* = *Institut Cheikh Anta Diop*. Université de Libreville, Gabão.

*IFAO* = Institut Français d'Archéologie Orientale, Cairo.

*IOS* = *Israel Oriental Studies*. Faculty of Humanities, University of Tel-Aviv, Tel-Aviv.

*JAOS* = *Journal of the American Oriental Society*, New Haven (Conn.).

*JARCE* = *Journal of the American Research Center in Egypt*, American Research Center in Egypt, Nova Iorque.

*JEA* = *Journal of Egyptian Archaeology*, Egyptian Exploration Society, Londres.

*JNES* = *Journal of Near Eastern Studies*, University of Chicago, Chicago.

*JSSEA* = *Journal of the Society for the Study of Egyptian Antiquities*, Toronto.

*JSTOR* = *Journal of the American Oriental Society*, University of Michigan, Ann Arbor.

*Kêmi* = *Kêmi*. Revue de philologie et d'archéologie égyptiennes et coptes, Paris. Continuada pelos CahKarn.

*Kush* = *Journal of the Sudan Antiquities Service*, Sudan Antiquities Service, Khartoum.

*LÄ* = *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz, Wiesbaden.

*LingAeg* = *Lingua aegyptia*. Journal of Egyptian Studies Semin. für Ägyptologische und Koptologische, Göttingen.

*MÄS* = *Münchener ägyptologische Studien*, Münchner Universitätschriften, Berlim, Munique.

*MDAIK* = *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts, Abteilung Kairo*, Mainz, Berlim, Wiesbaden

*MDIK* = *Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts*, Cairo.

*NSSEA* = *Newsletter of the Society for the Study of Egyptian Antiquities*, The Society for the Study of Egyptian Antiquities, Toronto.

*OLA* = *Orientalia Iovaniensia analecta*. Departamento de Orientalismo, Lovaina.

*OrAnt* = *Oriens antiquus*. Rivista internazionale del Centro per le Antichità e la storia dell'ante del Vicino Oriente, Roma.

*Orientalia* = *Orientalia*. Comment. periodici. Pontificio Istituto Biblici, Roma.

*OBO* = *Orbis Biblicus et Orientalis*, Biblical Institut of the University of Fribourg, Fribourg.

*PUF* = *Presses Universitaires de France*, Paris.

*PSBA* = *Proceedings of the Society of Biblical Archaeology*, The Society of Biblical Archaeology, Londres.

*RdE* = *Revue d'Égyptologie*, Société Française d'Égyptologie, Paris, Lovaina.

*REgA* = *Revue de l'Égypte ancienne*, Paris. Continuação da *RevEg*. Continuada pela *RdE*.

*RevEg* = *Revue égyptologique*, Paris. Continuada pela *REgA*.

*RHR* = *Revue de l'Histoire des Religions*, Paris

*RT* = *Recueil de travaux relatifs à la philologie et à l'archéologie égyptiennes et assyriennes*, Paris.

*SAK* = *Studien zur Altägyptischen Kultur*, Hamburgo.

*SAOC* = *Studies in Ancient Oriental Civilization*, The Oriental Institute of the University of Chicago, Chicago.

*SCO* = *Studi classici e orientali*. Università degli studi di Pisa. Istituto per le Scienze dell'Antichità, Pisa.

*Serapis* = *Serapis*. *American Journal of Egyptology*, Chicago (Illinois).

*Sphinx* = *Sphinx*. *Revue crit. embrassant le domaine entier de l'égyptologie*, Uppsala.

*StudAeg* = *Studia aegyptiaca*, Budapeste.

*ZÄS* = *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Altertumskunde*, Hinrichs'sche Buchhandlung /Akademie-Verlag, Leipzig, Berlin.

Série Investigação

•

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2013

